



Meus agradecimentos a José Carlos Trindade, por sua leitura metódica, paciente e sugestões indispensáveis.

Iconografia: Instituto Histórico Vereador Thomé Siqueira Barreto; Última Hora; Voz Operária; Luta Democrática; Folha da Cidade; Vida Doméstica; coleção do autor.





Maltrato a última flor do Lácio,
mas liberto o meu dizer.

Prefácio

Antes de começar a falar sobre o presente livro, devo admitir que, apesar da honra e alegria de poder prefaciá-lo, tive a impressão de estar num beco sem saída. Vários motivos me deixaram com essa sensação. O primeiro foi o fato de sofrer o que em inglês se chama "writer's block" (bloqueio de escritor). Meus textos da faculdade provam isso. O segundo já foi escrito pelo próprio autor desta obra, quando diz que é muito difícil falarmos de algo que conhecemos bem. Por isso, seria um verdadeiro "trabalho de Hércules" iniciar estas linhas...

O convite para prefaciá-lo "Caxias de Antigamente" veio acompanhado do pedido de revisão do texto. Mesmo considerando as palavras que agora escrevo como um grande desafio, aceitei ambas as propostas sem relutar. Afinal de contas, sou estudante do Curso de Letras e caxiense legítimo, de berço e coração!

Tendo nascido e vivido em Caxias até os 22 anos, reconheço que a cidade que o autor descreve de modo coloquial, está muito longe de ser a mesma que conheci. Ler e revisar "Caxias de Antigamente" me levou para uma viagem no tempo. Uma viagem onde os campos, modestas casas, e a rádio receptora do DCT, localizados em São Bento, apareciam diante dos meus olhos de maneira nítida. Os tempos eram bem diferentes, afinal, a cidade é retratada entre as décadas de 50 até 80.

Contrastando com minha visão romantizada da Caxias dos anos 50, vamos encontrar uma cidade que na segunda metade dos anos 60 sofre os efeitos de uma severa crise política. Em 1964, o governo de Jango seria derrubado e em seu lugar se instauraria uma ditadura de triste memória, que ia dominar o país, praticamente, até 1985, época das eleições indiretas para a presidência da república. Os atos institucionais passariam a fazer parte de nossa rotina. Pessoas seriam cassadas e destituídas de seus direitos. A liberdade se tornaria "produto" escasso em nosso país.

Deixemos a política de lado, pois o livro em questão nunca teve a pretensão de ser panfletário. O que temos aqui é apenas o registro de

uma época levada pelas águas do rio do tempo, mas que nem por isso deixou de ser importante para a história da cidade, muito menos esquecida. O que fica marcado nas páginas de "Caxias de Antigamente" são as memórias de uma Duque de Caxias onde ainda havia espaço para o pioneirismo da Escola Mate com Angu, para a ousadia das mostras de Arte, para os versos de Barboza Leite, e até para o nosso "Woodstock", que recebeu o nome de "O Dia da Criação".

Não podemos esquecer dos jovens politicamente engajados que faziam "hora" no bar e restaurante "O Garoto Fluminense", sempre discutindo política e filosofia, numa época em que esses assuntos eram proibidos. É ótimo também ler a respeito dos hilários episódios ocorridos no Cinema Popular e seu inesquecível segurança Pisa na Fulô. Este, volta e meia, colocava algum engraçadinho para fora, quando o mesmo o chamava pela alcunha maldita. E como é bom lembrar ou imaginar a antiga feira de Caxias, com suas barraquinhas de comida e artigos nordestinos.

A obra "Caxias de Antigamente" não tem a intenção de ser uma aula de História, cheia de datas precisas e objetividade "científica", do ponto de vista acadêmico. O desejo do autor é retratar a Duque de Caxias de 1950 a 1980, sem uma cronologia formal. Mas que, ainda assim, possa ser usada para futuros estudos da nossa cidade. Isso fica comprovado na forma como a narrativa é feita, sempre indo e vindo no tempo, de acordo com a vontade e memória do autor.

Confesso que, ao terminar a revisão destas linhas, senti um "aperto no coração", pois a agradável "viagem no tempo" a que fui levado, chegava ao fim e as belas imagens da minha querida Caxias iam se esmaecendo, ficando para trás...

Marcos Rogério Borges da Cunha

1- Caxias de antigamente, primeira impressões

Inicio estas linhas tentando explicar, se for possível, o significado da palavra antigamente, ao menos como eu a entendo. Antigamente é algo que passou, um quadro pendurado na "*parede da memória*". Antigamente pode ser uma coisa que aconteceu há cinco, dez, cem ou mil anos. Como se vê, antigamente é coisa imponderável, que não pode ser medida, que não tem exatidão.

É de uma Caxias de antigamente que pretendo falar. E o meu antigamente situa-se, mais ou menos, entre os anos 50 e 80 do século que passou. Acho que é isso.

Pisei pela primeira vez o solo da terra disputada pelo Pacificador, por Tenório e Joãozinho da Goméia no início dos anos 50.



Joãozinho da Goméia, o "Rei do Candomblé".

Vinha com o meu pai para conhecer São Bento, local onde iríamos morar. Na época, estava com uns 10 ou 11 anos. Não me lembro bem. Lembro, porém, que mudaríamos de Vaz Lobo para São Bento acompanhando o meu velho, transferido dos Correios da Praça 15 (hoje Paço Imperial) para a estação rádio receptora do DCT, que ficava no Núcleo Colonial de São Bento, bem em frente da velha fazenda dos padres beneditinos.

Caxias me pareceu um local muito diferente de tudo aquilo que até então eu tinha visto. Nascido no Engenho de Dentro e tendo morado em Todos os Santos, Méier e Vaz Lobo, bairros do antigo Distrito Federal, estranhei muito a cidade. Tudo era diferente, começando pelo ônibus que nos levou para São Bento. Era um veículo do tipo (mas não exatamente) "Camões", uma bem humorada alusão ao poeta português cego de um olho. O veículo tinha um dos pára-brisas recuado, o que justificava o apelido. Sua mecânica era inglesa e a carroceria fabricada pela Grassi, de São Paulo. Uma única porta servia de entrada e saída para os passageiros. Outro aspecto curioso era o grande número de carroças puxadas por cavalos e burros. O trem, que no Distrito Federal era elétrico e metálico, aqui era a vapor, maria-fumaça, com vagões de madeira, mais velhos que a Sé de Braga.



Era num ônibus parecido com este que a gente ia para São Bento.

A Praça do Pacificador abrigava uma improvisada e feia rodoviária de madeira, além de uma bica d'água onde os "rola-rola" e as latas de banha eram enfileiradas pela gente pobre que ali recolhia o "precioso líquido". Poços e carros-pipa completavam o improvisado "sistema de abastecimento" da cidade. Entre a praça e a via férrea funcionava um parque de diversões, na verdade um "mafuá", que abrigava jogos de azar.



A Praça do Pacificador abrigava uma improvisada e feia rodoviária de madeira.

A Rio-Petrópolis, a partir da praça e seguindo até a casa do Tenório, era, ao anoitecer, o território dominado pelas boates, cabarés, "hotéis de alta rotatividade", prostitutas, "otários" e rufias. Era também na Rio-Petrópolis que ficavam as lojas que vendiam armas, munição, material para caça, pesca e fogos de artifício. Curiosamente, um desses estabelecimentos era batizado com o nome do padroeiro da cidade: Casa Santo Antônio. Porém de "santo ou santa" a casa não tinha nada. Mas existiam outras duas com os sugestivos nomes de Casa São Pedro e Casa São João, obviamente também dedicadas ao inocente comércio de fogos e armas.

Lembrando o velho Sérgio Buarque, digo que o antigo Estado do Rio era "o lado de baixo do Equador", local onde o pecado não existia. O que não se podia fazer na Capital Federal - cheia de "otoridades" civis, militares e eclesiásticas a zelar por nossa moral e bons costumes, aqui se fazia escancaradamente.

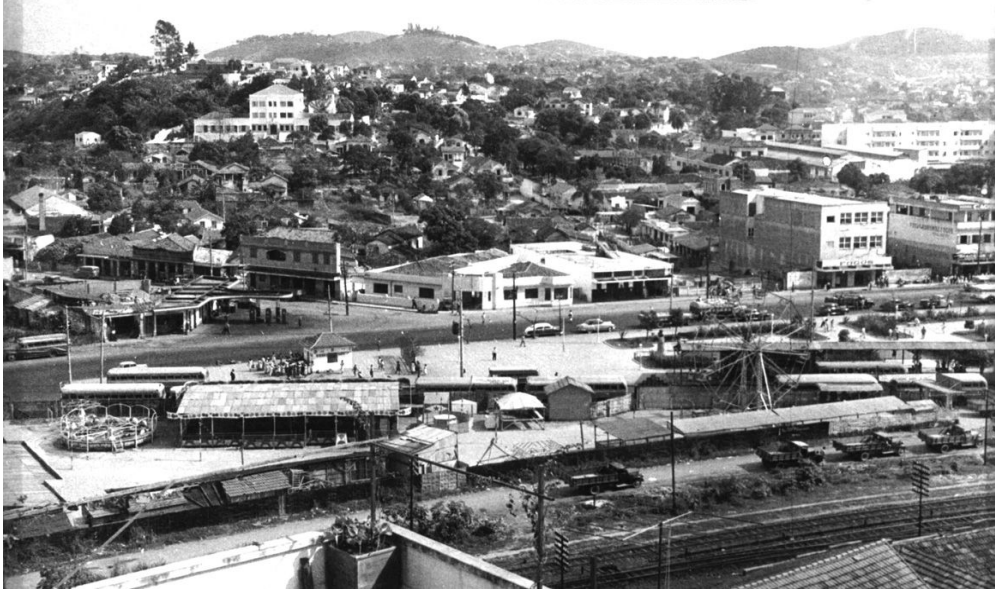
Poucas eram as ruas calçadas, a iluminação pública ficava limitada ao centro e aos bairros da classe média. Mas, assim mesmo, vez por outra, lá vinha um apagão e dos grandes.



Poucas eram as ruas calçadas.

O jogo do bicho funcionava escancarada e livremente em lojas unicamente restringidas por um quebra-vento. No Distrito Federal não era assim, o "escritório" do bicheiro era o poste da Light. A loteria "Três Batutas", do João Bicheiro, durante muitos anos imperou na Caxias de antigamente. Mas tivemos também a Paratodos Loterias, O Cravo da Sorte e Caçula Loterias.

Estas foram, inicialmente, as minhas primeiras impressões sobre aquela cidade estranha que, a partir daí, passaria a ser minha também.



Vizinho da "bica da bica d'água" ficava um mafuá que abrigava jogos de azar.

2-Lalú e Benedicta

Eram meus avós maternos. Nasceram e viveram, boa parte da vida, na Paraíba do Sul. Ele dentista prático licenciado, ela costureira. Ele conseguindo conciliar kardecismo e comunismo. Ela católica, apostólica, romana; praticante radical, uma verdadeira xiita.

Mas não pensem que essas, aparentemente inconciliáveis, diferenças ideológicas perturbavam a vida do casal. Nada disso, viviam muito bem. Acredito que se amavam verdadeiramente. Não aquele amor meloso, roliudiano, egoísta, cheio de palavras bonitas, mas vazias. Se amavam, simplesmente, mesmo com visões diferentes de ser e viver. A humanidade - para ele, comunista, e para ela, católica -, era a razão verdadeira de suas existências.

Tiveram cinco filhos de sangue e criaram seis adotivos. Viviam modestamente, mas provendo o lar de tudo aquilo necessário para uma vida modesta, mas digna.

Não sei exatamente porque resolveram sair da Paraíba e vir para o antigo Distrito Federal. Aqui passaram a morar no Méier. Ele continuou exercendo a profissão de dentista, ela a de costureira.

Vitimado por uma cirrose hepática, Lalú se foi, deixando na casa da rua Hermengarda a sua Benedicta com os filhos ainda solteiros, Saulo, Aldail e Maria Justina. Por essa época, Célia e Cleia já estavam casadas.

Certo dia, minha mãe, que depois de casada passou a morar com os sogros, resolveu voltar comigo para o lar paterno. A mistura nora e sogra produz, quase sempre, algo explosivo. Aí, fomos viver com a minha avó, trocando Todos os Santos pelo Meier.

Tenho poucas lembranças da casa dos meus avós paternos, um imóvel bem cuidado, com jardim cheio de flores, vários cômodos, grande quintal abrigando pés de jamelão e oferecendo um porão cheio de coisas velhas que me encantavam. Uma antiga "vitrola" que tocava discos de Dorival Caymmy, completam essas escassas reminiscências.

A casa da vovó Benedicta também era grande, com quatro quartos espaçosos, sala de bom tamanho, despensa, onde fazíamos as refeições e uma cozinha com paredes encardidas e cujos portais estavam carcomidos por cupins. Não era uma casa bonita, mas dava para abrigar, com relativo conforto, aquela grande família: vovó, minha mãe, eu, meus três tios, Rosane e Levaldina. Rosane e Levaldina eram meninas que d. Benedicta abrigava.

Criar filhos de outras pessoas parecia ser uma fatalidade para minha avó. Quando se casou com Lalú, levou consigo Alcides, uma criança que pegara para criar. Vejam que coisa fora de propósito: uma moça solteira, bem jovem, responsável por uma criança que ainda engatinhava. Ao longo de sua vida foi "coleccionando" menores

desvalidas: Edi, Ercília, Maria Eugênia, Conceição, Levaldina, Rosane e Maria "Cachucha", a última adotada. Com exceção de Levaldina, Rosane e Maria "Cachucha", as demais já estavam casadas e eram mães.



A casa da vovó Benedicta também era grande, com quatro quartos espaçosos, sala de bom tamanho, despensa, onde fazíamos as refeições e uma cozinha com paredes encardidas e cujos portais estavam carcomidos por cupins.

Um dia a mãe de Rosane, depois de se aprumar na vida, levou a menina. Aí, Levaldina passou a ser minha única companheira de folguedos naquela casa grande e cheia de gente adulta. Era quase uma irmã, durante certo período estudamos na mesma escola. Escola, não é bem o termo, uma escolinha, que funcionava na casa de duas irmãs no Engenho de Dentro. Ali as duas velhotas amontoavam as crianças que, entre reguadas e puxões de orelhas, iam sendo alfabetizadas. O encanto de estudar na escolinha de d. Isaura e d. Isabel ficava por conta da viagem de bonde, nós adorávamos. Mas não só isso, as duas mestras vendiam uma bala de leite que era o sonho da garotada. Quando uma das mestras abria o pote onde ficavam guardadas as balas, a garotada parava e ficava olhando encantada para aquela guloseima e imaginando quem poderia estar adquirindo a preciosidade. Só os bem aquinhoados tinham acesso as cobiçadas balas. Naquela improvisada escola, ficávamos sentados em desconfortáveis bancos de madeira que se espalhavam pelas dependências da velha casa do Engenho de Dentro.

Só aqueles que estavam fazendo as tarefas escolares sentavam na grande mesa da sala. O restante da criançada ficava mesmo ociosa, esperando a vez para ser chamada e exhibir os trabalhos escolares. A escola tinha também os seus tabus. Um deles era se falar do filho de uma das professoras, que morrera precocemente.

Mas viver com a vovó tinha também os seus sacrifícios. Sendo católica praticante “fundamentalista”, não se levantava sem antes rezar muito, percorrer todas as continhas do terço e beijar, uma a uma, as imagens dos santinhos que guardava no seu missal. Aos domingos não tinha jeito, todas as crianças eram obrigadas a acompanhá-la à missa. Quando voltávamos da igreja era aquele ritual macabro: vovó matava a galinha que seria servida no almoço domingueiro. Jamais deixou que assistíssemos ao sacrifício da “*penosa*”. O único galináceo que escapou da faca ninja de d. Benedicta foi um galo branco, muito brabo, que dava esporadas até na sombra.

Vovó não admitia palavrões, gente sentada à mesa sem camisa e espelho descoberto em dia de trovoadas. Quando os coriscos começavam a riscar o céu, ela pegava palha benta e queimava. Era a forma mais eficaz que conhecia para aplacar os elementos.

Os domingos da nossa infância eram especiais; pela manhã a missa, na hora do almoço era servida a macarronada com galinha assada, tudo devidamente acompanhado pelas melodias cantadas por Francisco Alves, “O Rei da Voz”. O programa tinha Lúcia Helena como apresentadora, que, com aquela voz maravilhosa, grave e pausada, assim anunciava o cantor: “*Ao soar o carrilhão as doze badaladas, ao se encontrarem os ponteiros no meio dia, os ouvintes da Rádio Nacional também se encontram com Francisco Alves, o Rei da Voz*”. Era um negócio muito bacana, emocionante.

Após o almoço, meu pai vinha nos visitar. Algumas vezes íamos para a Quinta da Boa Vista, em outras ocasiões para o Jardim do Méier. Eu adorava colocar barquinhos de papel no laguinho do parque e assistir ao teatrinho de marionetes, que sempre acabava do mesmo jeito, com todos os bonecos brigando. O passeio terminava no Bar Imparcial, já à noitinha, onde comíamos um super sanduíche de salame e o velho mergulhava num douradíssimo e borbulhante chope.

Eram assim os domingos da minha infância passados na casa de Lalú e Benedicta. Mas isso até mudarmos para Vaz Lobo. Aí começava uma nova fase na vida daquela pequena família que, durante os anos de vacas magras, vivera na casa dos sogros.



Ao soar o carrilhão as doze badaladas...

3- De Vaz Lobo para São Bento.

Chegou, finalmente, o dia da mudança. Tudo fora preparado para o bota-fora. O que não prestava foi jogado no lixo, inclusive minhas duas gatinhas - Chinha Preta e Chinha Branca -, colocadas num saco de estopa entregue ao funcionário do Departamento de Limpeza Urbana, que recolhia o lixo com uma carroça cinza, pesada, puxada por um burro sonolento, defecador e sempre coberto de moscas. Apesar das recomendações para que não maltratasse as bichinhas, o homem pegou o saco, de qualquer jeito, e pendurou na traseira da carroça cinza e infecta do Departamento de Limpeza Urbana (D.L.U.). Meus pais me explicaram que os animais não se acostuariam com a nova casa, portanto seria melhor que fossem doados para outras pessoas. Doados? Tive minhas dúvidas, mas o que fazer? Criança, sempre ouvi dizer, não tem vontade.



Eu com a Chinha Branca na casa de Vaz Lobo

Um caminhão baú da Lusitana (aquela que dizia que o mundo girava e ela rodava) ou das Brasileiras, não me lembro exatamente qual, parou na rua Joaí e, rapidamente, foram embarcados os cacarecos: um fedorento fogão de querosene, alguns trens de cozinha, os móveis de sala, que incluía um itajer, mesa com quatro cadeiras desengonçadas, minha cama Patente Faixa Azul (hoje raridade, disputada por colecionadores) e os móveis de quarto de meus pais, onde se destacava uma penteadeira com um espelho redondo, em art déco, muito interessante, além de um balaio contendo as ferramentas do meu pai. Apesar de nossos móveis e utensílios serem muito antigos e desgastados, o velho não abria mão do "luxo" de transportá-los em empresas famosas como as citadas acima. Alegava que elas eram eficientes e não quebravam nada. Que ironia, as poucas coisas que possuíamos já apresentavam severas marcas feitas pelo tempo. Fato comprovado por uma espetacular queda que meu pai teve ao sentar, inadvertidamente, numa das cadeiras quebradas e amarradas com barbante que, silenciosamente, aguardava sorrateira, algum desavisado. O tombo espetacular foi testemunhado por mim e um amigo do meu pai que naquele dia visitava nossa casa. Morri de vergonha...

E lá fomos nós para a nova vida, em um lugar que parecia o fim do mundo, porém bem mais interessante que Vaz Lobo, um bairro pobre, feio e parecendo ser inimigo do progresso. Deixamos para trás a casinha em que morávamos, geminada com a de nosso senhorio, seu Manuel, um português de pele amorenada, estatura mediana, educado, mas marido severo e pai rigoroso, que gostava de dar uns "catiripapos" na mulher, dona Rita. Também à distância ficava o Colégio Republicano e a professora Wanda, minha primeira paixão; o Colégio Manoel Machado, com o professor Wilson, que apesar de não ter um braço escrevia à máquina com grande desenvoltura. Felizmente, nunca mais teria que assistir as aulas do professor Ildfonso, um mulato magro, calvo, sisudo, que parecia odiar os alunos. Encerrava-se, sem muitas saudades, uma etapa de minha existência. Vaz Lobo fora apenas um "acidente" em minha vida. Uma verdadeira trombada de lotação, mas que hoje me dá saudades.

Sei que estes comentários sobre Vaz Lobo podem dar a você, leitor, a ideia de que eu só via pontos negativos naquele local. Ledo engano. O bairro, que fica entre Madureira e Irajá, me deixou algumas lembranças gratas. Uma delas já confessei, foi a primeira paixão, a professora Wanda. Outra, era o som de uma radiovitrola, vindo da casa vizinha, que tocava, quase o dia todo, melodias que estavam nas paradas de sucesso. Uma delas me fez descobrir a "música popular brasileira". Era cantada por Elizete Cardoso e tinha como autores Helano

de Paula e Chocolate. Seu título: "Canção de Amor". Era linda, linda, linda. Mas tinha também os circos que por lá apareciam: Olimecha, Zoo-Americano e outros que o tempo apagou da minha memória. Certo dia chegou um circo bem "mequetrefe", mas com aquela rumberia espetacular. Que mulher bonita e ondulante, confesso que me apaixonei pela garota de corpo escultural, esquecendo, momentaneamente dona Wanda. Acho que estava começando a despertar para as coisas do sexo. "Santo Deus", quantas fantasias, quantas besteiras passaram pela minha cabeça, que sensação de pecado.



Seria ingrato se não citasse, com uma pitada de saudade, o Cine Vaz Lobo como local de boas lembranças.

Alguns amiguinhos também me trazem boas recordações. Mas a lembrança que talvez tenha deixado em minha consciência a impressão mais profunda foi a descoberta da ação transformadora do homem sobre a natureza. Explico: certo dia, caminhando por uma rua em cuja esquina havia um posto de gasolina, observei os empregados descarregando um

caminhão-tanque enorme. Foi um verdadeiro "estalo de Vieira". Naquele instante percebi que quase tudo à minha volta era produto do trabalho humano. Na inocência de meus 8 anos, nunca tinha pensado que as casas, os carros, o pão, as roupas e tudo mais, eram coisas fabricadas por gente igual a mim. Percebi que o outro existia independente de mim ou da minha consciência. Descobri que eu era parte do mundo e não este parte de mim. Entrava, assim, no "estágio operatório concreto". Será que estou falando besteira?

Seria ingrato se não citasse, com uma pitada de saudade, o Cine Vaz Lobo como local de boas lembranças. Foi nesse "poeira" que assisti, pela primeira vez, e em companhia de minha mãe, um arremedo de "programa de auditório" que os artistas da Rádio Nacional "mambembavam" pelos bairros cariocas. O rádio era o máximo e a televisão ainda engatinhava. Poucos tinham condições financeiras para comprar um aparelho - crediário era uma coisa feito cabeça de bacalhau, muito rara -, além de tudo a recepção era péssima e os programas improvisadíssimos. A tv. não tinha a menor credibilidade. O que imperava mesmo era o rádio, através das ondas da Nacional, da Tupi, da Mayrink Veiga. Claro, estas emissoras não eram as únicas, mas, certamente, as mais importantes. Tempo bom...bom?

Recordações menos nítidas me vêm à consciência: o bondinho que ligava Irajá a Madureira, parecendo andar pela calçada, pois seus trilhos ficavam no mesmo nível desta. O famoso Mercado de Madureira, o Teatro de Zaquia Jorge (pioneira do teatro nos subúrbios) e o Império Serrano. Tudo isso redimia Vaz Lobo.

O bondinho deixou na minha cabeça, durante muito tempo, uma imagem sinistra. Certo dia, numa curva muito fechada, saltou dos trilhos e esmagou uma estudante da minha escola contra o muro diante do qual a jovem passava. Foi uma tragédia, a consternação foi geral no meu colégio.





O bondinho deixou na minha cabeça, durante muito tempo, uma imagem sinistra.

Ir ao Mercado de Madureira era uma festa para mim. Aquele era um dos poucos passeios que eu podia fazer. Acompanhando minha mãe, percorria todos os boxes. A “coroa” era exigente quanto ao preço e à qualidade daquilo que comprava. Afinal, a responsabilidade de esticar o minguado orçamento doméstico era de d. Cleia. Mas, em alguns momentos, demonstrando liberalidade, coisa raríssima, permitia que eu levasse para casa um cachimbinho de barro, um pão ou um pintinho recém-nascido, que durava pouco mais de dois dias.

Mas voltemos para São Bento. Um mugido rouco e prolongado me acordara naquela manhã ensolarada. Curioso, fui até a janela do quarto para saber quem era o “atrevido” (ou atrevida) que interrompera o meu sono naquela primeira noite passada em nossa nova casa de São Bento.

Postada, pachorrentamente, bem embaixo da janela do meu quarto estava a autora do inconveniente mugido. Era uma esquálida, porém simpática, vaquinha holandesa chamada Cozinheira. Cheia de bernes e carrapatos, Cozinheira parecia, com seu mugido rouco e prolongado, desejar dar as boas vindas para a pequena família que agora fazia da casa da Estação Receptora de São Bento o seu novo lar.



Depois de tomar o café, engolido apressadamente, fui explorar as imediações de nossa casa.

Depois de tomar o café, engolido apressadamente, fui explorar as imediações de nossa casa. O que vi naquela manhã era completamente diferente do que vira e vivera até então. Tudo me parecia sem limites, o quintal, as terras da estação rádio-receptora, toda espetada com antenas para captar os sinais de ondas curtas que nos ligavam com o mundo. Até um rio eu tinha à minha disposição, com peixes e “frangos d’água”. São Bento, pelos idos dos anos 50, guardava alguns vestígios dos tempos em que a caça e a pesca ainda testemunhavam um passado de abundância, ecologicamente quase correto. O Núcleo Colonial possuía ainda muitos pássaros, tatus, alguns jacarés, bastante preás, cobras, muitos morcegos e uma variedade incrível de insetos. Quando seu Abílio varria as calçadas da “rádio”, recolhia dezenas de besouros, de todos os tipos e tamanhos. Ali tudo era diferente dos demais lugares que eu tinha visto até então, um verdadeiro paraíso. Muito verde, árvores frutíferas, gado pastando juntinho de nossa casa, o rio Iguazu, que passava a poucos metros do fundo de nosso quintal. Tudo com dois aromas especiais: do mato e do gado que era criado por seu Abílio, um

pernambucano magrinho, de pele muito branca e que era o servente da "radio". Esse primeiro contato com o meu pequeno paraíso foi verdadeiramente fascinante. Fantasiava os futuros passeios de bicicletas e, talvez, quem sabe, memoráveis cavalgadas. São Bento era tudo aquilo que qualquer garoto sonhava.

O Núcleo Colonial de São Bento estava subordinado ao Ministério da Agricultura. Suas terras, antes pertencentes aos padres beneditinos, haviam sido adquiridas pela União com a finalidade de se implantar um projeto agro-pecuário. A empreitada parecia não ter vingado, porém deixou no local uma infra-estrutura capaz de dar sustentação a um conjunto habitacional com fortes características rurais. As habitações eram padronizadas, amplas e com um traçado simples, porém formavam um conjunto gracioso. Contribuía para isso os jardins gramados e a ausência de muros separando as residências. Parecia coisa de cinema americano.

Um comprido e largo caminho de terra batida, ladeado por perfumados eucaliptos, ligava o Núcleo à antiga estrada Rio-Petrópolis. Nesse ermo, o silêncio só era quebrado pelo canto dos bem-te-vis, pelo ronco do trator do "japonês", por alguma carroça ou pelo barulhento motor do "fordeco 29" que entregava um pão horroroso – nem é bom lembrar - que comíamos no café da manhã. Não é tarefa muito fácil estabelecer os limites geográficos do Núcleo Colonial. Mas não custa tentar: do lado esquerdo da estrada que seguia em direção às casas dos funcionários do Ministério da Agricultura, ficava o trecho de uma ferrovia desativada ou quase; do lado direito a "defesa vegetal" e o Centro Pan-americano; depois do São Bento Esporte Clube vinham as choupanas dos japoneses, que terminavam quase na "parada da Leopoldina". Fato curioso era o modo de vida desses emigrantes. Eram discretos e viviam isolados, pouco se relacionando com os demais moradores. Vendiam ovos, principalmente, mas possuíam pequenas áreas cultivadas pelas imediações. Fato curioso era um determinado tipo de ovo vendido por eles, possuía duas gemas.



Histórias de lobisomens, padres-fantasmas, mulas-sem-cabeça e saci-pererê, povoavam a nossa infância.

A administração do Núcleo Colonial - naquele tempo dirigida por um funcionário rigoroso, apelidado de Timoshenko, em alusão ao famoso e duro general russo, herói da Segunda Guerra Mundial - ficava na antiga sede da Fazenda de São Bento, vetusta construção do século 18. Ali, segundo a crença de muitos moradores, habitavam fantasmas de padres e escravos. Era com um certo temor que a criançada para lá se dirigia, movida pelo desejo de furtar laranjas e jabuticabas. Bem menos assustador e mais fácil seria burlar a canina vigilância de "seu" Cezar" - um telegrafista que passava a maior parte dos dias do mês dentro da "rádio" fazendo "gronga" (trabalhar no lugar de um colega mediante remuneração deste) - e surrupiar mangas dos terrenos da "rádio", nome pelo qual se conhecia a estação rádio-receptora do Departamento de Correios e Telégrafos. Seu Cezar se achava o dono das mangueiras que cercavam a "rádio".

A rádio-receptora despertava em mim um certo orgulho. Afinal, era ali que o meu pai trabalhava, com o pomposo título de "assessor de eletrônica". Era através da "rádio" que o Brasil se ligava com o mundo, recebendo telegramas e notícias das agências internacionais. Isso, numa época em que as comunicações se faziam através de ondas curtas, e não por satélites, como hoje. Foi pela "rádio" que - talvez antes mesmo do presidente da República - os pacatos moradores de São Bento ficaram sabendo do fim da Segunda Guerra Mundial. Essa história, quase inacreditável, era contada por João do Caio, que jurava estar

junto com os radiotelegrafistas quando a notícia foi transmitida em código Morse.

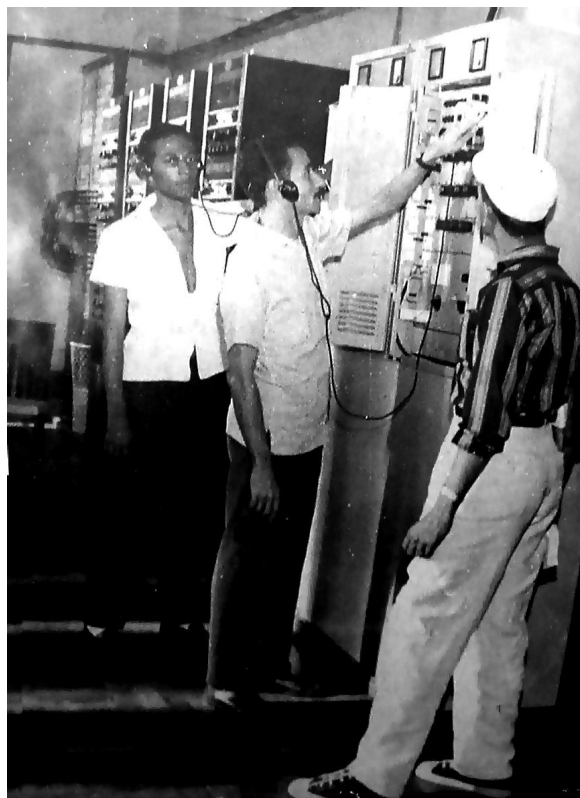


O administrador do Núcleo Colonial era o Timoshenko.

Importante local de lazer para aquela pequena comunidade era o São Bento Esporte Clube. Ali, aos sábados e domingos, próximo das 19 horas, começava a esperadíssima seção de cinema. Uma surrada máquina projetora de 16 milímetros rodava velhos filmes que, de tão cortados e emendados, não mais apresentavam lógica em seus roteiros. Mas o que fazer? A televisão ainda estava muito distante de nossas possibilidades de consumo. O forte do clube era mesmo o futebol. O campo do São Bento conheceu tempos gloriosos, com a presença de grandes craques em seu gramado. Em diferentes épocas ali jogaram Garrincha e Roberto Dinamite.



Rádio-receptora de São Bento.



Radio-receptora de São Bento, ao centro o telegrafista Edilberto de Souza Alves.

Mas independente da presença de famosos jogadores, o campo de futebol do clube era, aos domingos pela manhã, ponto de reunião obrigatória do público masculino que cultivava o viril esporte bretão ou ia para torcer pelo time local.

Dependendo do adversário, a partida poderia assumir a feição de um verdadeiro "clássico". Nesses momentos, o clube se engalanava com a presença maciça da população. Foi num desses "clássicos", onde os ânimos geralmente se exaltam, que saiu um grande conflito entre as torcidas do São Bento e do Pau Grande. A porrada comeu solta e só foi terminar quando o pessoal do Pau Grande correu para o ônibus e se mandou; mesmo assim, debaixo de apupos, pedradas e pauladas. Essa história até hoje ainda é lembrada pelos mais velhos com um maroto orgulho, revelado num risinho sardônico.

São Bento tinha outros heróis, além dos heróis de chuteiras. Um deles, famoso por sua valentia, se consagrara perante a crédula garotada através de um feito que misturava fantasia e realidade. Na verdade mais fantasia que realidade, melhor dizendo: acho que era só fantasia mesmo. Era voz corrente a existência de um misterioso túnel ao pé da colina que ficava próxima do centenário prédio da Fazenda de São Bento. Ninguém se aventurava penetrar nessa misteriosa galeria que, para alguns, servira, nos tempos da escravidão, para dar fuga aos negros cativos.



O São Bento Esporte Clube tinha uma surrada máquina de 16 mm que, aos sábados e domingos, rodava velhos filmes.

Certo dia, Pedro Sinal – esta era a alcunha do herói – resolveu acabar de vez com o mistério que envolvia o escuro e profundo túnel. Afinal queríamos saber o que havia lá dentro e onde terminava aquela medonha gruta. Munido de sua natural coragem e de uma lanterna elétrica, foi penetrando, cautelosamente, nas entranhas do assustador buraco. Já havia percorrido uma distância razoável, quando a lanterna que portava se apagou sem motivo aparente. Impedido de prosseguir e um pouco assustado, Pedro Sinal retrocedeu, deixando atrás de si, sepultados definitivamente, os mistérios do túnel dos escravos e a sua fama de valente. Depois desse fato, ninguém se atreveu a repetir a façanha daquele herói admirado e invejado pela criançada do local.

Outra figura inesquecível era a de um homem – prefiro omitir o seu nome – de meia idade, negro, magro, alto e com olhos esbugalhados. Corria a boca pequena, entre a garotada, ser ele um lobisomem. Tínhamos verdadeiro pavor dessa criatura, apesar de ser uma pessoa bem educada e de atitudes simpáticas. Não sei como a lenda surgiu, mas, para nós, moleques crédulos, tudo era verdade.

Histórias de lobisomem, padres-fantasmas, mulas-sem-cabeça e saci-pererê, povoaram a infância daqueles que viveram entre o rio Iguaçu e a velha fazenda dos padres beneditinos. Afinal éramos crianças, inocentes e felizes.

A “rádio” era uma espécie de enclave dentro de São Bento. O pessoal do Ministério da Agricultura tinha uma espécie de rivalidade, bem disfarçada, em relação aos servidores do DCT, mas nada que pudesse perturbar as relações entre as famílias deste ou daquele órgão.

Apesar de São Bento ser quase um paraíso, tinha lá seus pontos negativos. Não existia comércio próximo, tudo era comprado num dos raros armazéns do Lote 8, um local que ficava quase em frente ao Núcleo Colonial de São Bento. Neles só eram encontrados os gêneros básicos e de qualidade apenas sofrível, mas caros pra cacete. Água encanada também não havia, a que tínhamos era de poço e geralmente salobra. Os telegrafistas e os moradores das casas da “radio” bebiam uma água que a caminhonete do DCT apanhava na Cidade das Meninas. A condução também era escassa, irregular nos horários, com ônibus velhos e mal cuidados, excetuando o da empresa que fazia a linha Caxias-Mantiquira, a Duque de Caxias Ltda. E tinha mais um agravante, os coletivos passavam na Rio-Petrópolis, o que obrigava o pessoal do Núcleo Colonial a caminhar pelo menos um quilômetro até o ponto mais próximo. Ir ou voltar para o Colégio Duque de Caxias, onde eu

estudava, era algo complicado. Na ida, a condução demorava muito, mas na volta a coisa piorava. No horário do almoço, os ônibus ficavam estacionados nos pontos próximos da estação ferroviária e do Edifício 25 de Agosto com seus motores ligados, e nós, pobres passageiros, dentro deles esperando, num calor de rachar, não raro, mais de uma hora, até que partissem. Na verdade, poucas eram as empresas organizadas. Geralmente, organizadas mesmo, eram aquelas que ligavam Caxias ao antigo Distrito Federal. Talvez assim fosse devido à fiscalização mais severa que se fazia na capital do país. Interessante é lembrar que os ônibus tinham duas placas, uma de Duque de Caxias e outra do Distrito Federal.

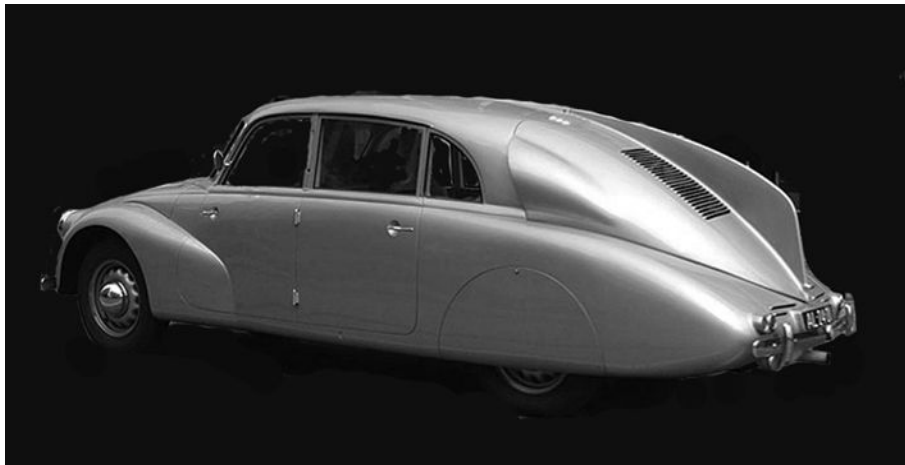
Mas nem só de ônibus esculhambados dependiam os moradores de São Bento. Algumas vezes pegávamos uma providencial carona nos carros oficiais ou particulares. Eu, por exemplo, era useiro e veseiro em pegar carona na ambulância Studebaker do Ministério da Agricultura. Ela não carregava doentes, o que era raro em São Bento, mas estudantes, filhos de funcionários que, como eu, seguiam para as suas escolas. O responsável pelo transporte da garotada era o João do Caio. Dirigindo muito bem, João ia voando pela Rio-Petrópolis até Caxias. Adorávamos o modo como ele pilotava a ambulância. João era o nosso Ayrton Senna. Naquele tempo ninguém estava preocupado com limite de velocidade, não havia "pardais", cinto só para segurar as calças e "lei-seca era coisa de filme de Al Capone.



Casa do Administrador do Núcleo Colonial de São Bento.

João do Caio, sobre quem já falei, era uma pessoa muito interessante. Se fôssemos "eleger" um cronista para São Bento, sem dúvidas, sairia vencedor. Sabia tudo sobre o Núcleo Colonial, mas tinha uma característica que o impedia de assumir a "historiografia-oral-local": era um tímido inveterado. Fora, inclusive, motorista de ministros, mas isso não abalava o seu jeitão acanhado. Só uma coisa fazia João alterar o seu ânimo e o tom de voz; era quando falava do PTB, partido que amava de verdade. Era um petebista doente. João morreu recentemente, levando consigo páginas memoráveis da história de São Bento. Uma pena...

Agora, carona que eu gostava era a que me oferecia o motorista que servia a um dos donos da Indústria Rei. Além do carro, que era um Tatraplan T603, super aerodinâmico, vinha em seu interior, linda, leve e solta, a louríssima estudante Érika, uma garota muito bonita. A família Engels, dona da Indústria Rei, fabricava chuveiros elétricos e fogões, vivia numa bela casa cercada por muito verde e que possuía uma bela piscina no terraço. O fundo da piscina era de vidro, um vidro muito grosso, vindo da Alemanha. De dentro da casa podia se ver as pessoas nadando no aquário de luxo. Hoje, tudo isso desapareceu e o local foi favelizado, aliás, como foi também São Bento e o Centro Pan-americano de Febre Aftosa.



Erika vinha linda, leve e solta num super aerodinâmico Tatraplan.

4 - A Rio-Petrópolis.

A Avenida Rio-Petrópolis, mais tarde Presidente Kennedy e hoje Leonel Brizola, foi inaugurada no final dos anos 20 por Washington Luís. Era um luxo na época e, dizem as más línguas, devorou muito dinheiro público. Chegou a ser chamada de "estrada de ouro", tal o volume de recursos que devorou. Sua construção foi muito difícil, principalmente no trecho da Baixada Fluminense, devido aos terrenos lodosos que exigiam consolidação através de demoradas obras de aterro e de fundações. Além de tudo, a malária, ainda endêmica na região, vitimava um grande número de trabalhadores, somando novas dificuldades às já existentes. Mas todo esse esforço hercúleo não foi em vão, pois a Rio-Petrópolis se tornou um dos mais importantes fatores de sustentação do progresso de Duque de Caxias. Também, não devemos esquecer, que foi e ainda é motivo de justo orgulho da engenharia nacional e símbolo da capacidade de realização e tenacidade do trabalhador brasileiro.



A Rio-Petrópolis chegou a ser apelidada de "estrada de ouro".



A Rio-Petrópolis nas imediações do Shopping Center.

Newley Lopes Martins, empresário já falecido, certa vez, na porta do Bar Elite, contou para um grupo de amigos esta pequena curiosidade sobre a velha estrada. Disse ele que Getúlio Vargas, quando se dirigia para Petrópolis, fazia seu motorista parar e permitir aos meninos - que o esperavam na entrada de Caxias - tomar uma carona no estribo do veículo até o centro do distrito. É possível que assim fosse, afinal o ditador tinha atitudes bem populistas. Em Petrópolis, por exemplo, saía distribuindo balas para as crianças durante suas caminhadas. Que doce República!



Avenida Rio Petrópolis, na altura do Hospital Infantil.

Nos anos 50, ela não tinha o movimento que tem hoje e, certamente, era muito mais bonita. Poucas construções existiam em suas margens, quase que totalmente dominadas por árvores pau-ferro e vegetação baixa muito verde. O plantio de árvores pau-ferro foi uma ideia "genial" de alguém que via nessas árvores resistência suficiente para segurar os carros que perdessem a direção. Outra " ideia genial" foi a que "outro alguém" deu para que o pó de broca, um perigoso pesticida, fosse espalhado pela estrada. Imaginava o autor da engenhosa ideia que os carros que circulavam pela via poderiam levantar nuvens de pó de broca para atingir os locais onde se reproduziam as pragas que atacavam a agricultura. Durante muito tempo o pó de broca foi vendido impunemente na feira de Caxias.



Era no Centro Panamericano de Febre Aftosa que a criançada ia buscar ratinhos brancos, que lá eram usados como cobaias.

Seguindo para Caxias, logo depois da Indústria Rei, se destacava o Centro Pan-americano de Febre Aftosa, da Organização Mundial de Saúde. Mais adiante se cruzava o rio Sarapuí com o seu dique e respectiva "casa da bomba". Era comum a gente ver jacarés sobre o

dique, se aquecendo com os primeiros raios de sol da manhã que nascia. Ali, a estação ferroviária de Gramacho era o local mais movimentado da Rio-Petrópolis. Uma grande construção, bem afastada da estrada, com linhas arquitetônicas modernas, lembrando a Igreja São Francisco de Assis, na Pampulha, se destacava. Era a estação rádio-transmissora do DCT. Poucos caxienses sabem que ali funcionou a Radio Transmissora do Departamento dos Correios e Telégrafos. Mas o que ela representava para o Brasil, sabe-se menos ainda. Naquele momento, final dos anos 50, a Transmissora do Sarapuí, era o que havia de mais avançado em tecnologia de telecomunicações. E, além disso, ela representava uma das faces da luta nacionalista travada pelo controle das telecomunicações. Sarapuí fora escolhido para sediar a Transmissora por ser local excepcional para a recepção em ondas curtas.

Contrastando com a "nossa Pampulha", numa construção de madeira na beira da estrada, quase junto do Sarapuí, ficava a "rádio-escuta". Com equipamentos que não mais funcionavam, a rádio-escuta era apenas uma lembrança da Segunda Guerra Mundial. Fora ali instalada para pegar estações clandestinas que poderiam passar para o Eixo informações sobre nossos navios. Essa "rádio" possuía uma caminhonete Morris, preta, fechada e cheia de equipamentos de escuta, mas que, verdadeiramente, só servia para transportar o chefe daquela inutilidade do governo. Não me lembro o nome desse chefe, sei que era amigo do meu pai e gostava de me dar a direção da tal caminhonete para testar os meus dotes de piloto-menino. Eu até que me saia bem, só "amarelado" na avenida Botafogo, estrada de barro que ligava a Washington Luís ao Sarapuí. Num determinado trecho tínhamos que atravessar um mata-burro, um pontilhão formado por dois troncos de árvore paralelamente dispostos. Os veículos deveriam passar com as quatro rodas, justinho, sobre os dois troncos. Não era fácil.

Além de abrigar a "boate" Pampanini, verdadeiro *bas-fond*, Gramacho possuía o trecho mais perigoso da Rio-Petrópolis, "a curva da morte", uma curva muito fechada que antecedia a subida do "corte 8". Do outro lado do "corte 8", isto é, quando se descia a colina, dois pontos se contrapunham: o cemitério e a Companhia União Manufatora de Tecidos - um dos marcos da industrialização do município -, desnecessariamente arrasada, não se sabe por quem. Até as árvores foram arrancadas. Hoje ali reina o abandono, a desolação. Foi um crime perpetrado contra o patrimônio histórico e ambiental de nossa cidade. Sobre a Companhia União Manufatora de Tecidos, o professor Stélio Lacerda escreveu um livro interessantíssimo, historiando aquele significativo símbolo dos primórdios da nossa industrialização.

Não muito longe dali ficava a casa do deputado Tenório Cavalcanti, que ainda não havia se transformada em fortaleza - projetada por Sérgio Bernardes e com direito a painéis de Pacot - e era uma habitação comum, não muito diferente das demais casas construídas pela classe média.

Finalmente, estávamos no centro de Caxias, e, a primeira coisa que chamava a atenção de quem vinha pela Rio-Petrópolis era a Igreja de Santo Antônio, ainda em obras. Mas um pouco antes da Igreja de Santo Antônio havia uma esquina tornada famosa pelo "trottoir". Era a "Esquina do Pecado", Nela as "mulheres da vida" faziam ponto, mas não só ali. Na rua Nunes Alves e nos terrenos que futuramente abrigariam o Shopping Center, a prostituição também corria solta. Quando anoitecia, era para os terrenos do Shopping Center que os homens carentes de amor levavam as meretrizes. Naquele ermo, sob a luz das estrelas e tendo como "ninho de amor" uma folha de jornal, satisfaziam aos seus apetites. Por cobrarem 30 cruzeiros, nós, jovens irreverentes e cruéis, dizíamos serem estas pobres mulheres "Mulher de 30", em alusão à música que Milton estava cantando e fazia um tremendo sucesso na época.



Nada sobrou da velha fábrica de tecidos, até as árvores foram arrancadas.

O próximo ponto interessante era o entroncamento da Rio-Petrópolis com a Nilo Peçanha. Nesse cruzamento algumas coisas também se destacavam: a Praça 23 de Outubro, o Banco Itajubá e um semáforo, cujo poste de sustentação era fixado numa plataforma redonda sobre a qual ficava o guarda da prefeitura (em raras ocasiões) operando o trambolho quase sempre enguiçado. Do lado oposto ao Banco Itajubá ficava o Bar Elite, até hoje funcionando e reunindo,

próximo de suas portas, gente da Caxias de antigamente: Renda, Everaldo, Wilson, Silvério, André da Farmácia; todos eméritos jogadores de "porrinha". Pelas manhãs era comum a gente ver ali estacionadas as motocicletas Harley Davidson da Polícia Rodoviária Federal. Nos anos 50 não existiam ruas para pedestres ou calçadões, os carros, ônibus, caminhões e carroças imperavam como senhores absolutos das tumultuadas ruas do município.

Durante uns dois anos fiz diariamente essa "maratona", viajando pela Rio-Petrópolis de São Bento para Caxias e vice-versa.

Contribui
para a **ESTRADA**
RIO-PETROPOLIS



com os agradecimentos do
AUTOMÓVEL CLUB
DO
BRASIL.

Certificado de contribuição para a construção da primeira Rio-Petrópolis

5 - Mudando para o Edifício 25 de Agosto.

Um dia o "velho" Etienne Xavier da Cunha, meu pai, se cansou das tarefas extras e da falta de recursos em São Bento. Embora fosse responsável apenas pela manutenção dos equipamentos de telecomunicação, o que já era bastante, por ser morador de uma das duas casas que o DCT mantinha nos terrenos da "rádio", era obrigado a trabalhar quase que 24 horas por dia. Se faltasse luz, por causa de um temporal, ou por outro motivo qualquer, era obrigado a sair de casa, em alguns casos, de madrugada e colocar em funcionamento um gerador movido por motor diesel, cuja partida era dada com uma manivela pesadíssima. Assim sendo, resolveu se mudar para o centro de Caxias. Escolheu para a futura residência o edifício 25 de Agosto, naquele momento recém-inaugurado. Nosso apartamento ficava na Plínio Casado, bem em frente à estação ferroviária. Era uma residência razoavelmente confortável, bem localizada, mas com um grave inconveniente, não tinha abastecimento regular de água, e a pouca que escorria das torneiras era fornecida por carros-pipa. Duas vezes por dia, pela manhã e ao entardecer, Teófilo, o zelador, ligava a bomba para que enchêssemos baldes, latas e uma pequena caixa que instaláramos como reserva. Esse improvisado abastecimento era insuficiente para as mínimas necessidades. Maus tempos.

Mesmo assim, morar no centro era uma grande vantagem. Tudo ficava perto: padaria, armazém, farmácia, colégio e, principalmente, os cinemas. Eu adorava cinema e tinha, bem próximo de minha casa, pelo menos três boas salas de projeção, o Paz, o Caxias e o Brasil. Estudantes pagavam meia entrada e os programas eram duplos, víamos dois filmes pelo preço de um. Muitas vezes a gente saía de um cinema e entrava em outro, vendo no mesmo dia quatro filmes. O Paz era o que apresentava os filmes que estavam em cartaz nos cinemas do Rio. O



Nosso apartamento ficava na Plínio Casado, bem em frente à estação ferroviária.

Caxias tinha o melhor som, em estereofonia, era, de todos, o maior. O Brasil, modesto, com filmes mais antigos, mas nem por isso dispensável. Foi no Brasil que vi um filme fascinante: Trapézio, dirigido por Carol Reed e estrelado por Burt Lancaster, Gina Lollobrigida e Tony Curtis. Era um filme sobre o mundo do circo, enfocando a atuação dos trapezistas. Imaginem o “estrago” que Lollobrigida fez na minha cabeça, com aquele bocão e aquele corpão.

Quando falei dos cinemas fui injusto. Me esqueci do Cinema Popular, ou melhor, do Pau-de-Arara, como era conhecido pelo distinto público que o freqüentava. O Popular, ou Pau-de-Arara, como queiram, ficava no nº 145 da Nilo Peçanha, onde hoje está localizada uma das filiais das Lojas Americanas. Suas sessões começavam quando a noite chegava, pois ficava ao ar livre. Era uma espécie de “drive-in” proletário, de quem andava a pé, quando muito de bicicleta. Com um pouco de exagero, poderíamos dizer que foi o precursor daqueles cinemas em que as fitas eram assistidas pelos casais dentro dos automóveis dando aquele amasso.

Embora com modestíssimas instalações, o Popular possuía um som excelente, projeção de boa qualidade e uma programação que não era de se jogar fora. Era freqüentado apenas pelo público masculino, devido à “permissividade” que ali reinava. Em seu “território livre” quase tudo era permitido, desde que não ultrapassasse os limites admitidos

pelo guarda Pisa na Fulô, encarregado de manter a ordem e os bons costumes dentro daquele espaço dedicado à "sétima arte". O pobre servidor municipal adquirira esse apelido devido aos calos e cravos que, martirizando os seus pés, obrigavam-no a andar manquejando, assim, meio como quem pisa em ovos ou em "fulôs". A alcunha, que lhe assentara como uma luva, caíra no gosto popular e difundira-se. Como não podia deixar de ser, chamar o guarda de Pisa na Fulô, fazia o caboclo nordestino ficar roxo de raiva. Não foram poucas as vezes que retirou do cinema, sob fortes "borrachadas", algum engraçadinho que, durante a sessão, acreditando-se protegido pela penumbra, ficara gritando o seu gracioso apelido: "Pisa na Fulô...Pisa na Fulô...Pisa na Fulô...".É bom lembrar que "Pisa na Fulô" era um baião cantado por Luiz Gonzaga.



Aqui vemos uma das raríssimas fotografias do Cine "Pau-de- Arara".

Mas apesar da liberdade, ou melhor, libertinagem, que ali grassava, tudo corria dentro de relativa normalidade, desde que o filme não arrebetasse, obrigando a interrupção da sessão ou o programa

fosse do interesse da platéia. Caso contrário, as manifestações de desagrado eram demonstradas claramente através de vôos rasantes de pontas de cigarros acesas sobre as cabeças dos cinéfilos, sacos plásticos com areia ou algo menos útil e menos cheiroso. Mas ninguém se zangava - fazia parte do jogo - no máximo, as pessoas tentavam se livrar dos petardos e, como vingança, devolvê-los aos seus legítimos proprietários. Algumas vezes - mesmo o filme sendo do interesse da assistência -, a disciplina poderia ser quebrada. Isso acontecia quando algum morador da "Galeria dos Morcegos", edifício de apartamentos vizinho ao Pau de Arara, acendia a lâmpada de sua varanda, prejudicando a projeção. Nesse momento os palavrões, tal como as balas dos revólveres do "mocinho", ricocheteavam por todos os lados, disparados a plenos pulmões pelo seletor público.

Das sacadas de seus apartamentos, das quais se tinha uma visão privilegiada dos filmes que eram projetados, permaneciam as famílias, de maneira confortável e graciosamente, assistindo às sessões. Inconformados, aqueles que haviam pago o ingresso ficavam provocando a vizinhança. "Casquinha" era a palavra menos ofensiva dirigida aos moradores caroneiros.

Mesmo quando chovia, a sessão prosseguia normalmente - ou quase. Nessas ocasiões corríamos todos para as laterais do cinema que eram cobertas por uma espécie de marquise de folhas de zinco. Perdíamos o "conforto" dos bancos de madeira, mas, pelo menos, podíamos ver, abrigados da chuva, o indefectível "happy end". Quanta emoção, a chuva tamborilando no telheiro de zinco e o mocinho, finalmente, num extremo ato de coragem, beijando a sua eleita.

O cinema foi o paraíso dos "gazeteiros" do Ginásio Ana Maria Gomes, que, mesmo ali dentro, eram impiedosamente caçados pelos monitores do professor Américo Salgado. O Popular foi imbatível num momento em que o cinema era a "maior diversão". Tinha mais prestígio que a televisão. Além disso, os vídeos nem haviam sido inventados. Mas quando a "novela das oito" começou a superar o "western", o Pau de Arara foi vendido para as Casas da Banha, que ali instalaram mais uma filial. John Wayne, definitivamente, fora vencido por Tarcísio Meira. Era a nossa vitória sobre o *imperialismo Yankee*. Que vitória. Era o fim.

O Pau de Arara desapareceu, e com ele, um tempo em que o filme era assistido coletivamente, em tela gigante, no escurinho, ao lado da namorada e chupando "drops de anis", como na canção da tia Rita Lee.

6 - O Edifício 25 de Agosto

Não sei exatamente quando foram iniciadas as obras para a construção do Edifício 25 de Agosto. Sei apenas que, antes dele, ali funcionava um parque de diversões. Acredito que as obras tiveram início lá pelos fins dos anos 40 ou início dos 50. Mas isso não é tão importante assim. Fazia (e ainda faz) esquina com a Plínio Casado e a Joaquim Lopes de Macedo. Era um edifício moderno, bem acabado, com três andares, muitos apartamentos e lojas. Porém o que nele mais chamava atenção era a sua enorme galeria em forma de L. Duas coisas desse local ficaram gravadas na minha memória. Uma acontecia no carnaval, isto é, o encontro de blocos dentro da referida galeria. Ali, quando um bloco se encontrava com outro, saía um tremendo "pau", o corre-corre era geral, mas sem mortos e com poucos feridos.



O Edifício 25 de Agosto era moderno e bem acabado.

Eu, na crueldade natural de adolescente, ficava da sacada do nosso apartamento torcendo para que os blocos se encontrassem dentro da galeria. Queria ver, de camarote, o corre-corre. A outra coisa que me

impressionou profundamente foi uma exposição de artes plásticas realizada numa loja que ainda estava desocupada . Ela fora organizada por Barboza Leite, juntamente com o pessoal do jornal "Grupo". Talvez o jornal mais consciente que circulou no município. Essa exposição foi, sem sombra de dúvidas, a mais importante já realizada em Caxias. Dela participaram artistas internacionalmente consagrados. Era um timaço, artistas para crítico nenhum botar defeito. Claro está que, quase tudo foi arranjado por Barboza Leite. Trabalhando no IBGE, fazendo "*free lancer*" em grandes jornais cariocas, freqüentando o Vermelho e o Amarelinho, Barboza tinha livre trânsito entre a intelectualidade da Capital Federal.

Mas o Edifício 25 de Agosto teve outros momentos grandiosos, por exemplo, quando João Goulart visitou, se não me engano, a sede do PTB, ou algum correligionário que ali tinha escritório, não sei exatamente. Sei, entretanto, que vi Jango manquejando pelos corredores do meu prédio, acompanhado de um montão de gente. Nele morou o publicitário e depois deputado estadual Zoelzer Poubel e, também, Pereira da Silva, "o tenor campista". Pereira da Silva era um homenzarrão de muitos quilos e dono de uma bela voz que fazia estremecer as paredes do sólido prédio. Descia as escadas rapidamente, calçado com chinelos, trazendo uma bolsa de feira na mão e cantando a plenos pulmões. Era bonito ver a alegria que brotava daquele homem que, apesar de obeso, tinha uma incrível agilidade.



Pereira da Silva, o Tenor Campista.

Outro ilustre morador do 25 de Agosto era o dentista José Lustosa, autor do primeiro livro sobre a história do município. Além de morador, Lustosa tinha o seu consultório ali instalado. Eu era amigo do Avelino - um dos filhos do dentista-historiador - e com ele saía sobraçando alguns volumes do "*Cidade de Duque de Caxias*", que tentávamos, sem sucesso, vender de porta em porta. Mas naquele momento ninguém estava interessado em saber da história de uma cidade de origem obscura, cujo passado deveria ser esquecido e não lembrado. Será que um lugar pobre, sem graça e cheio de vícios, mereceria ter história? Poucos acreditavam. Quando oferecíamos o livro com suas 275 páginas em papel couché e bem ilustrado, no máximo as pessoas davam uma olhadela rápida em algumas fotografias e nos devolviam a obra acompanhada de um não. Em alguns casos percebia-se a ironia estampada no sorriso do possível comprador. Hoje, curiosamente, o livro de José Lustosa, agora esgotado, é disputadíssimo entre aqueles que desejam estudar o passado daquela cidade que parecia não ter história. O jornal Vector, publicação de estudantes progressistas, que tinha em Antônio Carlos Meritello um de seus fundadores e editor, também tinha sede no 25 de Agosto.

Da minha janela, ou melhor, da sacada do meu apartamento, não se via o Corcovado nem o Redentor, mas se descortinava a estação ferroviária e a feira de domingo. Dali eu podia acompanhar o movimento dos trens e passageiros que, num vaivém alucinante, circulavam pelas plataformas, escadas e roletas.

Pela manhã, em especial, o pátio da estação ficava superlotado, com pessoas que, na ânsia de conseguir um lugar na desconfortável composição, nem mesmo esperavam que ela parasse. Aos "trancos e barrancos", a massa humana era "sugada" para dentro do trem. Entrava-se, inclusive, pelas janelas. Era um triste espetáculo. Não faltavam empurrões, cotoveladas e tropeções, tudo devidamente acompanhado de gritos e palavrões. Era um "salve-se-quem-puder". Mas toda essa tropelia, para se conseguir um lugar sentado, pouco adiantava, pois o trem já chegava lotado, com pessoas que embarcavam em Lucas e Vigário Geral.

Repleta, a composição - formada por meia dúzia de vagões de madeira, puxados por uma locomotiva a vapor - ficava aguardando a ordem de partir para Barão de Mauá. Liberada pelo agente da estação, a velha "maria-fumaça", resfolegando, silvando e apitando, aos poucos tomava velocidade. Nesse momento uma cortina de fumaça negra,

expelida por sua chaminé, nublava as imediações da estação ferroviária. Era a hora em que, se maldizendo, minha mãe, munida de vassoura e esfregão, vinha limpar a fuligem que a infernal máquina arremessara sobre a nossa varanda.

Veza por outra, um acidente, algumas vezes fatal, quebrava a rotina da estação. As freqüentes greves também eram motivo de apreensão para aqueles que necessitavam dos serviços da Leopoldina. Quando uma paralisação era deflagrada, a polícia imediatamente aparecia para conter os ânimos dos mais exaltados. Isso porque os ferroviários eram politizados e atuantes. A população que dependia dos trens, inconformada com a interrupção dos serviços da empresa, partia para o quebra-quebra.

Nesse momento a atuação de Batistinha era fundamental para o sucesso das reivindicações dos ferroviários.

Tive bons amigos no 25 de Agosto: Antônio Carlos Menezes, Quinzinho, Luís Índio, Afonso Jorge Costalonga, Vadinho, Paulinho do Violão e Avelino. O velho prédio ainda está lá, firme e forte, aparentemente com seus apartamentos e escritórios desocupados. Apenas as lojas estão funcionando. Uma parte da galeria foi ocupada por uma grande loja de roupas. Entrava no ocaso a Impecável, onde você se "*empapuçava de roupas*", e surgia a moderninha C&A. São os novos tempos.

7 - Uma cidade explosiva

A Caxias de antigamente, ou melhor, dos anos 50 e 60, fervilhava ao refletir o panorama politicamente conturbado do Brasil. É bom notar que a cidade era tipicamente proletária, formada por migrantes, em sua maioria do nordeste brasileiro ou do noroeste fluminense. Gente humilde, trabalhadora e ordeira, mas consciente da omissão das autoridades municipais em relação às necessidades básicas de uma cidade que crescia veloz e desordenadamente. Por outro lado, essa gente era explorada por patrões que, em muitos casos, burlavam as leis trabalhistas. O comerciário, por exemplo, era submetido a uma jornada de trabalho, em alguns casos, superior a 12 horas diárias, de segunda a sábado.



Tenório sempre foi apresentado ao público como um pistoleiro do "Velho Oeste".

Mas toda a efervescência política da cidade era "camuflada" pelas manchetes escandalosas de "Luta Democrática" e de "O Dia", que preferiam estampar na primeira página, em letras garrafais, assassinatos, estupros e acidentes horrorosos. O "*Quarto Poder*" explorava o lado "folclórico", no mau sentido, de uma cidade em que a luta de classe era indisfarçável.

Já se tornou antológica, nos cursos de jornalismo, a manchete produzida por um desses jornais onde se podia ler em letras enormes: "**CACHORRO FAZ MAL À MOÇA**". Na verdade, a moça em questão havia comido um cachorro-quente que lhe provocara um distúrbio digestivo.

Outra manchete que causou alvoroço foi aquela em que uma dona de casa, após comprovar a infidelidade do companheiro, esperou que ele dormisse e então cortou-lhe a genitália, aí a Luta Democrática saiu-se com a seguinte Manchete: "**CORTOU O MAL PELA RAIZ**".

Tenório sempre foi apresentado ao público como um pistoleiro do "Velho Oeste", um autêntico Billy the Kid. Jamais a imprensa dos idos de 50 e 60 procurou esclarecer que a luta entre Tenório e Amaral Peixoto se fazia em função de disputas políticas. Aliás, sempre se omitiu essa luta que envolvia os interesses conflitantes dos partidos aliados a Getúlio Vargas (PTB/PSD) e a oposição representada pela UDN, do deputado de Caxias. E foi essa luta sem trégua que criou para o deputado a fama de pistoleiro, aliás, fama que o deputado soube explorar em seu favor. Não exatamente como pistoleiro, mas como justiceiro. O chapéu de copa alta e aba curta, a barbicha e a sisudez davam a Tenório um aspecto diabólico. Sua capa preta, espécie de toga, que na prática servia para esconder suas armas e que na percepção popular representava o manto da justiça, criariam um eficiente *marketing* para si. Para completar a imagem, um Cadillac amarelo, conversível, servia-lhe de condução. A "fortaleza", localizada na Rio-Petrópolis, era o castelo inexpugnável do teatral político. Sua figura, convenhamos, se aproximava muito daquelas vindas das histórias em quadrinhos. Duque de Caxias era a nossa Gotham City. Tenório era o nosso Batman, com batcaverna e batmóvel. Valha-nos Deus.

Não foram poucos os atentados que Tenório sofreu dos sicários de Amaral Peixoto. Albino Imparato e Bereco chegaram em Caxias com o objetivo de "infernizar" a vida do deputado. A dupla aterrorizou a cidade e causou muitos incômodos para Tenório, mas acabaria pagando caro pela ousadia. A justiça "divina" tarda, mas não falha.

FOLHA DA CIDADE
INDEPENDENCIA NA CONDOTA E FIDELIDADE NAS INFORMACOES
DIRETORES: **DOMER FONSECA** e **BUTTER FONSECA**
Duque de Caxias, 5-6 de Apto. de 1936

ENTRA EM VIGOR HOJE, O REGIME DA "SEMANA INGLESA" PARA O COMERCIO

Um vereador na cidade de Campos (Est. do Rio), propõe a gratuidade da função

Cavaram uma "sepultura" para Tenorio Cavalcanti

Reproduzida da sub-delegacia de Campos Eliseos — História de um cambão que é revolver (Luz na Pág. 2)

PROIBIDA A ENTRADA DE MENORES NOS BARS, CINEMAS E BOITES DE CAXIAS

Portaria do Juiz, regulando o ingresso de menores nos estabelecimentos de recreação

Vão chegar os Telefones

Funcionário da Companhia Telefônica em Campos — Estão sendo colocadas as instalações

A ETERNA LIGHT!

Um novo sistema de iluminação e a responsabilidade de um novo modo de iluminação e iluminação de interiores, dando ao que se chama de iluminação permanente. Não, porque não há mais a necessidade de trocar as lâmpadas, pois a luz é produzida por um sistema de lâmpadas que não se queimam e não precisam ser trocadas.

Um novo sistema de iluminação e a responsabilidade de um novo modo de iluminação e iluminação de interiores, dando ao que se chama de iluminação permanente. Não, porque não há mais a necessidade de trocar as lâmpadas, pois a luz é produzida por um sistema de lâmpadas que não se queimam e não precisam ser trocadas.

Um novo sistema de iluminação e a responsabilidade de um novo modo de iluminação e iluminação de interiores, dando ao que se chama de iluminação permanente. Não, porque não há mais a necessidade de trocar as lâmpadas, pois a luz é produzida por um sistema de lâmpadas que não se queimam e não precisam ser trocadas.

Toda a efervescência política era camuflada com manchetes escandalosas.

Inseticida

TENÓRIO



UNICO QUE MATA DE VERDADE
MOSCAS MOSQUITOS BARATAS PULGAS
E DEMAIS INSETOS CASIEIROS

Em Prédio de Casa Grande

8 - Patrulha da Cidade

Outro fato que muito contribuiu para criar uma imagem caricata e ao mesmo tempo negativa do município foi o programa "Patrulha da Cidade", apresentado na rádio Tupi. Nele, o locutor não cansava de repetir que *"Caxias era a cidade onde a galinha ciscava para a frente"*. O programa, que apresentava reportagens policiais de forma jocosa e estereotipada, era carregado de gírias usadas por policiais e marginais. O vocábulo "tresoitão", para nomear o revolver de calibre 38, se não foi criado na "Patrulha", pelo menos, foi ali popularizado. Os marginais negros eram chamados de "crioulos xexelentos" ou de "filhos de cobra d'água com jacaré". Para democratizar o preconceito racial, se o marginal fosse branco, a alcunha era de "branco azedo". Os motoristas de ônibus também não foram esquecidos pelos redatores da Tupi. Para estes foi criada a figura do "meia trava", aquele motorista com flanelinha amarela enrolada no colarinho da camisa, que avançava o sinal, parava fora do ponto e dava meia trava para que o passageiro saltasse com o veículo ainda em movimento. Mas não foi apenas Caxias que se tornou objeto de gozação do programa, São João de Meriti, por exemplo, era anunciado como São João de Meretricídio.

Na obtusidade dos meus vinte anos, não deixava de sintonizar a rádio Tupi na hora do almoço, me deliciando com aquela sobremesa cujo recheio era a violência com cobertura de humor rasteiro. Mas não há como desconhecer o sucesso que a Patrulha da Cidade alcançou na ocasião, mesmo entre os caxienses, que viam aí uma "promoção divertida" para a cidade: *"Falem mal, mas falem do cinema nacional"*.



9 - A Praça do Pacificador

Há poucos metros do meu apartamento ficava a Praça do Pacificador. Quando o poeta disse que *"a praça era do povo"*, acertou em cheio. Em seu perímetro e em seu entorno gravitava a vida do município. A praça era um lugar absolutamente democrático; no mesmo espaço conviviam pregadores evangélicos, prostitutas, pivetes, fotógrafos lambe-lambe, artistas de rua e vendedores de remédios "fajutos", capazes de curar todos os males, pelo menos era o que diziam os seus propagandistas. Estes eram os mais apreciados pelo povo. Para "empurrar" as suas panacéias, faziam de tudo, inclusive alguns se utilizavam de uma cobra para atrair a multidão. Munidos de um microfone que se ligava ao pequeno e distorcido amplificador, alimentado por uma bateria de automóvel, se "esgoelavam" prometendo curas milagrosas com a banha do peixe-boi ou o óleo do peixe-elétrico do Amazonas.



A Praça, antes do "atentado" a que foi submetida.

Outro “terapeuta”, que pelas imediações também se apresentava, era o “calista”. Este vendia um líquido amarelo, que aplicado sobre os calos ou cravos dos pés, permitia que eles fossem retirados sem dor, com o auxílio de uma gilete, claro. O grotesco e nojento ficava por conta do material retirado, que sobre um caixote de maçã era exibido ao público. Ali, na hora, o candidato à demonstração “cirúrgica”, retirava o sapato e a meia, colocando o seu pézinho sobre o tal caixote de maçã. O “terapeuta”, aplicava as tais gotinhas mágicas sobre a região a ser extirpada e, munido da lâmina de barbear, cortava o mal pela raiz. Barbaridade!



A Praça do Pacificador entre os anos 50/60.

Quando cheguei na terra de Lima e Silva, a praça podia ser dividida em duas partes. No lado voltado para a Plínio Casado, havia uma rodoviária de madeira muito feia e ensebada pelo óleo que era derramado pelos ônibus. Ali paravam os coletivos que iam para o

Distrito Federal: Praça Mauá, Praça da Bandeira e Penha. O outro lado, limitado pela Rio-Petrópolis, era o lado bonito da Praça do Pacificador, com jardins, chafariz, muitas casuarinas e pinheiros. Aliás, o chafariz era um indicador da troca de prefeito. Se o chafariz estava funcionando, a gente sabia que um novo prefeito havia assumido. Mas o chafariz tinha outras utilidades. Quando o guarda municipal "bobeava", a pivetada mergulhava em suas águas turvas.

Na bifurcação da Rio-Petrópolis com Plínio Casado havia uma bica d'água que atendia à população humilde, principalmente a do "mangue". A água era recolhida em latas de banha e rola-rolas (um barril que rolava deitado, sendo puxado por grossos vergalhões). As latas e rola-rolas ficavam enfileirados, esperando a vez de serem abastecidos, e como demorava. A imagem, sempre presente, de uma Caxias sem água, levou o prefeito Hydekel de Freitas Lima a prestar uma justa homenagem à nossa população; próximo ao Cine Paz foi colocado um conjunto escultórico que lembrava as primitivas formas que a população utilizava para transportar o "precioso líquido". A escultura era composta por uma mulher tendo ao colo uma criança, na cabeça uma lata d'água, sua mão esquerda segurava a mão de um menino que puxava um rola-rola. Era um belo conjunto, mas aos poucos foi sendo depredado. Ciente de sua própria inoperância, a Prefeitura retirou o conjunto escultórico. Durante algum tempo ele esteve recolhido na garagem da municipalidade. Hoje só resta um dos braços da mulher e o menino do rola-rola, expostos na entrada do Instituto Histórico da Câmara Municipal. Quem não sabe o que aconteceu ao monumento, imagina tratar-se de obra de arte moderna.

O Cine Paz e o Bar Assunção eram os pontos onde se reunia a "juventude transviada" da Caxias de antigamente. Conhecida como "turma do esculacho", esses rapazes costumavam colocar a cidade em polvorosa com suas brincadeiras de mau gosto, cruéis e até criminosas. Vinham de todas as classes sociais, mas os que lideravam o grupo eram oriundos da alta classe média ou quase. Possuíam bons carros, Lambrettas (motonetas), *garçonnière* e freqüentavam os melhores clubes da cidade: Recreativo, Quinhentos e Aliança.

Mas nossa "juventude transviada", ao contrário daquela do filme estrelado por James Dean, era escrachada, por isso, justamente, denominada de "turma do esculacho".

Provocavam pessoas; terminavam com festas de casamento roubando o bolo dos noivos; quando desejavam fazer uma boa farra, saíam "caçando" porcos, galinhas e cabritos nos bairros da periferia;

seqüestram prostitutas e as soltavam na Rio-Magé, totalmente nuas; praticavam curras e, num determinado momento, passaram a reprimir movimentos de massa, como o famigerado quebra-quebra de 1962. Algumas vezes promoviam tiroteios em locais públicos. Foi o caso de um, acontecido na Boate Tropicana, que funcionava num sobrado da rua Mariano Sendra dos Santos, esquina com Rio-Petrópolis.

Muitos dos seus membros, com o passar dos anos, foram assumindo cargos importantes dentro da cidade ou mesmo fora dela. Alguns se dedicaram à política, outros ao comércio ou se integraram à burocracia dos serviços públicos. Acabaram se tornando respeitáveis senhores.

Me lembro que uma das brincadeiras mais inocentes era feita com a ajuda de um anão, espécie de mascote da turma. Na hora do "rush" colocavam um paralelepípedo na calçada, coberto por uma caixa de sapatos emborcada. Logicamente, quando o primeiro desavisado via a caixa, se preparava e dava um chute na dita. Era aquela "porrada" seguida da dor e da raiva, claramente demonstradas com um solene palavrão. Nesse momento o anão começava a rir do otário que havia "bicado" o paralelepípedo, pensando estar chutando apenas a caixa de sapatos. Para se vingar, o "artilheiro-otário" partia para cima do anão. Era quando os salvadores dos "frascos e comprimidos" corriam para defender o pobre anãozinho e, para isso, davam um tremendo cacete no "artilheiro".

Mas nem todos os membros da "turma do esculacho" eram violentos. Existia um, perfeitamente pacífico, que ficava parado próximo ao Cine Paz, tirando a maior "chinfra". O gajo era a cara do James Dean e para ser mais admirado pelas garotas, usava camisas muito justas. O cara se achava. A "turma do esculacho" merece um estudo mais aprofundado...



O Cine Paz e o Bar Assunção eram os pontos onde se reunia a nossa "juventude transviada".



A Praça do Pacificador era um lugar absolutamente democrático.

Ao longo dos anos, a Praça foi se modificando. Chegou a ser denominada, pasmem, queridos leitores: Praça da Bíblia. Quanta demagogia. Isso graças a um prefeito que, em bom momento, se convertera ao credo de Lutero. Aí a praça foi salpicada com placas cheias de versículos.



A Praça do Pacificador antes do atentado urbano-paisagístico.

Recentemente aquele espaço sofreu outra intervenção, agora radical, perpetrada pelo vetusto arquiteto Oscar Niemeyer. Foi um verdadeiro atentado urbano-paisagístico urdido por quem não deveria cometê-lo. Mas a elite caipira ficou deslumbrada com aquela demonstração de "bom gosto" e modernidade. E lá se foram as casuarinas, os canteiros, o chafariz e toda a memória que envolvia a praça.

Hoje, como disse o poeta, a praça é apenas "uma fotografia na parede, mas como dói...."

10 - Os sons da cidade

Fato digno de nota era o serviço de alto-falantes do jornalista Zoelzer Poubel. Os ditos "falantes" ficavam sobre o telhado do edifício Melo - na esquina de Nunes Alves com Plínio Casado - e faziam propaganda de casas comerciais e prestadores de serviços. Os ditos falantes funcionavam praticamente o dia todo. Quando a noite chegava e a cidade diminuía sua agitação, eles podiam ser ouvidos até no Periquito, segundo nos afirmou o jornalista Eldemar de Souza que ali residia.

Se olhássemos com atenção as cornetas dos alto-falantes, não seria difícil perceber que estavam todas furadas por balas, disparadas, possivelmente, por pessoas irritadas com a zoada que eles faziam. Hoje, passados os anos e sossegados os espíritos, até que gostaria de ouvir alguns divertidíssimos *jingles* que neles eram tocados. Lembro um que enaltecia as qualidades de um alfaiate. Não recordo o nome do tal alfaiate mas o versinho era assim: "...o alfaiate, faz roupa todo o dia, pois ele é o melhor do município de Caxias". A composição era capenga, mas a musiquinha era até balançadinha.



Eldemar com as cornetas de Zoelzer Poubel

Não era só o publicitário-deputado Zoelzer Poubel que explorava o serviço de alto-falantes. Existiam também os serviços móveis. Genival Rodrigues, com sua bonita voz e locução impecável, numa caminhonete percorria a cidade anunciando tudo para todos.

Porém o mais interessante de todos foi Serra Cardoso. Serra Cardoso era um homem de pequena estatura e muito magro, mas nem por isso desprovido de coragem e verve de autêntico tribuno da plebe. Contam que certa vez, por criticar Tenório em um folheto, tomou uma surra dos "amigos" do deputado. Pois bem, nosso tribuno não se intimidou e com a ajuda de amigos, durante os primeiros anos da ditadura implantada em 1964, alugava uma caminhonete provida de som e saía distribuindo, em cada esquina, seus ditirambos para louvar a "Redentora". Tendo numa das mãos um microfone - que ele borrifava com perdigotos - e na outra o pavilhão nacional - desbotado e amarfanhado - que agitava nervosamente, Serra Cardoso conclamava o povo a apoiar o golpe que livrara a família brasileira do solerte perigo vermelho. Era um espetáculo grotesco, quase "*felliniano*"

Era gozadíssimo ver o Serra Cardoso metido num surrado terno cinza, exaltadíssimo, vermelho e suando mais que tampa de chaleira, despejar aquela catilinária anti-bolchevista. Na época eu ficava puto, hoje acho tudo muito engraçado.

Em posição oposta estava Otacílio Dias de Lacerda. Também munido de um microfone, mas do lado de fora de um carro emprestado pelos donos das Lojas Preferidas, vociferava contra os poderosos. Algumas vezes ele conseguia reunir à sua volta um razoável número de populares que se deliciavam com sua pregação socialista e de defesa das riquezas nacionais. Era um político honesto e corajoso. Acabou sendo perseguido e "exilado" de Duque de Caxias.

Todos esses sons que invadiam a Caxias de antigamente eram fichinhas se comparados com o barulho dos possantíssimos trios elétricos de hoje", verdadeiramente assustadores. Quando um deles passava pelo "Elite", ensurdecendo todos aqueles que estavam nas proximidades, Lauriano Cardoso dizia, indignado, que naquele momento gostaria de ter um 38, para meter bala no brutamonte.

Mas não era só isso. A maioria das casas comerciais, para chamar a atenção da freguesia, colocava, próximo de suas portas, barulhentas e distorcidas caixas de som. Um improvisado locutor dirigia o espetáculo, oferecendo aos passantes as mais variadas mercadorias, junto, claro, com suas piadinhas. Era uma verdadeira guerra de decibéis entre os estabelecimentos comerciais. Mas ainda persiste na Caxias de hoje esse tipo de poluição. Virgem Maria!

11-Sarapuí, ouvindo o mundo e falando para as estrelas

Até a década de 80, quem atravessasse a ponte sobre o Sarapuí, no Gramacho, em direção ao São Bento, e olhasse para a esquerda, veria ao longe uma construção imponente e moderna, que lembrava a famosa Pampulha, projetada por Oscar Niemeyer. Atualmente ela não pode mais ser vista, foi escondida pelas habitações precárias construídas nas margens do Sarapuí.

Poucos caxienses sabem que ali funcionou a Radiotransmissora do Departamento dos Correios e Telégrafos. Mas o que ela representava para o Brasil, sabe-se menos ainda. Naquele momento, final dos anos 50, a Radiotransmissora do Sarapuí, era o que havia de mais avançado em tecnologia de telecomunicações. Além disso, ela simbolizava uma das faces da “feroz” luta nacionalista travada pelo controle das telecomunicações.

Sarapuí fora escolhido para sediar a Radiotransmissora por ser local excepcional para a recepção em ondas curtas. Não custa lembrar também que ali, bem junto da estrada Rio-Petrópolis, se localizava a “radio-escuta”, uma repartição governamental que tinha como objetivo descobrir emissoras pró-nazistas, durante a Segunda Guerra Mundial. Mais além, no quilômetro 8, ficava o Núcleo Colonial de São Bento, nele estava sediada a Rádiorreceptora do Departamento de Correios e Telégrafos (DCT). Como se pode ver, Duque de Caxias sediava um importantíssimo complexo de estações rádiotelegráficas. Todo e qualquer telegrama, obrigatoriamente, passava por nosso município.

Contava João do Caio, antigo funcionário do Ministério da Agricultura, que os moradores do Núcleo Colonial foram os primeiros a saber do término da Segunda Guerra Mundial, informados pelos rádiotelegrafistas que no momento operavam os aparelhos de ondas curtas. A Radiotransmissora e a Radioreceptora eram tão importantes para a “segurança nacional” que qualquer obnubilação do panorama político ou social, no país, levava o governo a enviar tropas do Exército para as duas repartições do DCT. Essas medidas visavam impedir que as comunicações fossem interrompidas por possíveis atentados ou sabotagens. Quando morei no Núcleo Colônial, vi, pelo menos, por três vezes, desembarcarem dos caminhões do Exército dezenas de soldados que, ato contínuo, cercavam o edifício, “art déco”, em pó de pedra, que abrigava os pesados receptores RCA-Victor.

Mas deixemos a Radioreceptora nas brumas do esquecimento e vamos voltar para a sua coirmã do Sarapuí.

A Radiotransmissora do Sarapuí fora construída para atender às disposições do Plano Postal Telegráfico, num momento em que o Brasil procurava recuperar o atraso vivido por suas telecomunicações.

Independente de outros fatores, esse atraso fora agravado pela guerra . As empresas estrangeiras, que forneciam equipamentos de telecomunicações, haviam se voltado para as necessidades imediatas geradas pelo conflito e, além disso, muitas delas foram destruídas ou desativadas.

Mas a guerra também trouxera para o Brasil o aumento das exportações de produtos primários e da própria produção de manufaturados para o consumo interno. O Brasil crescia, mas sem manter correspondência com as telecomunicações. Na impossibilidade de se importar equipamentos para suprir as necessidades ensejadas pelo desenvolvimento econômico, íamos solucionando o problema com ações improvisadas. Assim, o que restara dos nossos equipamentos de telecomunicações foi sendo deteriorado, sucateados. Agravava ainda mais o problema as restrições impostas pela política econômica adotada no país, além das tarifas postais defasadas.

Ao final dos anos 50, as telecomunicações viviam, aqui, uma situação que beirava o caos. O Departamento de Correios e Telégrafos era uma instituição completamente desacreditada. Sobre a "eficiência" dos seus serviços corriam as mais variadas piadas. A imprensa não se cansava de divulgar notícias que beiravam o absurdo. Na edição do dia 4 de março de 1957, da Folha da Cidade, na página 4, podia se ler a seguinte manchete: "*O doente já estava enterrado quando chegou o telegrama a São Paulo*". O tal telegrama levara quatro dias para chegar, comunicando a morte do infeliz. Na edição de 27 de outubro de 1957, do mesmo jornal, estava escrito: "*Telegrama demorou 12 dias para chegar a Niterói*". Quando se desejava um serviço que merecesse confiança só havia uma solução: apelar para a Western.

Mas sem uma infraestrutura confiável nas telecomunicações, como atingir o binômio: desenvolvimento e industrialização, tão perseguido pelos planos econômicos de então (SALTE, governo Dutra e Metas de Juscelino Kubitschek)?

Devemos lembrar que o momento político vivido no Brasil dos anos 50 era de quase xenofobia econômica. As empresas estrangeiras eram vistas com desconfiança. Assim, a aplicação de capitais multinacionais no setor das telecomunicações, considerado prioritário para a segurança nacional, não parecia ser uma solução adequada para o momento. Mas, por outro lado, o governo não tinha condições, naquele momento, de solucionar o problema com recursos próprios.

Como complicador, tínhamos ainda uma legislação conflitante e contraditória. Vários ministérios detinham algum tipo de atuação na área das telecomunicações.

Outra questão para ser resolvida era a tecnológica. Apenas as Forças Armadas detinham alguma tecnologia capaz de nos permitir caminhar, mesmo claudicantemente, com os próprios pés. E eram elas que entendiam ser as telecomunicações essenciais para a segurança nacional.

Efetivamente, as primeiras preocupações do governo com a defesa da segurança nacional do Estado tem suas raízes plantadas no fim dos anos 20, com a criação do Conselho de Defesa Nacional (Decreto nº 17.999, de 29 de novembro de 1927). Este Conselho foi constituído pelo Presidente Washington Luís e seus Ministros de Estado; tinha como objeto coordenar a produção de conhecimentos sobre questões de ordem econômica, financeira, bélica e moral, relacionadas com a defesa do Estado.

No período varguista (1930/1945), mais que em momentos anteriores, cuidou-se de erigir uma estrutura jurídica e institucional que garantisse a legalidade e efetividade das ações destinadas à salvaguarda do Estado. Assim, em 10 de janeiro de 1933, é criada a Delegacia Especial de Segurança Política e Social, através do Decreto 22.332. Em 4 de abril de 1935, foi promulgada a primeira "Lei de Segurança Nacional" e, como consequência dela, o Tribunal de Segurança Nacional (1936), diretamente subordinado à Justiça Militar.

O fim da Segunda Guerra Mundial, com o conseqüente advento da Guerra Fria, fará aumentar a preocupação dos militares com a segurança nacional, diante do bicho-papão do comunismo. Dessa forma, o Brasil procura se identificar com os interesses hegemônicos dos Estados Unidos. Oficiais brasileiros passam a frequentar cursos ministrados em escolas militares norte-americanas: *National Security People, National War College e Industrial College of the Armed Forces*.

Entre as principais estratégias para a execução de uma política que garantisse a segurança nacional - sempre tutelada pelos militares -, as telecomunicações ocupavam lugar de destaque. Mas, na prática, elas continuaram precárias. O governo Dutra, com o Plano SALTE (saúde, alimentação, trabalho, energia), pouco ou nada fez pelo setor. Aliás poucos foram os benefícios trazidos por esse Plano que acabaria sendo abandonado. No segundo governo de Vargas a situação pouco se modificou.

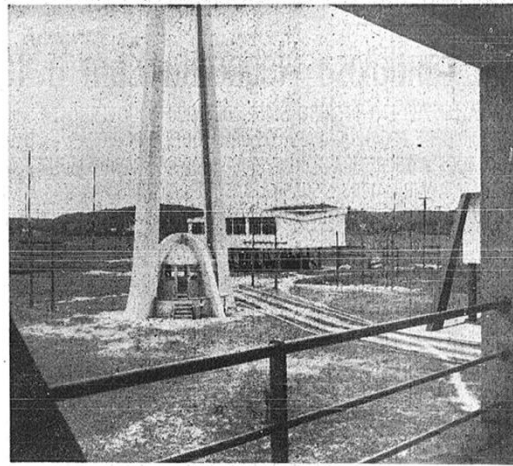
O salto qualitativo das telecomunicações no Brasil terá início no governo JK, através do "Código Brasileiro de Telecomunicações". O Código (Lei 4.117) - cuja elaboração e discussão se iniciara no governo de Juscelino, mas seria promulgado pelo Congresso Nacional em 1962, no governo de João Goulart - era o documento legal que consolidava e regulamentava o setor das telecomunicações e radiodifusão no Brasil.

A Radiotransmissora do Sarapuú seria inaugurada num momento em que o Brasil, embalado pelo "desenvolvimentismo" do governo JK, se lançava, num esforço hercúleo, para avançar 50 anos em 5.

“UM DOS PASSOS MAIS AVANÇADOS QUE DÁ O BRASIL NO SEU SISTEMA DE COMUNICAÇÕES”

Assim se referiu o presidente da República à Central de Sarapuú (uma das maiores do mundo)

CORONEL ALBERTO BITTENCOURT, DIRETOR DO DCT: “SARAPUÚ É AINDA A MAGNÍFICA AFIRMAÇÃO DA CAPACIDADE REALIZADORA DOS NOSSOS TÉCNICOS, CONTRA O NEGATIVISMO DERROTISTA DOS CRÍTICOS APRESSADOS, APOLOGISTAS DE SOLUÇÕES ALIENÍGENAS”



ASPECTO DA 'ORIGINA' DAS ANTENAS E DA CAIXA D'ÁGUA
A maior Central Distrital do Brasil custou 80 milhões

REFERINDO-NOS, em nosso número anterior, à inauguração da Central de Sarapuú no Município de Duque de Caxias, dissemos que o Brasil havia dado, com ela, um passo gigantesco na solução do seu problema de telecomunicações. No momento em que tratava estrangeiros — ou, mais precisamente, a International Telegraph & Telephone Corporation, controlada pelo Grupo Morgan — tentam apressar-se com o sistema, através de máquinas da Western Telegraph Company, o acontecimento a que aludimos se reveste da maior importância e por isto deve ser relatado com ênfase por todos os brasileiros. Dizia-se, na Câmara, o deputado Sérgio Magalhães, chamando a atenção de seus pares para o fato, digno de nota, desse empreendimento estar ali, exatamente, com o andamento, naquela casa do Congresso Nacional, do Código de Telecomunicações.

Magalhães, quando, ao comentar o acontecimento, que todos os brasileiros notam com ênfase, lembrou que outros serviços, como os dos telefones, deveriam estar a cargo do departamento especializado dirigido pelo coronel Bittencourt, pois, se assim fosse, "seríamos em perfeita harmonia". Melhor elogio não poderia ser feito ao chefe do DCT, servindo também como estímulo, se um homem como Sérgio Magalhães...

...e eficiência de Vossa Excelência, permitiram recuperarmos um atraso de 50 anos no problema de comunicações no Brasil. Nesta casa, Sr. Presidente, com um espírito de gênio, há aqui um bom exemplo aos Distritais que um grande trabalho e pacata defesa uma obra, igualmente para o seu tempo e um grande exemplo para a geração de hoje. Essa obra é manobrada por o Barão de Capoteiros.

em V. Ex., e nas grandes realizações do seu governo. A União (Rio Lantêmio, pa. de Sarapuú) constitui obra em progresso e com Magalhães, em condições melhores, os pontos cardeais da política. Sr. Presidente, a V. Ex., que pôde a obra de salutar de S. Ex., o Sr. Presidente Juscelino, Kub...

Primeiro passo em direção de que o Estado brasileiro deve que mobilize com inteligência os recursos de que

OBRA BRASILEIRA NO SEU PLANEJAMENTO. NA SUA ESSENCIA E NA SUA

Agna V. Ex., Sr. Presidente, para os pontos cardeais da política. Sr. Presidente, a V. Ex., que pôde a obra de salutar de S. Ex., o Sr. Presidente Juscelino, Kub...

em V. Ex., e nas grandes realizações do seu governo. A União (Rio Lantêmio, pa. de Sarapuú) constitui obra em progresso e com Magalhães, em condições melhores, os pontos cardeais da política. Sr. Presidente, a V. Ex., que pôde a obra de salutar de S. Ex., o Sr. Presidente Juscelino, Kub...

Sarapuú estava nas manchetes dos jornais do Distrito Federal.

Em sua edição de 1º de setembro de 1956 (1º caderno, página 5) o jornal "A Noite" trazia a seguinte chamada: "3 Milhões de Telegramas por Dia". A informação divulgada pelo jornal, afirmava que, quando estivesse pronta, a Estação Radiotransmissora do Sarapuú poderia permutar até 3 milhões e duzentos mil telegramas diários com os seus correspondentes de todo o Brasil. Elogiava o edifício, considerado moderno, belo e funcional, plantado sobre uma área pantanosas de 1 milhão e 600 mil metros quadrados. Ao final, a reportagem esclarecia que: "Para execução dessa tarefa, que é a de colocar o DCT em condições de cumprir seus múltiplos encargos, foi criada, por portaria ministerial de 1949, a Comissão Executiva do Plano Postal Telegráfico, formada por um órgão deliberativo, três escritórios (Telecomunicações, Postal e Administração) e uma Seção de Construção Civil".

No dia 10 de dezembro de 1957, uma terça-feira, o Presidente Juscelino Kubitschek se deslocava do Palácio do Catete em direção a Duque de Caxias. Vinha inaugurar, às 18 horas e 30 minutos, aquela que seria a maior Radiotransmissora da América Latina e uma das maiores do mundo, com capacidade para transmitir 1 milhão e 66 mil mensagens por dia.

"O Semanário", jornal dirigido por Oswaldo Costa, com posições intransigentemente nacionalistas, na edição de 26 a 2 de janeiro de 1958, apresentava num "box", na primeira página, a seguinte chamada: "A Central de Sarapuú é a resposta aos derrotistas empenhados em só

encontrar soluções alienígenas para os problemas brasileiros.” Coronel Alberto Bittencourt.

Juscelino, no mesmo tom nacionalista e otimista, afirmava: *“Um dos passos mais avançados que dá o Brasil no seu sistema de comunicações”*.

Abrindo a grande reportagem, os redatores de “O Semanário” escreveram:

“Referimo-nos em nosso número anterior, à inauguração da Central de Sarapuí, no Município de Duque de Caxias, dissemos que o Brasil havia dado, com ela, um passo gigantesco na solução do seu problema de telecomunicações. No momento em que trustes estrangeiros – ou mais precisamente, a International Telegraph & Thelephone Corporation, controlada pelo Grupo Morgan – tentam apossar-se desse sistema, através de manobras da Western Telegraph Company, o acontecimento a que aludimos se reveste da maior importância e por isso deve ser saudado com efusão por todos os brasileiros. Dê-se se ocupou, na Câmara, o deputado Sérgio Magalhães, chamando a atenção de seus pares para o fato digno de nota, desse empreendimento estatal coincidir, felizmente, com o andamento, naquela casa do Congresso Nacional, do Código de Telecomunicações.”

E o redator, em seu texto, desmentia a frase de Oswaldo Aranha, que dizia ser o Brasil um deserto de homens e idéias. O vigoroso nacionalismo que se propagava por todo o país vinha desmentir parte dessa assertiva pessimista. Enaltecia o Presidente JK pela escolha do coronel Alberto Bittencourt para dirigir o Departamento de Correios e Telégrafos, não só por sua capacidade, mas pela crença do ilustre militar no poder de realização do Estado brasileiro. Também lembrava que a Central do Sarapuí fora inteiramente planejada e construída por técnicos brasileiros. Mais adiante, reportou as palavras do deputado Sérgio Magalhães em discurso na Câmara, quando dizia que outros serviços, como o dos telefones, deveriam estar a cargo do departamento especializado dirigido pelo coronel Bittencourt; pois, se assim fosse, estariam em perfeito funcionamento.

Em sua fala o coronel Bittencourt lembrou a promessa do Presidente Kubitschek em relação às telecomunicações:

*“Se eleito Presidente da República, convocarei uma equipe de técnicos nacionais e estrangeiros para no período de seis meses estudar o II Plano Postal Telegráfico e uma completa remodelação de métodos e serviços no Departamento de Correios e Telégrafos. Farei questão de dar à minha velha casa de trabalho (**JK foi telegrafista dos Correios**, o grifo é nosso) uma atenção carinhosa e de garantir ao Brasil um serviço de comunicações a altura das necessidades do seu progresso.”*

Finalizando o seu discurso, o coronel Alberto Bittencourt pedia ao Ministro Lúcio Meira para que solicitasse ao Presidente Juscelino dar

início à inauguração da Central Radiotransmissora do Sarapuí. Em rápidas palavras o Presidente congratulou-se com todos os telegrafistas do país, considerados como "*companheiros de luta*", pois também exercera essa profissão.

A leitura deste texto pode dar a ideia que as obras da Radiotransmissora do Sarapuí tiveram início no governo de JK. Consultando o Diário Oficial da União de 26/11/1953, podemos observar que nele existe, em nome daquela repartição do DCT, um edital de concorrência pública para a construção de uma estrada que desse acesso às instalações do conjunto arquitetônico. Também na página 10 de "A Noite", edição de 16 de agosto de 1952 (cinco anos antes da inauguração, ainda no governo de Vargas), já se falava da Radiotransmissora como "pedra angular" para a execução do Plano Postal Telegráfico. A reportagem informava ainda que as obras estavam sendo chefiadas, pessoalmente, pelo engenheiro Píndaro Camarinha, Diretor de Material do DCT. Como se vê, o grande mérito de JK, tudo indica, foi o de dar continuidade e celeridade à obra, iniciada no governo anterior.

Mas todo esse esforço para se construir a maior Central Radiotransmissora da América do Sul não resultou no que se esperava. O sistema de transmissão em ondas curtas estava com os seus dias contados. Em breve, os satélites artificiais dominariam os espaços e logicamente as telecomunicações. Os soviéticos com o seu Sputnik (satélite, companheiro de viagem), lançado no dia 4 de outubro de 1957, aproximadamente dois meses antes da inauguração da Transmissora do Sarapuí, haviam dado início a uma nova era. O Sputnik era uma esfera de aproximadamente 58,5 cm. Pesando 83,6 kg. Sua função básica era transmitir um sinal de rádio intermitente (bip) que podia ser sintonizado por qualquer radioamador. No auge da Guerra Fria, isso era algo inadmissível nos Estados Unidos. Mas ali estava a pequena lua soviética passando 15 vezes por dia, com o seu "irritante" bip, bip, sobre a cabeça dos norte-americanos.

Curiosa e paradoxalmente, o sinal do Sputnik, que parecia anunciar o curto reinado da maior radiotransmissora da América do Sul, era captado em Caxias por um radioamador da rua Capitão Damasceno, segundo Folha da Cidade na edição de 13/10/1957:

"Ouvindo em Caxias sinal do satélite. *Radio-amador Francisco Ponce, de Caxias, captou os sinais emitidos pela "lua mirim" lançada ao espaço pela Rússia – Um dos (radioamadores N. do A.) mais antigos do Brasil – A Rússia tomará conhecimento."*

Duas questões ainda persistem:

Quando a Radio Transmissora do Sarapuí encerrou definitivamente as suas atividades?

Quem foi o arquiteto que projetou o seu moderno e funcional edifício?

Não sei, exatamente, a destinação que foi dada à edificação, sei apenas que ela ainda pode ser vista do Google Earth. Diziam alguns que havia sido invadida. Outros afirmavam que fora depredada. Vista do Google, a Radiotransmissora parece abandonada, sepultada numa favela paupérrima, dormindo o sono dos mortos. Mas tudo poderia ser diferente se o Prefeito Renato Moreira tivesse conseguido vencer a pesada burocracia oficial. Quem explica o fato é o professor e historiador Stélio Lacerda, na época, seu Secretário de Educação:

Quando era diretor do Departamento de Educação e Cultura da municipalidade, acompanhei o prefeito Renato Moreira da Fonseca (1975-79) em jornada de trabalho a escolas municipais do 2º distrito, especialmente no Parque Fluminense e Parque Comercial, que integravam o programa de reforma de prédios escolares – corria o ano de 1976.

No retorno daquela visita de inspeção às obras, na altura de Sarapuí, o prefeito resolveu conhecer as dependências da Estação Radiotransmissora do outrora Departamento de Correios e Telégrafos. Soubera que era um dos símbolos da modernidade tecnológica dos anos 1950, quando as comunicações não se realizavam via satélite, e que se encontrava praticamente desativada.

Assim que a viatura oficial estacionou no pátio da estação, um funcionário veio receber os visitantes – era o zelador daquele patrimônio público. Receptivo, mostrou as instalações e áreas adjacentes, ainda razoavelmente conservadas. Era uma construção de grande porte, localizada relativamente próxima ao centro de Duque de Caxias, e cujo desuso levaria à degradação.

Impressionado com o que vira, o prefeito comentou que se o governo federal concedesse à prefeitura – por este ou aquele instrumento legal – aquele patrimônio, ali instalaria a sede do Executivo. Assim, a administração municipal evitaria a dispersão de seus departamentos e demais órgãos como vinha ocorrendo à medida que a cidade crescia - era preciso agrupar os órgãos públicos municipais de modo a propiciar mais eficiência na prestação de seus serviços.

Além disso, diante da proximidade ao centro, haveria facilidade de acesso à administração e, com os setores ali concentrados, rapidez no atendimento aos pleitos comunitários. Sabia o prefeito, porém, que seria uma empreitada de longo prazo, sujeita à burocracia das esferas de governo. Infelizmente, para a cidade, foram infrutíferas as tentativas de conseguir a cessão de uso da antiga Estação Radiotransmissora do DCT à municipalidade.

Fica o registro daquele episódio, guardado no fundo da memória. Decorridas quase quatro décadas fica a pergunta: o que foi feito daquele grandioso acervo público, testemunha da época anterior à revolução tecnológica nas comunicações?

Teresópolis, janeiro/2013



Selo comemorativo da inauguração da Rádio Transmissora

12 - A feira

Já que estamos nas proximidades da Praça do Pacificador, por que não lembrar a feira de domingo?

Quando fui morar em Caxias, a feira já não era mais o que fora nos anos 40. Mudara muito e, segundo os antigos, para pior. Ouvia falar que nos tempos áureos ela era tal e qual a feira de Caruaru. Ali se vendia de tudo, inclusive gado. Era tipicamente nordestina; é bom lembrar que a feira de São Cristóvão ainda não existia. Nordesteiro que se prezasse, fosse ele deputado da Capital Federal ou um simples porteiro de algum edifício da zona sul do Rio de Janeiro, domingo partia para Caxias em busca das coisas que só encontraria em suas terras de origem: rapadura, farinha da boa, cachaça de Pernambuco ou da Paraíba, ave de arribação, carne-de-sol, manteiga-de-garrafa e comidinhas da Bahia: acarajé, abará, caruru, vatapá e mungunzá, feitas por negras em alvíssimas vestimentas típicas. Também se podia escutar violeiros fazendo desafios, cantando martelos agalopados e vendedores de folhetos que contavam as histórias de Joãozinho e Mariquinha, de Pedro Malazarte, do Pavão Misterioso, de Carlos Magno e os Doze Pares de França, as "pelejas" do Cego Aderaldo com o Zé Pretinho e também os versos desconcertantes do Zé Limeira.

**O Marechal Floriano
Antes de entrar pra Marinha
Perdeu tudo quanto tinha
Numa aposta com um cigano
Foi vaqueiro vinte ano
Fora os dez que foi sargento
Nunca saiu do convento
Nem pra lavar a corveta
Pimenta só malagueta
Diz o Novo Testamento!**

Impressionante mesmo era ver e ouvir um sanfoneiro cego que através de uma engenhoca, muito bem construída, se acompanhava

com uma verdadeira bateria comandada pelos seus pés. Ao lado, sua companheira ia recolhendo as moedas que os passantes lhe atiravam.

A feira de Caxias transcendia os estreitos limites do tempo e do espaço presentes, projetando-se para épocas e "*distâncias infinitas*", como diria Barboza Leite. Nela, imagens atemporais poderiam surgir inesperadamente, insinuando, caoticamente, rastros medievos, renascentistas ou futuristas. Cores, sons e movimentos se misturavam, compondo uma ópera louca iluminada pelo sol morno da manhã.

Moleque, ainda na adolescência, foi ali que me iniciei na numismática. Partia religiosamente, todos os domingos, para comprar moedinhas antigas que eram vendidas num terreno baldio que ficava em frente ao Mercado Municipal. Lá se comercializava de tudo, inclusive pássaros silvestres (papagaios eram disputadíssimos), tartarugas, calangos, cabritos, porcos e peixinhos de aquário. Hoje é crime. Antes, não era; hoje, já era.

Mas a numismática não era o único atrativo que a feira me oferecia. A barraca de discos do Chico também me virava a cabeça. Num desengonçado tabuleiro que ficava armado em frente as escadas da estação ferroviária, Chico amontoava pilhas e mais pilhas de velhos discos de 78 rotações. Alguns desses discos remontavam à época das gravações mecânicas. Ali, a freguesia se acotovelava no diminuto espaço do tabuleiro para examinar aquelas raridades.

Num cantinho, sob a canina vigilância do Chico, ficavam os cobiçados long-plays. Em matéria de discos, os LPs representavam o máximo em tecnologia, eram novidade. Deles, Chico não deixava que nos aproximássemos. Ele próprio fazia questão de exibi-los e, na medida que mostrava os discos, fazia comentários sobre as músicas, os intérpretes a gravadora etc. Podemos dizer que esses comentários funcionavam como uma crítica canhestra, mas que, em muitos casos, ajudava o freguês a se decidir.

Na outra extremidade da barraca, Vicente - um mulato magrinho, monossilábico e sempre equilibrando uma guimba de cigarro no canto da boca - gerenciava a "seção de 78 rotações".

Foi nesse saboroso ambiente de raridades e novidades que comecei a formar a minha "discoteca". Meu primeiro disco (meu mesmo, comprado com o curto dinheiro da mesada) foi um 78 rotações de Glenn Miller. Era um disco de selo vermelho, se não me engano da RCA-Victor. Realizada a compra, meti o disco debaixo do braço e fui direto para casa. Num só fôlego subi os três lances de escadas do edifício 25 de Agosto e, como quem vai apagar incêndio, entrei na pequena sala de

nosso apartamento. Coloquei o disco na "aparelhagem de som" e comecei a ouvir os primeiros acordes de "Chattanooga Choo Choo", tocada pela famosíssima orquestra de Glenn Miller. Passei o domingo todo escutando aquela melodia que ainda hoje trago bem guardada na memória. A feira era isso: um mundo fabuloso, dentro de nosso pequeno mundo.

O grande menestrel da feira de Caxias foi Barboza Leite, ele próprio nordestino, cearense de Uruoca. Fez um folheto belíssimo intitulado "*A Grande Feira de Duque de Caxias*". Aqui está um pedacinho dessa jóia:

**"A feira é um panorama
de efeito gigantesco
feito de sonhos e dramas
tangenciando o dantesco.
Também nela o grotesco
se alia ao maravilhoso
como o mendigo andrajoso
que esmola não pede, exige
e, aos circunstantes aflige
com seu aspecto horroroso."**

Não aquela cidade do livro do Zuenir Ventura, onde de um lado está acampada a violência e do outro a sociedade civil se mobilizando para sobreviver ao crime.

Não, a nossa era, felizmente, partida apenas geograficamente. Melhor dizendo, era partida pela estrada de ferro Leopoldina. Isso durou até o governo do prefeito Francisco Correia, quando o viaduto da rua Paulo Lins ainda não havia sido construído. Claro que a construção de um viaduto, atravessando a linha do trem era, para a época, algo arrojado. Muitos diziam que ele não iria suportar o grande movimento de carros, ônibus e caminhões. Para provar que sua obra era segura, Chico Correia arranhou um caminhão e encheu-o com areia, pendurado no estribo do veículo, atravessou triunfalmente o viaduto que construía. Agora a oposição não tinha mais o que falar.



Prefeito Francisco Corrêa

Mas antes da construção do viaduto, o lado da Praça do Pacificador se comunicava com o outro lado, o da feira, através de cancelas. No centro, essas cancelas começavam na Plínio Casado ou na Rio-Petrópolis, cruzando a linha do trem, davam acesso à Avenida Duque de Caxias ou Presidente Vargas. Da Praça do Pacificador até o cemitério, tínhamos quatro ou cinco cancelas. Havia uma, a principal, que ficava

nas imediações do Bar Assunção, onde hoje está a C&A, que já foi Cine Paz.

Desnecessário é dizer que eram perigosíssimas. Muitos desastres ali aconteceram, alguns com perda de preciosas vidas. Um desses acidentes, e que me chocou bastante, foi o que vitimou seu Antônio, um corretor de imóveis, oriundo de Itaperuna, nosso amigo, sessentão, corpulento e muito bem humorado.

Foram muitas as desgraças acontecidas nas famigeradas cancelas. Mas o tragicômico aconteceu com Pernambuco, um peixeiro muito conhecido por suas bebedeiras. Certo dia, depois de uma de suas carraspanas, caiu na linha do trem, veio o "mata-sapo" e decepou-lhe uma das pernas. Recuperado do acidente, tomou outro porre, caiu na linha e, novamente, o "mata-sapo" arrancou-lhe a perna que sobrara. Pernambuco podia ser visto, já velho, morando de favor num dos boxes do Mercado São Miguel, onde hoje funciona o Shopping Ela. Foi essa a história que me contaram, se não for verdade...queiram me desculpar.



O viaduto uniu a cidade partida.

Mas não só desgraças essas passagens de nível ofereciam. Uma havia, quase em frente à casa do Tenório, que desembocava no "Buraco

do Bené”, um barzinho muito pequeno, mas famoso por suas comidinhas: caranguejos, tripas de porco, moelas de galinha e cachaças.

A turma do sereno se reunia no local para degustar os crustáceos, devidamente acompanhados de “cervas” geladíssimas e de “água que passarinho não bebe” e que, em alguns momentos, tem o poder de “amansar corno”. As paredes do Buraco eram enfeitadas com cascas de caranguejos devidamente assinadas por seus degustadores. A higiene não era o ponto forte do estabelecimento. Vez por outra, um ratinho passava, fazendo a alegria da freguesia, exclusivamente masculina. Os tabuleiros com os salgadinhos, expostos à sanha dos glutões, eram freqüentemente visitados por mimosas baratinhas, muito graciosas e envernizadinhas, essas que as mulheres chamam de francesinhas.

Banheiro não havia; quando a bexiga apertava, a gente se aliviava na linha do trem. Que perigo!

Eu, Barboza, Menezes e outros amigos noctívagos, para fugirmos da rotina do Garoto Fluminense, algumas vezes acampávamos por lá. Era divertido. De fato, Nelson Pereira dos Santos, diretor do filme “*O Amuleto de Ogum*”, tinha razão ao afirmar que Caxias era a capital cultural do Brasil. Era mesmo, hoje não sei.

. Um dia, entusiasmado com o sucesso do “Buraco”, Bené resolveu mudar o estabelecimento para um lugar maior, menos escondido e que pudesse oferecer mais conforto à sua fiel clientela. Não prestou, perdeu a graça, virou mais uma dessas lanchonetes horrorosas. Aí o povo, na sua inteligente crueldade, começou a chamar o local de “Buracão do Bené”. Não durou muito, em pouco tempo o “Buracão” fechou.

Naquele tempo Caxias era assim, de repente aparecia um bar novo, com uma “cenografia” diferente que iria atrair os noctívagos, boêmios e afins. Bares e restaurantes tinham charme, reuniam gente interessante, com papo-cabeça. Hoje vejo essas lanchonetes “chinesas”, horrorosas, com o pessoal se espremendo para comer aquele pastel cheio de óleo, espalhando gordura para todos os lados. Nesses estabelecimentos ninguém se conhece, não sabemos quem é o dono e o funcionamento obedece ao horário comercial. Neles não há lugar para o noctívago, para aquele que deseja apenas fazer hora. Só uma coisa me faz perdoar esses exóticos estabelecimentos: é o combate que dão aos “festifudes” tipo “Maquidonalde”- ainda mais burocráticos e frios -, que hibernam nas praças de alimentação dos shoppings.

Fato curioso, também, são os funcionários, chineses e cearenses se esfalfando para empanturrar a clientela com pastéis, coxinhas de

galinha, joelhos de porco, caldo de cana, Coca-Cola e água de coco. Esse reencontro étnico, entre antigos e novos migrantes da Ásia, dentro de uma lanchonete, só poderia mesmo acontecer no Patropi.

Claro está que hoje temos casas oferecendo shows, mas tudo muito comercial, carregado de decibéis, luzes ofuscantes e com menininhos e menininhas de classe média exibindo aquelas tatuagens breguíssimas. Hoje quem passa pelas imediações do Shopping Center ou da UNIGRANRIO vê aquele montão de gente comendo, bebendo em meio a música funkeira, esporrenta, vinda dos falantes dos carros dos alunos.

Aquele local onde rolava o papo-cabeça, onde se curtiava uma espécie de solidão acompanhada e onde todas as noites derrubávamos o governo, desapareceu. Tudo mudou, nem ditaduras explícitas temos mais para derrubar. As lanchonetes, com seus incômodos banquinhos e "ficha no caixa", iriam tomar o lugar dos aconchegantes botequins, com suas mesas, garçons e contas no "pendura".

Aqui, a "era" das lanchonetes parece ter começado com a inauguração da Las Vegas, que ficava de cara para a Praça do Pacificador. A novidade foi muito bem aceita pelo público. A Las Vegas obedecia a uma "racionalidade" típica dos grandes centros e dos novos tempos. Tudo muito bem iluminado, funcionários uniformizados, as mercadorias expostas em tabuleiros lembrando um jogo de xadrez. As coisas eram arrumadinhas e tão quadradinhas quanto a clientela que freqüentava o estabelecimento para saborear o misto quente, o *sundae* e a *banana split*. O clima que ali reinava não permitia longos papos; bebida, só acompanhada de comida. Quem desejasse "fazer hora" que fosse para fora do estabelecimento. Nem mesmo próximos de suas portas a presença de grupinhos era bem vista. Mas elas foram vencendo e assim surgiu a "Mexicana", o Solmar e outras mais. Os grandes restaurantes, como o Oceano e o Cruz de Malta acabaram banidos pela "racionalidade" dos "festifudes".

Nos anos 70, durante o governo Renato Moreira, foi construído o viaduto do Centenário, unindo a cidade partida e acabando definitivamente com as perigosas cancelas.

Naquele tempo, o nome de Nilo Peçanha não me dizia nada, era apenas uma avenida que ligava o centro de Caxias ao Bar dos Cavaleiros. Depois fiquei sabendo que o Moleque Presepeiro, como era alcunhado, fora muito importante para o estado do Rio de Janeiro e quando assumiu a presidência do Brasil, em menos de um ano, promoveu grandes mudanças na viciada República Velha. Por tudo isso, com justiça, seu nome é encontrado em vários logradouros do nosso estado.

A Nilo Peçanha, da Caxias de antigamente, não era como hoje, com trechos para pedestres e estátua de Zumbi. Possuía trânsito pesado com mão e contramão. Era pavimentada com paralelepípedos em parte de sua extensão, o restante era mesmo de barro. Começava na Rio-Petrópolis e tinha como marcos, as Casas Jaraguá, de um lado e as Casas Pernambucanas, do outro, uma em cada esquina, ambas dedicadas ao ramo de tecidos.



Calçamento da Nilo Peçanha.



Avenida Nilo Peçanha, anos 60.

Pouco adiante destacava-se: O Forte de Caxias, uma grande empresa de material para construção. Do lado direito, de quem ia para o Bar dos Cavaleiros, ficava o Braseiro dos Tecidos e a Chapelaria Nacional. A clínica do Dr. João da Luz Franco vinha mais adiante, do lado esquerdo, fazendo esquina com a rua José de Alvarenga. A clínica possuía um serviço de radiologia que durante muitos anos foi dos mais importantes da Baixada Fluminense. Dr. João foi meu médico, nele eu confiava plenamente. Felizes foram os tempos sem os famigerados "planos de saúde". Tempos em que os médicos exerciam a profissão como um verdadeiro sacerdócio. A palavra do médico era inquestionável e seu diagnóstico não ficava se amparando numa porrada de exames, alguns perfeitamente dispensáveis. Além de tudo, ele mantinha com o paciente uma relação humanizada. Muitas vezes vi o dr. Lacerda andando apressado pelas tumultuadas ruas da Caxias de antigamente para atender a um doente que, em alguns casos, nem podia pagar por uma consulta. Foram inúmeras as oportunidades que tive de testemunhar o desvelo e atenção que o dr. Romeiro dedicava ao povo desvalido da cidade de Lima e Silva. Num velho Land Rover, percorria os quatro cantos de Caxias, procurando aliviar a aflição dos que necessitavam dos seus cuidados médicos.

Atravessando a José de Alvarenga, logo após a clínica, surgia barulhentemente o Bota Fora, uma casa de roupas de carregação, uma coisa medonha. Quase colado ao Bota Fora vinha o Garoto Fluminense, talvez o mais simpático e acolhedor restaurante caxiense. Além de

possuir uma excelente cozinha, era onde se tomava o cafezinho mais saboroso de Caxias. Jamais consegui encontrar outro melhor.



Nilo Peçanha, anos 70. Na esquina, onde vemos a garotinha atravessando a rua, ficava o Bota Fora.

Quando anoitecia o Garoto ficava lotado de estudantes universitários que ali se encontravam para discutir os mais variados assuntos, em especial, política. Vivíamos então a segunda metade dos anos 60, período dominado por uma feroz ditadura. No bar se sabia aquilo que a censura tentava esconder. Sempre vinha alguém trazendo novidades e boatos. Mas, claro, tudo comentado em voz baixa, "pianíssimo" e o mais longe possível de desconhecidos... podia ter "nego" do SNI ou do DOPS nas proximidades.

Era também o local em que Barboza Leite parava depois de encerrar o expediente no IBGE. O poeta chegava lá pelas 18 horas, nós

a partir das 21. O Garoto Fluminense, naquele momento, funcionou como um território livre dentro da nação ocupada pelo autoritarismo irracional. As discussões entre a estudantada varavam a madrugada e, de tão acaloradas, pareciam indicar que a qualquer momento os contendores iriam às vias de fato. Mas tudo terminava numa tremenda batucada, com um samba "puxado" pelo Cacá Engenheiro. Tudo devidamente acompanhado do tilintar de garrafas e o tamborilar sobre as mesas, com punhos fortes e dedos ágeis. Cacá era também um emérito contador de piadas.

"Chefiados" por Barboza Leite, ali se reuniam: Paulinho "James Bond", Antônio Carlos Menezes, Alcmeno Bastos, "Cacá Engenheiro", Jairzinho Canela Fina, Márcio, Newton Menezes, Waldenberg "Baiano", Armando Valente, José Carlos (Zélio), Flavinho, Mário Bianco, Hermes Machado, Jorge Franco, Vadinho, Belarmino, Jacques, Antônio Eduardo Sena e outros que a memória não conseguiu reter.

Seu Augusto, o dono do estabelecimento, era um português simpático e extremamente paciente, realmente uma bela criatura. Aturava na maior esportiva os destemperos daqueles "meninos", achando tudo "muito justo", como gostava de repetir. Até a chegada do caminhão que entregava o leite, seu Augusto permitia que "os meninos" ali permanecessem, logicamente com as portas arriadas, para evitar contratempos e desrespeito à "lei do silêncio".

É muito difícil a gente falar daquilo que conhece, por mais estranho que possa parecer. Pelo menos eu tenho essa dificuldade. Quando escrevemos sobre assuntos desconhecidos ou com os quais temos pouca intimidade, somos sintéticos, não nos aventuramos por atalhos perigosos, não caminhamos em zig-zag. Isso acontece comigo em relação ao Garoto Fluminense. Como vivi boa parte de minha juventude em grande intimidade com aquele restaurante, tenho muita dificuldade para escrever sobre ele. Uma bela crônica sobre o famoso estabelecimento foi escrita pelo professor Alcmeno, fidelíssimo freqüentador do local. Não resisto à tentação de transcrevê-la aqui, já que foi o único documento que restou. É uma verdadeira fotografia em "terceira dimensão". Com a devida autorização do autor, tomo a liberdade...



O Garoto Fluminense ficava aqui.

"Lembrando o Garoto

Alcmeno Bastos

Ficava na Nilo Peçanha, ali onde hoje existe uma loja de tecidos, uma dentre tantas outras de uma cidade com febre de comércio. Era um bar ainda à antiga, o balcão de frente para a rua, próximo a calçada, permitindo o cafezinho de passagem, um olho na xícara fumegante e o outro no que acontecia lá fora. No fundo, o restaurante, a que se tinha acesso por um corredor lateral, à esquerda de quem entrava. Se a descrição não é de todo fiel, se nela nada existe que singularize o bar, em nada diferente de um bar de centro d e cidade confusa quanto o era Caxias naqueles tempos. Assim me vem à lembrança o Garoto de quando o conheci nos idos dos 60.

Depois, seguindo a febre (ou praga) das lanchonetes, o Garoto sofreu uma reforma que o deixou moderno. O Balcão frontal à rua cedeu espaço a outro, em U, revestido de fórmica, ante o qual foram plantados aqueles nefandos bancos redondos para uma só pessoa. O desconforto desse tipo de assento era clara indução à pressa. Tanto quanto os motéis, que proliferavam nessa década, a arquitetura e o mobiliário das lanchonetes impunham a alta rotatividade. Ninguém podia ali demorar-se mais que o indispensável à degustação (?) acelerada do "hot-dog" e da vitamina (ou do suco, tanto fazia). Servia-se ainda café, mas a lanchonete era a nova atração da casa. O restaurante, por sua vez, continuava nos fundos, acessível ainda pelo mesmo corredor lateral. E nas paredes, em toda a extensão do salão, da lanchonete na frente ao restaurante nos fundos, uma sucessão de painéis encomendados não a algum dos muitos artistas que freqüentavam a casa, mas a um legítimo continuador do estilo "Newton Bravo & Pai". Misturavam-se paisagens brasileiras – cenas amazônicas, com a esperada inflação cromática de periquitos, araras e complementar fauna tropical -, a paisagem lusitana – o indefectível e preguiçoso Tejo serpenteando cidades ribeirinhas. Se a memória não comete a perfídia de atribuir ao artista que redecorou as paredes do Garoto o que meus olhos terão visto em outro qualquer botequim, lá estavam, por prodígio de prestidigitação pictural, no mesmo quadro, uma ponte sobre o já mencionado Tejo e a imagem carioca do Cristo Redentor...Dentre todas as cenas, porém, o destaque, até pela posição que lhe reservara o artista, centrando-o na parede dos fundos, visível, portanto, de qualquer mesa, era o menino que, no centro de um campo de futebol, vestido com a camisa tricolor do Fluminense (aí se colocava delicioso duplo sentido para o "fluminense" do nome do bar, pois tanto aludia à terra – era um gentílico, portanto – quanto ao designativo de quem torcia pelo clube carioca), desrespeitando por completo as leis de perspectiva que tanto haviam sido úteis aos pintores renascentistas, seus inventores, representado de frente sobre um campo representado obliquamente, fazia (ou tentava) uma embaixada. Assim ficava o Garoto dessa segunda fase, tal como a precariedade das minhas lembranças o figura agora.

Fosse o Garoto um exemplo de acerto arquitetônico, um primor de ambientação urbana ou o que de fato era, isso pouco importava, pois se ainda está na minha memória afetiva é porque ali se criou um clima especial, viveu-se um instante mágico. A minha tribo não era a dona do Garoto, mas esteve próxima disso. Ocupávamos sempre as mesas do restaurante, eventualmente até para jantar. Ali, escondidos da agitação da porta da rua, em duas ou três mesas que juntávamos com ou sem a permissão dos garçons, travavam-se memoráveis e informais (por certas explosões de irreverência vocabular, digamos: informalíssimos...) debates sobre todos os assuntos dignos da curiosidade humana. Os

simpósios versavam sobre política, economia, arte, sociologia, educação etc., e a todos indistintamente era dado o direito de opinar. Esta, aliás era uma das mais simpáticas características da confraria: nenhum "especialista" dava-se o direito de calar o oponente ostentando seu saber localizado. Observados de fora, aqueles encontros madrugada a dentro deviam dar a idéia de uma insensata discussão a cargo de um desordenado bando de loucos. Até porque, às vezes, no aceso de uma dessas contendas, alguém puxava um samba e calava o confronto, quando não era o samba mesmo pretexto para nova e acirrada discussão.. Pelo nosso crivo passaram todas as questões da época – conflitos ideológicos direita x esquerda, explosão musical das gerações posteriores à bossa-nova (Chico, Caetano e outros), Beatles, festivais de música, Tropicalismo, golpe/revolução de 64 (onde estávamos no dia 13 de dezembro de 1968?), cinema-novo, estruturalismo, literatura engajada, reforma do ensino, que mais? Não é este o momento de levantar exaustivamente todos os assuntos sobre os quais pontificamos nas mesas do Garoto entro os anos 60 e a primeira metade dos anos 70, mas a amostragem é expressiva, sem dúvida.

Pois bem, como era recebida nossa presença no Garoto com tudo o que ele representava? Na verdade, não nos colocávamos o problema. Os débeis protestos dos garçons e dos filhos do dono eram abafados pela algazarra das discussões. Não poucas vezes propusemos que fossem embora, que descansassem, nós fecharíamos o caixa e prestaríamos contas no dia seguinte. Nenhuma vez, de que me lembre, nossa sensata proposta foi aceita, o que também importava pouco, desde que nosso direito de ir embora somente quando bem entendêssemos permanecesse intocado. Não atrapalhávamos os raros fregueses que se atreviam a experimentar a culinária do Garoto. Os poucos que ainda estivessem ali quando chegávamos, por volta das onze da noite, deviam ser gente acostuada ao clima largado e boêmio que existia na cidade naqueles tempos. Quando saíamos do Garoto não era impossível que ainda batêssemos de frente com os saborosos (?) pratos de fim de noite de algum daqueles bares da antiga rodoviária, entre a população específica desse tipo de lugar e hora: mendigos, prostitutas, bêbados desequilibradas, motoristas e trocadores de ônibus, e até um ou outro trabalhador que voltava tarde ou saía cedo. Creio até que não desagradávamos de todo ao dono do Garoto Fluminense, afinal éramos responsáveis por um toque diferente ao seu estabelecimento, sendo, como o éramos, a intelectualidade caxiense...

Hoje, que o Garoto não é mais sequer um retrato na parede, eu me pergunto que forças permitiram a existência daquele grupo reunido apenas pelo interesse desinteressado do convívio boêmio e intelectual. Toda lembrança como esta corre o risco de arredondar o objeto da

lembrança, de eliminar as arestas incômodas. Tenho consciência de que talvez tenha cordializado em excesso aqueles dias. É claro que ali também se forjaram inimizades, medraram intenções pequenas. Afinal, eram apenas homens os que o freqüentavam, não deuses, e a simples ressalva, aliás, já era perfeitamente dispensável para qualquer leitor inteligente. Mas a visão das garrafas de cervejas enfileiradas, a diversidade de caras e de vozes ao longo das mesas, aquela indistinta mistura de fraternidade, respeito, admiração, e até, por que não? inveja; tudo o que minha memória arquivou sob a etiqueta "Garoto Fluminense" me dá a certeza de que valeu a pena.



Na Avenida Nilo Peçanha ficava a Impecável, onde a gente se "empapuçava de roupas".

Mas estávamos percorrendo a Avenida Nilo Peçanha, voltemos para ela. O estabelecimento que mais chamava a nossa atenção, depois do Garoto Fluminense, era "O Cine Popular", mais conhecido como "Cine Pau-de-Arara", mas dele já falamos. Depois vinha o Cine Caxias, um cinema grande, fazendo esquina com a rua 7 de setembro. O Caxias tinha como principal qualidade o som estereofônico. Depois perdeu um pouco da qualidade, quando passou a exibir filmes da Pelmex (Películas Mexicanas). Vez por outra tinha uma recaída e passava um filme menos ruim. Foi o caso do "O Vampiro da Noite", dirigido por Terence Fisher.

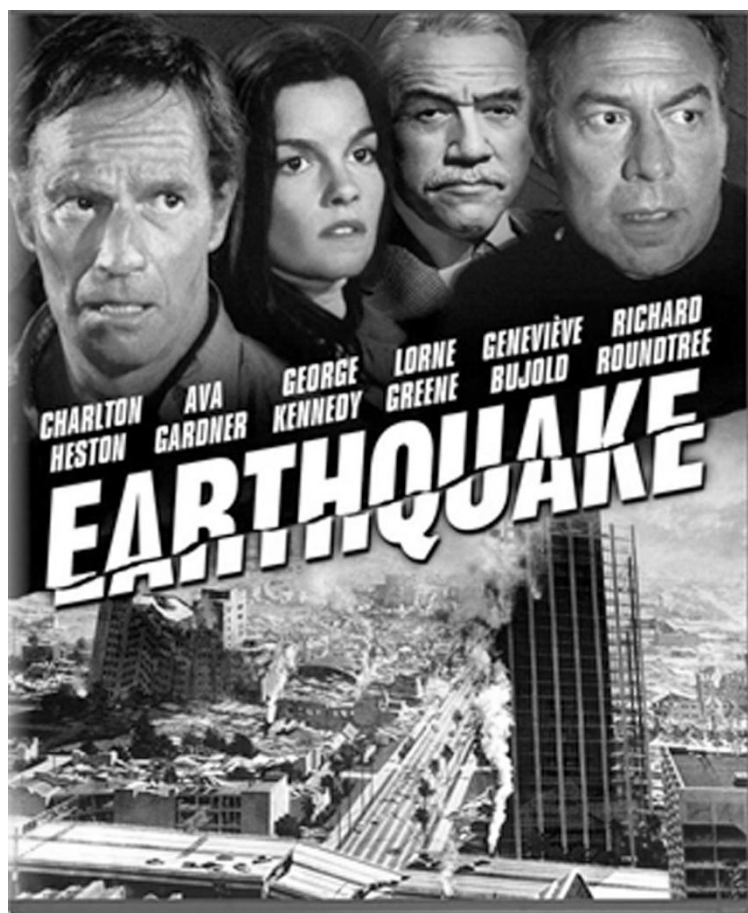
Nele, Christopher Lee dá um banho de interpretação. Badaladíssimo, "O Vampiro da Noite" fez, com justiça, grande sucesso e deixou muita gente sem dormir. Quando vi o cartaz do filme, junto da bilheteria do Cine Caxias, jurei que iria ver aquele filme cheio de longos caninos e com direito a muitas mordidas em belos pescoços femininos, embora fosse proibido para menores de 18 anos. Mas isso não seria um grande problema. Com água sanitária apaguei a data de nascimento na caderneta escolar e coloquei outra que comprovasse a minha maioridade. Deu certo. Falsificar documento podia ser crime, mas eu era "dimenor".



Jurei que iria ver aquele filme.

Outro filme que também fez lotar o velho Cine Caxias foi "Terremoto". Estrelado por Ava Gardner e Charlton Heston, trazia como novidade o som "surround", para que na hora do terremoto a platéia

tivesse a impressão de tudo estar tremendo de verdade. Eram colocadas enormes caixas de som dentro do cinema que, na hora exata, faziam vibrar tudo. Foi uma loucura.



Foi uma loucura...

Logo após o Cine Caxias vinha a rua Bittencourt, hoje Tenente José Dias. Num sobrado, em uma de suas esquinas, ficava a Casa de Saúde Santo Antônio, tornada famosa por ter acolhido Tião Medonho, o "executivo" do assalto, em Japeri, ao trem pagador da Central do Brasil. O assalto ao trem pagador foi considerado o maior assalto - até aquele momento, 1960 - realizado na América do Sul, surpreendendo até mesmo a polícia. Tião Medonho acabaria morrendo naquela casa de

saúde, levando para o túmulo os segredos do "Assalto ao Trem Pagador", posteriormente transformado em filme por Roberto Farias.

Quando disse que Tião Medonho levaria para o túmulo os segredos do famoso assalto, baseio-me numa conversa que ouvi na porta do Elite. O papo que escutei foi mais ou menos o seguinte: Tião Medonho não fora o cabeça do assalto, aliás dizia-se que, de fato, o mentor seria um engenheiro da Central do Brasil. Mas um jornalista, que parava no Elita, jurava que o verdadeiro chefe da quadrilha seria um tradicional político da Baixada Fluminense, melhor, de Nova Iguaçu. O nome, infelizmente, não posso revelar.

A próxima rua, depois da Bittencourt, era a Celanira Chaves, uma tremenda ladeira que dava acesso à Maria Luiza Chaves, rua do Colégio Duque de Caxias. O "Duque", nos anos 50, era um colégio modestíssimo. Em pouco mais de duas décadas se afirmaria como dos mais importantes de nossa cidade. Nos anos 40 e 50 tínhamos alguns excelentes professores: Abelard Brayner, Heitor Combat, Augusto Oliveira, José Cozzolino, Hermínia Beraldi. Os demais eram sofríveis e raros aqueles que haviam cursado uma faculdade. Poucos de nós podiam comprar livros. Além de tudo, os livros não eram como os de hoje, bem feitos e com conteúdos adequados à rotina escolar. Apesar de todos esses complicadores, o "Duque" conseguiu formar muita gente que se destacou em vários campos profissionais. Da minha turma saíram muitos professores, um médico, um doutor em geologia, três advogados, um físico respeitadíssimo nos meios acadêmicos, nacionais e internacionais.

Mas qual a razão para a eficiência desse colégio que possuía poucos recursos materiais, um grande número de professores leigos e muitos alunos carentes?

Acho difícil responder a esta pergunta com certeza. Porém, arrisco. Naquele tempo as mães ainda podiam se dedicar à família e em especial aos filhos, cobrando deles o cumprimento das tarefas escolares, orientando-os, enfim educando-os. Mas instadas pelo mercado, que desejava mão-de-obra barata e pela necessidade de reforçar a economia familiar, se lançam no comércio, na indústria e prestação de serviços. Aí a escola passou a assumir um papel para o qual não estava preparada, ou seja, substituir a família. A professora passou a ser a "tia". Desdobrando-se para cumprir essa tarefa extra, perde qualidade em sua principal função, que era escolarizar. A simples merenda é substituída pela refeição. O refeitório hoje compete, vantajosamente, com a sala de aula. Esse "papo" parece reacionário, careta, mas tem parte da verdade.

Claro que a crise na educação não se deve exclusivamente a ausência da mulher no lar, mas...

Por outro lado, a escola já não é vista como promotora de ascensão social. O desprestígio da instituição escolar é flagrante. A televisão parece ter mais credibilidade, modernamente o Google é o doutor sabe tudo.

Vou em frente: quase na esquina da Celanira Chaves fica um edifício assobradado que pertence à família Coelho. Ali funcionou o primeiro hospital infantil do município. Em baixo dessa edificação se localizava o Forte Tupimanbá, uma sortida loja de material esportivo. Mais tarde esta loja se mudaria para a Rio-Petrópolis, passando a vender roupas masculinas. Ao contrário da antiga loja, o novo estabelecimento possuía instalações modernas, espaçosas e seus vendedores atendiam a clientela vestidos com camisa social e gravata.

Pouco mais adiante, quase defronte à rua Manoel Vieira, ficava a Relojoaria Machado. Ali podia ser visto, trabalhando, de sol a sol, o velho Machado. Vestido com uma alvíssima camisa social, lupa encaixada num dos olhos e mãos firmes, o relojoeiro passava o dia montando e desmontando antigos relógios, com seus precisos e complicadíssimos mecanismos. Estes aparelhinhos eram movidos por cordas de aço e fabricados na Suíça. Machado só largava o trabalho para falar de política, depois da família sua maior paixão.

Não muito longe dali havia uma loja curiosíssima, cheia de quinquilharias, chamada "Faz Tudo". Pertencia a um simpático senhor, se não me engano, libanês. Como o nome sugeria, o proprietário fazia qualquer negócio, desde o reparo de um ferro elétrico até a venda de uma enceradeira quase imprestável. Também nas proximidades do "Faz Tudo", talvez um pouco depois, ficava uma loja da Legião da Boa Vontade (LBV), instituição, de caráter religioso e assistencialista, criada por Alziro Zarur. Lembrem-se da "sopinha do Zarur", do *Futebol da Caridade*?

Mas, talvez, o ponto mais curioso e movimentado da Nilo Peçanha fosse a "Pensão do Norte". Era lá que paravam os ônibus que vinham do nordeste. O local fervilhava de gente que, por motivos óbvios, deixando sua terra, vinha tentar a sorte no "sul-maravilha". Muitos continuavam a viagem até São Paulo, mas alguns preferiam ficar aqui mesmo. Estudei com Valdívio, o filho do dono da Pensão do Norte. Valdívio era

um adolescente forte, com aquele jeitão nordestino de falar e por isso era gozado pelos colegas. Gostava de disputar queda de braço com Redimar, outro "forçado" do colégio. Quando isso acontecia todos corriam para ver aquele verdadeiro duelo de titãs. Os contendores apoiavam os cotovelos na carteira, entrelaçavam os antebraços e tome força para encostar o punho do adversário na superfície do móvel. Era um espetáculo imperdível ver aquela guerra entre o carioca e o arataca.

Depois da Pensão do Norte, até chegar na rua Maurisa, a Nilo Peçanha não apresentava pontos de interesse, melhor, apresentava sim, era um enorme terreno abandonado que diziam ser mal-assombrado. No local funcionara outrora uma indústria de produtos químicos que pertencera à família Razini (não tenho certeza quanto a grafia). Hoje ali ergue-se um majestoso templo, com colunata grega e pesadas portas de madeira. A imponente edificação abriga a Igreja Universal do Reino de Deus.

Aqui e ali, um sobrado, algum comércio de pouca importância ou uns raros terrenos baldios.

Após a rua Maurisa a coisa mudava. Na Maria Luíza Reis, fazendo esquina com aquela importante artéria, está situado o Colégio Estadual Duque de Caxias, que nos anos 50 e 60 abrigou no turno da noite o Colégio Ana Maria Gomes. O Ana Maria Gomes, dirigido por Américo Salgado, fazia parte da rede da Campanha Nacional de Educandários Gratuitos e era um dos poucos da cidade a oferecer o curso de 2º grau. A disciplina era rigorosa e um sistema de monitoria severo garantia o cumprimento das determinações do professor Américo. Devemos ter em mente que, naquele momento, devido à falta de professores formados, qualquer pessoa poderia dar aulas de qualquer disciplina. Um dos professores do curso de contabilidade do Ana Maria Gomes, por paradoxal que pareça, fazia o 2º ano do mesmo curso no Colégio Luso-Carioca, em Bonsucesso. Coisas de antanhos.

Talvez o ponto mais significativo daquele trecho da Nilo Peçanha fosse o Parque Lafayette. Ali está situada a vetusta igreja de Santa Terezinha que outrora ficava, não muito longe, do campo do Rolo Compressor. O "Rolo" foi um marco do futebol da cidade, mas não apenas do futebol, do samba também. Quem conhece bem os sambas e os sambistas do Rolo é o jornalista Eldemar, um freqüentador inveterado dos ensaios do famoso clube. Quando o bloco do Rolo passava próximo de sua casa, largava as tarefas escolares e caía dentro. Na volta já encontrava dona Elza armada com a vassoura ou um grosso cinto. Aí, era aquela coça. A professora Lindomar, irmã do Eldemar, recorda a

severidade de sua mãe da seguinte maneira: "Eu apanhava todo dia, maninho o dia todo".

A igreja de Santa Terezinha é muito antiga e tem uma longa e curiosa história, que teve início em 1645. Nessa data os habitantes de Trairaponga, um dos antigos topônimos da cidade de Duque de Caxias, fundaram a capela de São João Batista. Essa capela, construída em madeira e em local não exatamente sabido, foi substituída por outra em 1660. O novo templo, edificado em "pedra e cal", ficava em um outeiro de frente para a Baía de Guanabara. (onde, exatamente?)

Ao longo dos anos a capela passou por várias reformas e em alguns momentos esteve praticamente abandonada. Quase um século depois, o templo deixou de ser a sede da Paróquia. Isso aconteceu devido à transferência da sede da Freguesia para o Arraial da Pavuna. Assim o Orago (padroeiro da igreja), demais santos e todos os bens da antiga matriz também foram levados para aquele local.

O tempo, em sua impiedosa ação, foi destruindo tudo. A capela arruinou-se, os muros desabaram e o cemitério foi profanado. Mas as sólidas paredes do edifício permaneceram de pé. Tempos depois o templo seria restaurado, ganhando um novo orago, o de Santa Terezinha do Menino Jesus. Mas apesar de restaurada, a capela jamais recuperaria as terras que antes ocupara. O progresso avançaria sobre os domínios da igreja, roubando-lhe até mesmo o cemitério, cujas terras foram loteadas e vendidas. Devido a este fato, não era surpresa para os moradores do local o encontro de ossadas humanas quando havia necessidade de se escavar o solo. Nos dias de chuvas fortes – quando as ruas ainda não estavam calçadas – a enxurrada fazia aflorar, em vários pontos da via pública, ossos humanos. Nesses momentos muitas pessoas, cuja ambição superava a superstição, saíam procurando mandíbulas entre os detritos trazidos pela enxurrada. Acreditavam, talvez com alguma razão, poder encontrar dentes e obturações de ouro entre os despojos. Era um verdadeiro festival macabro. Quando as ruas do bairro foram pavimentadas, os mortos ficaram definitivamente sepultados sob o peso dos paralelepípedos.

Um dos seus párocos mais atuantes foi Roberto Sara. O padre Roberto, talvez pela idade, gozava da fama de ser impaciente. Então realizava todos os cultos apressadamente, não dando às suas ovelhas a oportunidade sequer de respirar. Quando celebrava um casamento, por exemplo, não tinha rapapé, ia logo para os "finalmentes". Ao terminar a cerimônia ia logo se despedindo e colocando os noivos porta afora. Tudo era rapidinho, rapidinho mesmo. Mas, apesar desse detalhe

insignificante, prestou um grande serviço à comunidade do Parque Lafayette.

Não muito longe da igreja ficava a casa do deputado Silvério do Espírito Santo. Um tremendo casarão. Mas se a casa do deputado era a mais bonita, a mais famosa era a do Ratinho, que fazia dupla com Jararaca. Os dois criaram muitas composições que foram cantadas por grandes artistas da época: Francisco Alves, Dircinha Batista e Emilinha Borba. Jararaca é o autor da mundialmente conhecida marchinha "*Mamãe Eu Quero*". Ratinho tinha uma bandinha e ensinava música para a garotada. Jararaca ultimamente trabalhava com Chico Anísio na "*Escolinha do Professor Raimundo*". Muitas vezes encontrei Jararaca e Barboza Leite conversando no Bar dos Correios. Nunca soube exatamente sobre o que falavam, mas imagino que o papo deveria ser do mais alto nível. Jararaca era extremamente politizado e durante certo período de sua vida militou no Partido Comunista. Pensando bem, o Parque Lafayette tem muita história para revelar.

O Bar dos Cavaleiros é o ponto final da Nilo Peçanha. De curioso, ali, só o ferro-velho do Beto e o próprio nome do local. Tudo indica que o nome Bar dos Cavaleiros tenha sua origem num bar onde se reuniam os boiadeiros que traziam o gado para um matadouro que ficava no limite de Caxias com São João de Meriti.



Jararaca e Ratinho

15 - O comércio era a cara da cidade.

Toda cidade tem sempre uma característica que predomina sobre as demais. Quando falamos das "cidades históricas" de Minas Gerais, vem logo em nossa cabeça as igrejas barrocas e as esculturas do Aleijadinho. Já a Cidade do Rio de Janeiro é lembrada por suas praias, pelo Cristo Redentor e o Corcovado. Volta Redonda pela siderúrgica.

E a Caxias de antigamente, é lembrada através de que? Diria ser o comércio. A Caxias de antigamente - e mesmo a de hoje - é profundamente marcada pela presença do seu comércio gigantesco, variado e movimentadíssimo. Podemos dizer que a "vida" da cidade gira em torno do comércio. Mesmo aos domingos, quando a maioria das lojas está fechada, o comércio não para, pois no centro nervoso do município se realiza uma feira que vende de tudo: artigos alimentícios, roupas e calçados, ferragens e ferramentas, comidas típicas, discos, flores, plantas, adubo e até mesmo animais domésticos. Lá também são vendidos produtos para os bichinhos de estimação, tais como rações, remédios, gaiolas, viveiros e até mesmo Cds com cantos de pássaros. Próximo ao Hospital Infantil se localizam as barracas que comercializam objetos usados: sapatos, roupas, bicicletas, rádios, ventiladores, ferramentas e toda sorte de quinquilharias, aparentemente imprestáveis. Quem desejar percorrer a feira em toda a sua extensão, terá que ter muita paciência e andar, pelo menos, umas duas horas, com direito a "engarrafamentos" e empurrões. Ela tem início próximo do antigo Cine Brasil e termina quase nos terrenos do Instituto de Educação Governador Roberto Silveira. Isso sem falar das ruas paralelas à linha do trem e das transversais.

Quando cheguei na Caxias de antigamente, o comércio já era muito desenvolvido, mas bem longe de ser o que é hoje. Concentrava-se, principalmente, em volta da estação ferroviária. Na Avenida Nilo Peçanha, após o Cine Caxias, as lojas iam rareando. Do outro lado da linha do trem, isto é, do lado da feira, as casas comerciais se estendiam da Praça Roberto Silveira até o antigo Cine Brasil; a partir daí, iam diminuindo, dando lugar às habitações. Naquela época, o comércio de alimentos era formado por lojas de uma ou duas portas que abrigavam armazéns, mercearias, açougues, padarias e quitandas. Não existiam as grandes redes de supermercados como hoje temos. Elas começaram a surgir após o quebra-quebra de 1962. Quando muito, aqui existiam armazéns com duas ou três filiais, era o caso das Casas da Banha (a que

surgiu em Caxias, não a que veio do Estado da Guanabara), do Mercado Nacional e do Guarany. O primeiro supermercado, de verdade, que o caxiense conheceu foi o "Ideal", "*o bom senso em cereais*". O Ideal teve origem aqui mesmo e, de certa forma, era um orgulho para o caxiense. Lamentavelmente, o desabamento da sua filial de Pilares, em 1972, onde morreram 14 pessoas e outras 100 ficaram feridas, parece ter selado o destino daquele estabelecimento. Depois chegaram outros grandes mercados: Sendas e Casas da Banha.

Mas, com certeza, o mais querido e simpático armazém da cidade foi o "Armazém Azul". Ficava na Plínio Casado, próximo da sinistra delegacia policial do 311. O Armazém Azul era um estabelecimento que primava pela simpatia dos seus proprietários, funcionários e pela qualidade dos produtos que vendia. Justamente por isso, foi dos poucos estabelecimentos que escaparam dos saques e depredações de 1962.

Na Caxias de antigamente, as farmácias tiveram uma importância que hoje as drogarias não conseguem ter. Era para elas que se levavam os que sofriam pequenos acidentes ou eram acometidos por algum mal súbito. Algumas delas, inclusive, tinham um médico de plantão, com consultas a preço módico. Nelas também se faziam curativos e aplicações de injeções. Paizinho, Clarinha, Betinho e André, só para citar alguns, tiveram um importante papel na saúde do caxienses.

Outro ramo que também prestou grandes serviços ao caxiense, no campo da educação e da cultura, foi o de papelaria e livraria. A Papelaria Universo, a Casa Leque e a Papelaria Itatiaia, de fato, foram as grandes amigas dos estudantes. Especial destaque merece a Papelaria Itatiaia, fundada por Aloísio Garcia Campos, em 1956.. A Itatiaia, em pouco tempo, se tornou uma grande parceira dos professores. Ali alunos e mestres eram bem-vindos. Para tanto, Aloísio criou a sala dos professores, onde eram oferecidos cursos para o aperfeiçoamento daqueles que se dedicavam à nobre tarefa de educar. Aloísio foi um verdadeiro mecenas. Como não poderia deixar de ser, ajudou Barboza Leite em muitos projetos dedicados à cultura. Essa feliz parceria, entre o poeta e o empresário, fica patente em 1986, quando a Itatiaia comemorava o trigésimo aniversário de fundação. Na oportunidade, Barboza lança "Trilhas, Roteiros e Legendas de uma Cidade Chamada Duque de Caxias". A publicação é uma plaqueta que, sob a forma de prosa lírica, procura, com grande intuição, narrar a história do município.

Até mesmo o setor de autopeças contribuiu para o aprimoramento da educação física da população. Através da ação do empresário "Carlinhos Autopeças", foram criados times de futebol, torneios esportivos, quadras e um clube tornado famoso por seus bailes e atividades sociais.

Alguns bares e restaurantes também se tornaram emblemáticos para a Caxias de antigamente. O "Cruz de Malta", localizado na Praça 23

de outubro, era um exemplo de restaurante. Lembro, perfeitamente, dos seus garçons impecavelmente trajados com paletó branco e gravatinha borboleta, das mesas com alvíssimas toalhas brancas e, o mais importante, um cardápio de dar água na boca. Era para lá que o meu pai nos levava quando queria dar um descanso para "dona" Cleia. O "Oceano", pouco conheci, sei apenas que era o reduto dos políticos. O "Gatoto Fluminense", já exaustivamente comentado nestas páginas, se tornou o preferido dos estudantes universitários. O proprietário, "seu" Augusto, era um português muito simpático, sempre bem humorado e que tinha um carinho todo especial para com os "meninos". Tolerava nossas algazarras e batucadas nas mesas. Jamais se aborreceu ou fez algum comentário sobre os nossos excessos e destemperos. Trabalhava muito, quase 15 horas por dia, mas nem isso tirava o seu bom humor e paciência. Quando nos reuníamos em grupo numeroso para saborear o cafezinho do "Garoto", ele gritava do caixa: "*Sai uma caterva de cafés*".

Outro restaurante que fez história foi o "Bar dos Correios", como o nome bem diz, próximo dos Correios. O proprietário era Bernardino, um português "boa pinta", e que se vestia elegantemente. Após o fechamento do "Garoto Fluminense", a "caterva do Garoto", liderada por Barboza Leite, passou a frequentar o Bar dos Correios. Ali fizemos a primeira exposição de fotografias da Caxias de antigamente. A mostra, que reunia fotografias de Barboza Leite, Zé Roberto, Rogério e Valente, recebeu o curioso título de "Exposiquatro". Deu o que falar. Mas, não muito longe do Bar dos Correios ficava o "boteco" do Fernando, também conhecido como "Hospício", tal a balbúrdia que lá imperava. Eram muitos os frequentadores do "Hospício": artistas, músicos, professores e noctívagos. Ali não seria difícil encontrarmos Araken, Elaine, Ribeiro, Luís Sebastião, Chico Fernandes, Germano, Eldemar, Jorge Cão, Chiquinho Maciel, Luca, Ismael, Asamor, Eldemar, Menezes, Renato e uma pá de gente que não vejo há anos. Foi entre o Bar dos Correios e o Hospício que foram gestados projetos como: Consórcio de Edições e Recado de Cultura.

Poderíamos citar ainda: o Bar Solmar, a Lanchonete Mexicana, a Lanchonete Las Vegas, o Café e Bar Assunção, o Bar Pacificador e o Líder, mais conhecido como *Paralelo 38*.

A Casa Jaime, o Forte Tupinambá, as Casas Pernambucanas, a Jaraguá, a Casa Rejane, as Casas Natal, as Lojas Presidente, A Principal, as Lojas Preferidas, a Casa Machado, a Drogaria Americana, o Forte do Sabão, o Braseiro dos Tecidos, a Casa Santo Antônio, a Casa São João, a Casa São Pedro, a Casa Baltazar, a Ducal, a Impecável e tantas outras aqui esquecidas, foram ícones para nós, modestos consumidores fluminenses.

16 - Novos Tempos

Nessa "Caxias de antigamente", escrevo sem a preocupação com datas ou ordens cronológicas severas. Vou caminhando, levado por lembranças nem sempre claras, algumas vezes difusas. Peço desculpas ao leitor se algumas vezes embolo o meio de campo. O meu desejo é que estes farrapos de memória sirvam como referências para os mais jovens. Gente, fatos e coisas, aqui sumária e imprecisamente descritos, servem apenas como índices para futuros estudos. Assim sendo, vamos continuar caminhando para trás.

Nos anos 60 - aproveitando o horário noturno ocioso - o Colégio Ana Maria Gomes, que pertencia à Campanha Nacional de Educandários Gratuitos, passou a funcionar no prédio do Colégio Estadual Duque de Caxias. Naquele momento apenas o Ana Maria Gomes e o Colégio Santo Antônio ofereciam ensino de 2º grau. Dessa forma, o colégio dirigido pelo professor Américo Salgado atendia a um grande número de alunos que desejavam fazer o curso médio, mas não podiam pagar. Apesar de gratuito, o educandário dirigido por Américo Salgado mantinha uma disciplina férrea. Um sistema de monitoria, exercido com extremo rigor por alunos da confiança do diretor, estimulava a insatisfação de alguns estudantes daquele estabelecimento contra a direção. Para enfrentar tal situação, esses jovens resolveram fundar uma associação estudantil. Surgia, então, a Aliança Democrática Estudantil Caxiense (ADEC). Eram poucos os seus associados, mas possuía uma diretoria que tentava superar as dificuldades com entusiasmo.

Na época da fundação da ADEC, pouco antes do golpe de 1964, Caxias contava ainda com a União Caxiense de Estudantes (UCE) e a Associação Caxiense de Estudantes Secundários (ACES). A primeira e mais atuante era a UCE. De todas, era a ADEC a mais fraquinha, parecendo mesmo um grêmio estudantil. Não devemos esquecer que o momento político vivido no país era de muita agitação, daí a permanente mobilização dos estudantes e das classes trabalhadoras. Aqui, a UCE se notabilizou na luta pela meia-passagem, devemos lembrar que o jornalista Ariovaldo Nascimento foi anavalhado por um trocador de ônibus na luta, ao lado dos estudantes, pela meia passagem.

Nós, da ADEC, fazíamos das tripas coração para aumentar o quadro de associados e marcharmos em pé de igualdade com as demais entidades estudantis do município. Nossa sede ficava num sobrado da Rio-Petrópolis, quase vizinho do Bar Elite. O aluguel da sala que ocupávamos - com pouco mais de dez metros quadrados - era bancado pelos "endinheirados" da entidade. Estes mecenas podiam se dar a estes arroubos de generosidade, afinal, eram empregados da FNM e da PETROBRAS, mas, assim mesmo, não passavam de uns cinco gatos pingados. Graças a esses beneméritos, íamos vivendo.

Mas se as finanças não iam bem das pernas, a atuação do grupo teatral nos deixava orgulhosos. O responsável por nossa "dramaturgia" era Quintela, um marinheiro que nas horas de folga escrevia peças e ensaiava o pessoal. Sua obra de maior "sucesso" era (se não me falha a memória) "O Prisioneiro", um autêntico dramalhão, digno de Vicente Celestino e Gilda de Abreu. O final era apoteótico. Negão, o principal ator da peça, soltava uma pomba branca, simbolizando a liberdade, que voava sobre a plateia. A pomba, na verdade um pombo, se chamava Tequila. Um dia, Negão, que mantinha o pombo sob sua custódia, sem dinheiro para o almoço, comeu Tequila.

Algumas vezes, quando fazia o pré-vestibular no centro do Rio, encontrei Negão ao volante de um ônibus da Jurema.

Quando a gente acabava uma reunião, para quebrar as tensões, ficava na calçada em frente da nossa sede, batendo papo ou disputando cafezinho na porrinha. Certa tarde fomos "assedeados" pelo militante de um dos sindicatos que funcionava no Edifício Chain (conhecido como sede dos sindicatos). O rapaz queria que fôssemos assistir a um filme cubano, segundo ele, importantíssimo. Para azar do sindicalista, nossa turma, naquela época, não nutria qualquer simpatia pela esquerda. Com o tempo a coisa foi mudando e mudou muito, até mesmo os mais conservadores foram se bandeando para a canhota. Cito este fato para dar uma idéia do clima político que já denunciava algumas nuvens negras sobre a linha do horizonte. E Caxias era, por excelência, uma cidade proletária, com a FNM, LEOPOLDINA e a PETROBRAS para dar suporte aos movimentos reivindicatórios. Além de tudo, os camponeses começavam a se juntar, formando organizações de esquerda. A temperatura se elevava, parecia que algo estava para acontecer...e aconteceu.

No dia 5 de julho de 1962, um violento quebra-quebra acompanhado de saques, com mortos e feridos, fez estremecer os alicerces morais, políticos e sociais da cidade.

Tudo começou com a deflagração de uma greve geral organizada pelo Comando Geral da Greve (CGG). O fato aconteceu devido à troca do nome de San Tiago Dantas pelo de Auro de Moura Andrade para exercer o cargo de primeiro-ministro no governo parlamentarista de João Goulart.

A greve geral, marcada para o dia 5 de julho, não contava com a unanimidade dos trabalhadores. Muitos deles, mesmo sem transportes, tentavam chegar aos seus locais de trabalho. Assim, operários, comerciários e empregadas domésticas, que haviam se deslocado para o centro de Caxias, na esperança de tomar o trem, foram se aglomerando nas proximidades da Praça do Pacificador. Dali não arredavam pé. Nem voltavam para as suas casas, nem conseguiam transporte para o Estado da Guanabara.

Conforme o dia ia clareando, engrossava a multidão, àquela altura à beira de um motim. De repente, ouve-se o grito de alguém afirmando que na Casa da Banha havia feijão. O tão desejado feijão que, por estar tabelado pela (Comissão Federal de Abastecimento e Preços) COFAP, sumira dos armazéns e mercearias. Aquele grito de alerta foi o suficiente para o começo do "quebra-quebra".

Dirigentes sindicais que desde a véspera encontravam-se de plantão na "sede dos sindicatos", no Edifício Chain, percebendo a gravidade da situação desceram apressadamente as escadas do prédio, ganhando a rua. Mas já era tarde para dissuadir a multidão que, naquela altura, começava a saquear as lojas próximas da Galeria Baltazar.

As depredações e saques se estenderam para quarteirões vizinhos e, destes, para os bairros próximos. Em pouco tempo raro era o local que não havia sofrido os efeitos da ação daquela multidão enfurecida. A população carregava tudo o que podia. Pelas ruas, num vaivém interminável, homens, mulheres, velhos e crianças transportavam, das mais variadas formas, os frutos dos saques.

Jango Empenhado em Solucionar a Crise no Máximo em 48 Horas

REVOLTA DA FOME NA BAIXADA FLUMINENSE CUSTOU DEZENAS DE VIDAS

65 MORTOS E MIL FERIDOS NOS SAQUES!



CRIME IMPERDOÁVEL

A revolta popular em favor de Jango e Rubeus em oposição armada de a fome e da situação social agravada e das condições sanitárias e de higiene, que a população carioca não suportava mais, deu origem ao movimento de luta pela vida. O povo se levantou e saqueou as lojas e os estabelecimentos comerciais. O Exército salvou o povo do massacre final em Caxias!

EXÉRCITO SALVOU O POVO DO MASSACRE FINAL EM CAXIAS!

AMG 111 - Rua de ...

Última Hora

Divulgação de Notícias

As depredações e saques se estenderam para quarteirões vizinhos.

Às 11 horas o quebra-quebra parecia ter chegado ao "clímax". As principais ruas e avenidas do município estavam tomadas por pessoas que se deslocavam em verdadeiras procissões. Nesse momento, mesmo os mais tímidos lançavam-se ao saque, temendo um colapso no abastecimento. Até mesmo os favelados da Guanabara, que viviam próximos de Duque de Caxias, cruzavam os limites da cidade para também saquear.

Alguns comerciantes, acreditando poder salvar seus estabelecimentos, colocaram diante destes a bandeira nacional. Outros, desesperados, de arma em punho, tentavam impedir o avanço da multidão. Nem sempre tiveram sucesso. Alguns foram massacrados pela turba enfurecida. Um deles chegou a ser queimado no forno da própria padaria.

A polícia foi impotente para reprimir o quebra-quebra. Às 11 horas, aproximadamente, o capitão Carlos de Carvalho, do III Batalhão de Carros de Combate, recebeu a incumbência de reprimir a rebeldia popular. Às 14 horas, novos reforços foram enviados para Duque de Caxias, sendo recebidos com "vivas" pela população.

Eram 18 horas e 30 minutos quando o Palácio do Ingá, em Niterói, sede do governo do antigo Estado do Rio de Janeiro, em nota oficial, informou que 42 pessoas haviam morrido nos distúrbios, 25 das quais em Duque de Caxias. Quando a noite chegou, a cidade parecia ter voltado à calma. Mas aqueles que haviam assistido ao quebra-quebra jamais esqueceriam a tragédia do dia 5 de julho de 1962.

O “quebra-quebra” poderia ser considerado o “prelúdio” do golpe que dois anos depois derrubaria o governo de Jango. A partir dele, a cidade já não seria a mesma. A classe patronal e seus representantes passaram a olhar com desconfiança os dirigentes sindicais. Em todo o Brasil o clima de antagonismo entre capital e trabalho se acentuava. A sociedade brasileira, submetida aos humores da Guerra Fria, ia se dividindo, as posições políticas se radicalizavam. As Reformas de Base, defendidas por Jango - um conjunto de medidas que visava garantir o desenvolvimento brasileiro e diminuir as desigualdades sociais - eram vistas como formulas para comunizar o país.

No dia 13 de março de 1964, Jango participou de um grande comício na Central do Brasil, no Rio de Janeiro. Na oportunidade o presidente comprometeu-se - diante de quase 200.000 pessoas - com a implantação efetiva das reformas, cujo carro-chefe era a reforma agrária. As classes conservadoras, sentindo-se ameaçadas, responderam com uma emblemática manifestação de massa: “A Marcha da Família com Deus pela Liberdade”, que teve a participação de 500.000 “marchadeiras” que brandiam seus terços contra o perigo comunista.

No dia do comício do Jango, na Central, os trens saíam de Caxias lotados de trabalhadores empunhando faixas que exortavam o governo para a realização das reformas prometidas. A temperatura política elevava-se a tal ponto que em breve faria explodir o arcabouço institucional do país. Assim, no dia 1º de abril, João Goulart seria derrubado do poder e substituído por uma ditadura militar. Era 1º de abril, mas tudo parecia verdade.

Não é nossa intenção historiar o período autoritário vivido a partir da deposição de Jango, mas, em rápidas pinceladas lembrar como ele se refletiu na Caxias de antigamente.

Me lembro que no dia 1º de abril, quando descia as escadas do 25 de Agosto, logo pela manhã, encontrei o meu amigo Antônio Carlos Menezes que trazia o Jornal do Brasil exibindo a seguinte manchete: **“GOULART RESISTE NO SUL E O CONGRESSO EMPOSSA**

"MAZZILLI". Ficamos aliviados, afinal o perigo da bolchevização do Brasil passara. Agora viria um novo tempo, de paz e tranquilidade, sem greves e saques. Cedo descobriríamos que o inimigo não era Goulart, muito menos o CGT, mas os "democratas" e as "marchadeiras carolas" de 1964.

JANGO NO RIO GRANDE E MAZZILLI EMPOSSADO

ULTIMA HORA DEPREDADA E INCENDIADA

EXTRA

JANGO DISPENSA SACRIFÍCIO DOS GAÚCHOS

ANO XIII - Rio de Janeiro, quinta-feira, 3 de abril de 1964 - N.º 4.278

Ultima Hora 30

A VINDITA FRIA

TÔDA FROTA DE REPORTAGEM DESTRUÍDA A BALA E A FOGO



A redação da ULTIMA HORA, localizada no bairro de São Francisco Xavier, em uma rua estreita e movimentada, sofreu um ataque surpresa às 10h30m de ontem (2). O prédio, que abriga a redação e o escritório de circulação, foi totalmente destruído por fogo e explosões. O ataque foi realizado por grupos de camisas brancas que invadiram o prédio e destruíram tudo o que encontraram. Os jornaleiros foram obrigados a abandonar o prédio em meio ao caos e ao fogo.

Que aconteceu? Os grupos de camisas brancas, que são conhecidos por serem extremamente violentos, invadiram o prédio e destruíram tudo o que encontraram. Os jornaleiros foram obrigados a abandonar o prédio em meio ao caos e ao fogo.

A redação da ULTIMA HORA, localizada no bairro de São Francisco Xavier, em uma rua estreita e movimentada, sofreu um ataque surpresa às 10h30m de ontem (2). O prédio, que abriga a redação e o escritório de circulação, foi totalmente destruído por fogo e explosões. O ataque foi realizado por grupos de camisas brancas que invadiram o prédio e destruíram tudo o que encontraram. Os jornaleiros foram obrigados a abandonar o prédio em meio ao caos e ao fogo.

Cedo descobrimos que o inimigo não era Goulart.

Quando descobrimos que aquele golpe era mais que uma simples quartelada tipicamente latino-americana, ficamos assustados. Afinal, fazíamos parte da diretoria de uma associação de estudantes. Naquele momento de "pega para capar" ninguém iria conferir se ela era de

esquerda, direita, centro ou muito pelo contrário. Enquanto parte da diretoria da ADEC estava na ACES assistindo a "pregação de um tal padre Alípio (acho que era este o nome do pregador "comuno-anseimista" travestido de padre), eu, Antônio Carlos e Alcmeno seguimos para a ADEC, com o objetivo de fazer desaparecer a papelada que pudesse nos comprometer. Nós três fazíamos parte da ala mais conservadora da associação, porém, naquele momento, isso era algo insignificante diante do clima ameaçador. Na inexperiência de nossos vinte e poucos anos e intoxicados pela pregação reacionária da *Guerra Fria*, éramos visceralmente anticomunistas, embora sequer soubéssemos exatamente o que era o marxismo. Cumprida a missão de fazer desaparecer qualquer coisa que pudesse nos comprometer, ficamos nas proximidades do Elite. Aí as notícias começaram a pipocar: "prenderam fulano", "beltrano está sendo procurado" "cicrano foi levado para a Vila Militar". Embora fosse 1º de abril, tudo era verdade. O sonho da democracia nascera morto. E amargaríamos vinte e tantos anos de uma ditadura estúpida e cruel.

A ditadura para quem vive nos grandes centros parece menos assustadora do que para aqueles que vivem nas pequenas cidades. Nestas, a sensação de anonimato desaparece, todos se conhecem, sabem onde você mora, o que pensa, o que lê, o que come e até o que você... Foi exatamente assim que passamos a nos sentir a partir do golpe de 64.

Nesse momento os oportunistas e arrivistas surgem para prestar os seus serviços aos novos "senhores".

Antigos conhecidos passaram a ser olhados com desconfiança. Ameaças veladas, ou mesmo explícitas, eram feitas para intimidar adversários políticos. Empregados que reivindicavam o cumprimento da legislação trabalhista, enfim, todos os que se opunham aos ditadores e seus prepostos eram perseguidos. O puxa-saquismo imperava. Um grande colégio da prefeitura, quando foi inaugurado, ostentava em sua fachada o nome de Castelo Branco, o primeiro presidente militar. O marechal recebeu esta "homenagem" não por sua importante atuação na Segunda Guerra Mundial, mas por ser o presidente que enfeixava nas mãos um verdadeiro arsenal de Atos Institucionais. Uma velha e carola professora, "para mostrar serviço" chegou a reivindicar a abertura de um Colégio Militar no município. Quanto oportunismo, quanta subserviência, quanta babaquice. Era duro ter que assistir ao FEBEAPÁ (Festival de Besteira que Assola o País) patrocinado pela ditadura.

E muitos carros circulavam pela cidade ostentando no vidro traseiro o plástico da Escuderia Le Cocq ou o famigerado "**Ame-o ou Deixe-o**".

BRASIL AME-O OU DEIXE-O

Era duro, quase impossível, conviver com a imbecilidade, o oportunismo e a picaretagem.



“Ninguém mais segura este país”.

Era duro, quase impossível, conviver com a imbecilidade, o oportunismo e a picaretagem. Aqui, foram raros os políticos que tiveram uma postura digna, justa, Mas, felizmente, uns poucos, foi o caso de Jorge Romeiro, Calado, Peixoto Filho e Lázaro José de Carvalho tiveram um comportamento, reto, corajoso e incorruptível, lutando a favor do povo e questionando o arbítrio.

Mas não se pense que a população aceitou resignadamente os desmandos dos novos donos do poder. Escudada pelo MDB - (Movimento Democrático Brasileiro), um partido político de oposição. criado

artificialmente pelos “maquiavéis” tupiniquins -, ela se engaja na campanha do Dr. Moacyr Rodrigues do Carmo para a prefeitura. Moacyr, um nome respeitável - médico e ex-pracinha - com uma grande tradição de lutas no Partido Trabalhista Brasileiro, junto com Ruyter Poubel, sai vencedor nas eleições de 1966. O governo de Moacyr foi progressista e dinâmico. Um verdadeiro marco administrativo entre a Caxias ainda influenciada pelo imprevisto e o clientelismo e a Caxias autônoma, moderna, planejada. Mas o sucesso da oposição, representado pelo governo de Moacyr, seria um péssimo exemplo. Sob forte pressão política, o prefeito foi “convidado” a se filiar à AERENA (Aliança Renovadora Nacional, partido da situação). Era só o que faltava. Após o governo Moacyr do Carmo (1967-1971), Caxias é incluída na relação de cidades consideradas de “interesse da segurança nacional” e seus prefeitos passam a ser nomeados. Perdemos o direito de eleger o prefeito, *“elementar, meu caro Watson!”*



Votei no MDB e acabei elegendo um prefeito para a ARENA.

O primeiro prefeito nomeado foi o general Carlos Marciano de Medeiros. Seu governo foi um verdadeiro descalabro administrativo. O pagamento dos funcionários da Prefeitura chegou a atrasar vários meses. Que vergonha. Certamente, foi o pior prefeito que passou por Duque de Caxias. Depois veio o coronel Renato Moreira da Fonseca, que fez uma administração exemplar; logo após, o coronel Américo de Barros e, finalmente, o único interventor civil, Hydekel de Freitas Lima. Em 1985, quando recuperou sua autonomia, o município elegeu o professor Juberlan de Oliveira, pelo PDT, partido do Brizola. Mas, infelizmente, Juberlan não soube entender que *“... o passado é uma roupa que não nos serve mais”*.

17 - Pegando firme no "basquete"

Em 1964, graças à intervenção do ex-colega de ginásio Adelmo Pimenta Soares, consegui o meu primeiro emprego "decente". Fui trabalhar na Sociedade Anônima Marvin, uma antiga fábrica de pregos localizada entre Bonsucesso e o bairro do Jacaré. A velha empresa, agora associada à Anaconda American Brass, uma multinacional do cobre, estava abrindo uma outra fábrica em Nova Iguaçu para a produção de tubos, barras e perfis de material não ferroso.

Fui trabalhar no departamento de custo industrial. Em poucos meses já estava ganhando mais do que o meu pai. Ali permaneci até 1968, quando pedi demissão para ingressar no magistério particular. Foi uma autêntica loucura, deixei um emprego com todas as garantias e direitos trabalhistas para receber dez vezes menos e com "direito" a atrasos salariais constantes. Mas o que eu queria mesmo era dar aulas. Em 1967, havia feito o vestibular para o Curso de Formação de Professores para o Ensino Normal e fora aprovado. Ficava deprimido só em pensar que poderia permanecer trabalhando num escritório até a aposentadoria. Embora formado em contabilidade, nunca suportei aquele mundinho medíocre do *escritório*. Nele, a pele da gente vai ficando verde e as idéias cinzentas.

O período da Marvin foi muito interessante para mim. Ali fiz boas amizades e passei a conhecer o município de Nova Iguaçu. Através de um colega, que gostava de caçar, soube da existência da Vila de Iguaçu. Mas naquele momento ainda não estava interessado na História da Baixada.

Quando cheguei na companhia, o ambiente era de grande agitação. A fábrica ainda estava sendo construída e algumas máquinas, que vinham dos Estados Unidos, ainda em processo de montagem. Era uma contradição, enquanto o prédio da fábrica era moderníssimo, com as obras sob a responsabilidade da Cristiani Nielsen, as máquinas eram da época da guerra. Para colocá-las em operação, vinham operários e técnicos dos Estados Unidos, objetivando orientar e supervisionar os "candangos" brasileiros. Geralmente estes técnicos eram homens já maduros e muito experientes. Vinham com todas as mordomias. Basta lembrar que ficavam hospedados no Hotel Glória. Apenas um engenheiro, Sr. Buchel, fixara residência temporária aqui, mais

especificamente, em Petrópolis. Todas as manhãs descia a serra com destino a Nova Iguaçu pilotando um fusquinha. Afeiçãoou-se tanto ao carrinho que pretendia comprar um logo que chegasse aos Estados Unidos. Buchel era baixinho, magro, muito simpático e bem humorado. Certa vez estava acompanhando a montagem de uma pesada máquina quando chegou um técnico brasileiro. O técnico, não sabendo que Buchel falava muito bem o português, perguntou a um colega que o acompanhava: "*Quem é este baixinho filho-da-puta?*". Buchel apresentou-se com a maior naturalidade, deixando o inconveniente sem graça. Ao contrário dos norte-americanos e europeus, os engenheiros brasileiros eram mais "acadêmicos", formais e solenes, pensavam muito em si e pouco nos seus subordinados.

A Marvin foi uma grande experiência, ali conheci variados tipos humanos. Meu contato com os operários ajudou-me a entender um pouco o espírito proletário. Acho que o meu despertar para as questões sociais também se fez ali. As diferenças e os privilégios de classe dentro da fábrica eram claríssimos: restaurante da diretoria, restaurante dos engenheiros, técnico e funcionários, restaurante dos operários. Como o nosso grupo almoçava no restaurante dos operários, fomos chamados pelo chefe, Dragan Seljan (um iugoslavo estressado, mas corajoso e justo), que desejava saber porque a equipe do Departamento Econômico comia com os peões. Como desculpa dissemos que o restaurante dos operários era maior, mais arejado. Nada disso, a gente não suportava aquele pessoalzinho metido a besta que almoçava no "aquário" dos peixes graúdos.

Ao lado da sala que ocupávamos havia um grande salão que ainda estava ocioso, vez por outra, ali nos reuníamos para discutir política. Foi numa dessas discussões que, pela primeira vez, ouvi falar de Roger Garaudy. Ficava bem claro que entre os funcionários da contabilidade havia dois grupos distintos: os indiferentes e os politizados. É bom que se diga, também, que estávamos em 1968. As posições políticas se radicalizavam: a peça teatral Roda Viva, de Chico Buarque, estreava; militares norte-americanos provocam o massacre de My Lai, no Vietnã; o governo da África do Sul intensifica o apartheid; o pastor negro Martin Luther King era assassinado aos 39 anos de idade; vários municípios brasileiros são considerados áreas de segurança nacional; Robert F. Kennedy seria morto nos Estados Unidos; no Rio é realizada a passeata dos cem mil; a Checoslováquia era invadida pela tropas do Pacto de Varsóvia; estudantes do Mackenzie e da USP se enfrentam, tendo como resultado a morte de um deles; em Ibiúna estudantes são presos ao realizarem clandestinamente o 30º Congresso da UNE; o estudante Edson Luis fora assassinado no restaurante do Calabouço pela Polícia Militar e para fechar o ano com "chave de ouro", entrava em vigor o Ato

Institucional nº 5. Ufa! Que ano trágico. Nesse momento eu fazia o curso de Pedagogia no Instituto de Educação Governador Roberto Silveira.

18 - No CFPEN

Eu terminara o curso de técnico em contabilidade no Colégio Luso-Carioca...e agora José? Como todo e qualquer jovem que completava o 2º grau, pretendia fazer um vestibular. Inicialmente fiquei um pouco desorientado. Que profissão escolher? Achei que Direito seria uma boa opção. Fiz o vestibular e não passei. Felizmente não passei. Hoje tenho consciência que seria um péssimo advogado. Não suporto escritório, burocracia nem papel. Não tenho vocação para "carimbador maluco": *"Tem que ser selado, registrado, carimbado, avaliado, rotulado se quiser voar!"*

Certo dia, Ivan da Silva Gomes, um amigo que fizera o pré-vestibular de Direito comigo, chegou com a notícia de um curso para a formação de professores no Instituto Governador Roberto Silveira. Assim, em 1967, com 25 anos de idade, ingressei no Curso de Formação de Professores para o Ensino Normal, criado no ano anterior pelo professor Álvaro Lopes. No vestibular fora aprovado com relativa facilidade. As vagas quase empatavam com o número de candidatos.

O curso era novo, estava no segundo ano e ainda lutava para ser aprovado pelo Ministério da Educação. Nem é preciso dizer que era visto preconceituosamente por alunos que faziam cursos em faculdades tradicionais e até mesmo por aqueles que cursavam as do tipo "pagou-passou" ou "fim-de-semana".



Stélio Lacerda discursando para professores e alunos do CFPEN.



Alunas da primeira e da segunda turma do CFPEN.



Alunos do CFPEN.

O professor Álvaro tratava o Curso de Formação de Professores para o Ensino Normal, (CFPEN) com o maior carinho, escolhia os melhores mestres do Curso Normal do Roberto Silveira e os colocava no que viria ser o Curso de Pedagogia. O Instituto de Educação era, nessa época, bem aparelhado, bem cuidado, com salas amplas, arejadas e possuidor de um mobiliário de primeiríssima. Dava gosto estudar ali. Tudo era novo, inclusive a cabeça dos professores; com raríssimas exceções, claro.

Mas nem tudo era perfeitamente harmonioso. A maior parte da clientela do Curso de Pedagogia era feminina e oriunda de um dos mais tradicionais e conservadores colégios de Duque de Caxias, o Santo Antônio. O Santo Antônio era um educandário católico dirigido por freiras alemãs e só admitia alunos do sexo masculino nas primeiras séries, ou melhor, no antigo curso primário.

Foi um choque para as alunas do Santo Antônio e suas antigas professoras - freiras alemãs, que agora, tardiamente, faziam o CFPEN - o encontro com rapazes politizados e laicos. Lembrem: estávamos em plena ditadura militar. Inevitavelmente se estabeleceriam divergências ideológicas. Uma das mais severas aconteceu quando o Centro Acadêmico Euclides da Cunha fez uma greve protestando contra a morte do estudante Edson Luís, assassinado no Calabouço pela Polícia Militar do Rio de Janeiro.

A morte brutal de Edson Luís comoveu toda a Nação e foi explorada pelos opositores ao regime para intensificar a luta pela redemocratização do país.

Sobre este triste episódio escrevi um artigo que foi publicado na "Pilares da História" (Revista do Instituto Histórico da Câmara Municipal) e que agora transcrevo com pequenas alterações:

"Anoitecia quando os primeiros alunos do Curso de Formação de Professores para o Ensino Normal começaram a chegar. Como faziam todos os dias, se dirigiram para o portão principal do Instituto de Educação Governador Roberto Silveira, tentando entrar no estabelecimento para as aulas, que dentro de alguns minutos teriam início. Entretanto, foram impedidos. Aquela noite seria diferente, não

haveria aula. Componentes da diretoria do Centro Acadêmico Euclides da Cunha, que tinham chegado antes dos demais colegas, após rápida e sumaríssima reunião, resolveram paralisar as atividades do CFPEN.

Houve um início de tumulto, pois alguns colegas não concordavam com a suspensão das aulas. Porém a diretoria do CAEC se mostrava intransigente e, através de uma argumentação desordenada e passional, tentava demover os colegas que desejavam furar a paralisação. Liderando os que forçavam a entrada no estabelecimento de ensino estavam duas conhecidas e respeitadíssimas mães do Colégio Santo Antônio, também alunas do curso. As irmãs do Santo Antônio, antigas professoras de muitas alunas do Curso de Formação de Professores, detinham ainda grande poder sobre as suas ex-alunas e, assim, incentivavam estas a não aderir ao movimento paredista. Muito conservadoras, “apolíticas” e intransigentes, não podiam e nem queriam entender as razões que levaram a diretoria do CAEC a deflagrar a “greve”. Até mesmo uma professora de didática do nosso curso, tentou, em vão, demover os teimosos diretores do CAEC. Para isso, argumentou que o curso ainda não era reconhecido e poderia sofrer sanções das autoridades do Ministério da Educação. Nada disso adiantou e as aulas foram suspensas.

Mas qual seria a razão para tanta celeuma? Em letras garrafais ela vinha impressa nas primeiras páginas dos principais jornais brasileiros. Um estudante fora morto pela polícia no Calabouço .

Tudo começou quando os estudantes que frequentavam o Restaurante do Calabouço – que funcionava onde hoje está localizado o trevo rodoviário próximo do Aeroporto Santos Dumont – iniciaram um movimento de protesto contra o aumento do preço das refeições e o mau funcionamento do estabelecimento que as fornecia. A polícia, ciente do fato, como de hábito, partiu para reprimir o movimento com a violência costumeira. O que parecia ser mais uma escaramuça entre estudantes e policiais acabou se transformando numa tragédia.

A violência da repressão traria como saldo o espancamento brutal dos estudantes e a morte de Édson Luís de Lima Souto. Edson tinha apenas 16 anos de idade, era estudante paraense, e seria fuzilado com um tiro de pistola calibre 45, disparada por um tenente que comandava a tropa repressora. Esse fato trágico inseria-se numa série de confrontos entre o movimento estudantil e o governo ditatorial imposto pelo golpe de 1964.

Desde 1967, a temperatura política que envolvia o governo e os estudantes vinha se elevando, pois as manifestações eram reprimidas com brutalidade cada vez maior. Os estudantes protestavam não apenas contra a ditadura, mas também contra a política educacional que o governo vinha realizando. Contribuiu para isso a extinção da União Nacional dos Estudantes (UNE) e das demais uniões estaduais de estudantes (UEEs), a realização de congressos clandestinos, os protestos dos excedentes e o polêmico acordo do Ministério da Educação e Cultura com a United States Agency for International Development (acordo MEC/USAID). Este acordo objetivava a privatização do ensino e o seu direcionamento para a formação de mão-de-obra especializada para abastecer as empresas capitalistas. O ensino deveria ser exclusivamente técnico, desconsiderando-se totalmente os seus aspectos humanísticos.

Naquele momento os estudantes talvez fossem a única força disponível capaz de responder de forma clara e corajosa aos que, solertemente, através de Atos Institucionais, demoliam o que restara das instituições democráticas. A morte de Edson Luís foi uma espécie de "morte anunciada", se me permitem o desgastado clichê.

Após ser baleado, Edson Luís foi conduzido por seus colegas para a Santa Casa da Misericórdia, não muito longe do Calabouço. Mas nada poderia ser feito, o estudante já estava morto. Revoltados, seus colegas, num dramático cortejo, conduziram o corpo em direção à Assembléia Legislativa. A multidão que acompanhava o cortejo, aos gritos de "polícia assassina", invadiu o Legislativo e lá permaneceu velando o infeliz estudante até a madrugada.

As autoridades e a polícia tudo fizeram para evitar o velório, que transformara-se num gigantesco ato de protesto; em vão. Do lado de fora da Assembléia, estudantes faziam inflamados discursos e atiravam pedras na polícia, que respondia com golpes de cassetetes e bombas de gás lacrimogêneo.

O massacre, do dia 28 de março de 1968, iria assumir proporções de crise nacional. Os teatros da Guanabara foram fechados e os artistas, solidários com os estudantes, anunciaram luto de três dias. O luto estendeu-se às escolas, diretórios e à própria Assembléia Legislativa. As aulas foram suspensas em todo o Estado da Guanabara.

O governador Negrão de Lima, eleito pela oposição, tentou minimizar a crise, reuniu-se com seus secretários; procurando uma saída honrosa para o governo, demitiu auxiliares e mandou prender o tenente assassino. Comprometeu-se, também, a custear o enterro do jovem Edson Luís. O comandante do I Exército, percebendo a extensão

da crise, anuncia uma prontidão em todas as guarnições da Guanabara. De Brasília, através de seu secretário de imprensa, Costa e Silva declarava já ter sido informado pelo Ministro da Justiça sobre os acontecimentos da Guanabara. Comentava ainda que o seu governo estava empenhado em manter a ordem.

No dia seguinte ao assassinato do estudante, mais de 50.000 pessoas, aglomeradas na frente da Assembléia, aguardavam o momento de levar o corpo do infausto jovem para o Cemitério São João Batista. O cortejo fúnebre deixou a Assembléia às 16 horas e 20 minutos, seguindo pela Avenida Beira Mar, indo em direção à Praia do Flamengo. Em frente a sede da UNE o cortejo parou e os estudantes queimaram uma bandeira norte-americana. Tumultos e quebra-quebra continuaram durante toda a caminhada até o cemitério. Às 18 horas e 20 minutos, o cortejo chegou ao São João Batista. Diante da multidão que se aglomerava na entrada da necrópole, os estudantes que conduziam o caixão tiveram que permanecer por mais de uma hora, esperando que a massa fosse retirada do local. Finalmente, às 19 horas e 20 minutos, o corpo de Edson Luís foi sepultado.

Extinguira-se uma vida, mas nascia agora uma nova e cruenta etapa da luta entre os estudantes e a ditadura. Tinha razão a diretoria do CAEC em sua indignação. Justificava-se a suspensão das aulas naquela noite no Instituto de Educação Governador Roberto Silveira. Éramos jovens, sonhadores e politizados.”

No dia 29 de março de 1968, estávamos na porta do Instituto de Educação Governador Roberto Silveira, junto com meia dúzia de colegas que recusavam-se a aceitar a apatia e a omissão de alguns companheiros alienados e (ou) acovardados. A postura corajosa e desafiadora da direção do CAEC – diante dos acontecimentos de 1968 – iria trazer para os seus componentes muitos dissabores, mas isso, deixa para lá.

19 - A Moça do “Mate com Angu”

Era jovem, educada e elegante...moça da classe média alta carioca. Aqui chegara trazida pelo irmão, o tenente Álvaro Alberto da Motta e Silva, que se destacaria como cientista e responsável pela entrada do Brasil no campo da energia atômica. Armanda acompanhava-o em sua visita à fábrica de explosivos que a família possuía próximo à estação ferroviária de Merity, na altura do Mercado Municipal.

Nos primórdios da década de 20, Merity era pouco mais que uma estação de trem cercada por algumas casas modestas. As ruas não tinham calçamento, água encanada, nem luz elétrica, enfim, Merity era um lugar perdido no espaço e esquecido no tempo; com uma população rala, tendo pouco mais de 3.000 habitantes, carente e fustigada pelo impaludismo. Foi justamente nessa Merity dos anos 20 que, Armanda resolveu aplicar todo o seu esforço, talento e recursos materiais para criar a Escola Proletária, no dia 13 de fevereiro de 1921.

Mantida financeiramente com recursos vindos da fábrica de explosivos da família, a Escola Proletária contava ainda com o auxílio da comunidade, além do apoio pedagógico dos mais representativos mestres da Associação Brasileira de Educação (ABE).

Naquele momento, a ABE travava uma luta titânica contra a educação tradicional, mesquinha em seus propósitos e eivada de vícios, enfim, em descompasso com os novos tempos. A escola que agora surgia em Merity procurava aplicar no seu dia-a-dia tudo aquilo que a ABE defendia para a educação. A Escola Proletária de Merity seria a primeira do Brasil a funcionar obedecendo aos princípios que davam sustentação à Escola Nova. Foi ela a pioneira na tentativa de estabelecer a educação conjunta de adultos e crianças, a primeira a criar um Círculo de Mães e a organizar cursos de Higiene e Arte Popular para os habitantes daquela região esquecida. Pioneira ainda no fornecimento de merenda para os alunos. Anexa à Escola Proletária, Armanda manteve aberta ao público a Biblioteca Euclides da Cunha, o que certamente favoreceu a integração da comunidade escolar com a população.

Armanda acompanhava tudo o que se passava na Europa, assim recebeu com entusiasmo o método pedagógico criado por Maria Montessori. Porém, a sua escola não se limitou à cópia pura e simples

das idéias da grande pedagoga italiana. Procurou adaptar o método de Montessori às condições encontradas em Merity.



Armanda em sua mesa de trabalho.

Liberdade, responsabilidade, auto-educação e respeito ao desenvolvimento biológico e psicológico do educando, seriam os suportes do novo método. "*Aprender a fazer, fazendo*", este era o lema da escola. A educação só poderia se fazer quando casada com a realidade, integrada à natureza e à comunidade em que ela estava inserida. Nem sempre este "*educar para a vida*" foi bem recebido pelos pais dos alunos. Muitos não compreendiam porque a limpeza e arrumação da escola passavam também a ser da responsabilidade dos próprios educandos.



Professora Martha Rossi, auxiliar direta de Armanda Álvaro Alberto, na Escola Proletária de Merity.

Segundo a professora Martha Rossi, auxiliar direta de Armanda Álvaro Alberto, na Escola Proletária de Merity não se davam notas, prêmios ou castigos. Procurava-se com isso desestimular a luta pela conquista dos primeiros lugares, livrando, desse modo, os alunos da inveja e do despeito. *"Saúde, trabalho, alegria e solidariedade"* norteavam a ação educadora da escola. Apesar de uma personalidade forte, ser exigente e impor profundo respeito, Armanda era simpática e carinhosa com todos que a cercavam. Aos alunos chamava de *"meus passarinhos"*. Fazia tudo para que aprendessem: organizava excursões e passeios, acompanhava com a máxima atenção o trabalho dos seus professores e o andamento das aulas. Em muitas ocasiões reunia à sua volta a criançada e mostrava cartões postais e filmes, explicando tudo detalhada e pacientemente. Junto com os seus *"passarinhos"* percorria os arredores da escola e, pelo caminho, ia ministrando conhecimento de botânica, zoologia, geografia. Mesmo os assuntos mais delicados eram abordados com franqueza, elegância e até poesia. O sexo, por exemplo,

era ensinado através das flores, ao ar livre. O barro, encontrado ao longo do caminho percorrido, era utilizado para modelar formas que representavam o relevo, os rios, as montanhas. Os passeios de Armanda com os seus “passarinhos” eram aulas práticas, onde tudo servia de pretexto para se aprender.

Morando em Copacabana, na zona sul do Rio de Janeiro, e participando de outras atividades pedagógicas, nem sempre Armanda podia estar presente na sua escola de Merity. Mas quando ali estava, o clima era de festa e os funcionários não tinham hora para chegar em suas casas. Nessas ocasiões a mestra chegava de trem - naquela época uma viagem longa e desconfortável. Quando a velha e poluente maria-fumaça chegava na estação da longínqua Merity, já encontrava a criançada na plataforma à espera de Armanda. Aí, ela desembarcava da composição e seguia com os seus “*passarinhos*”, em alegre algazarra pelo atalho (atual rua Nunes Alves) que ligava a estação ferroviária à escola. Esse atalho subia o morro, hoje este trecho corresponde à rua Dr. Romeiro. No ponto mais alto da colina ficava a Escola Proletária Merity. Devemos observar que à volta da escola se avizinhava uma rica vegetação, com muitas árvores que floriam durante os vários meses do ano, formando o que Armanda chamava de “*calendário das árvores floridas*”.

A criação do “círculo de mães” permitiu que Armanda pudesse educá-las através de noções de puericultura, higiene, economia doméstica e trabalhos manuais. A mestra ensinava às mães como “*formosear*” suas casas através de “*janelas floridas*”. Periodicamente, Armanda promovia um concurso para premiar a mais bela janela florida.

A escola fazia também levantamentos sócio-econômicos das famílias de seus alunos. Esse trabalho era realizado pelos professores, que visitavam casa por casa. Assim, Armanda ficava ciente dos problemas e dificuldades enfrentadas pelos alunos e seus familiares. Para assistir às famílias carentes organizava exposições para a venda de trabalhos manuais feitos pelas mães dos alunos. O resultado dessas vendas era distribuído entre a escola e as pessoas que haviam produzido os trabalhos. Nessas atividades assistenciais, algumas vezes, Armanda enfrentava situações curiosas. Era, por exemplo, o caso de mães que recebiam tamancos e sabonetes, mas não usavam, com pena de gastá-los.

Durante 42 anos, Armanda esteve à frente da Escola Proletária Merity. Em 1963, já doente, resolveu desligar-se da escola. Desejando garantir a continuidade de seu trabalho pedagógico, tenta transferir o

estabelecimento para o governo do Estado do Rio de Janeiro. Não consegue, em virtude de divergências entre as partes. Diante desse fato, a escola seria doada ao Instituto Central do Povo.

O pioneirismo e a excelência da Escola Proletária de Merity foram atestados pelas mais expressivas figuras de nossa intelectualidade. Carlos Drummond de Andrade, Lourenço Filho, Heytor Lira e Edgard Roquette Pinto.

A Escola Proletária, que também se chamou Escola Regional de Merity, Escola Municipal Dr. Álvaro Alberto e carinhosamente ficou conhecida como "*Mate com Angu*" (devido a merenda fornecida), atualmente é muito estudada pela comunidade acadêmica. Vilma Amâncio, Ana Crystina Mignot e Dalva Lazaroni produziram excelente material sobre a Escola Proletária de Merity, ou melhor, "*Mate com Angu*".

20 - Heróis em Bronze

Homenagear os seus heróis, colocando bustos e estátuas nas praças e jardins, sempre foi um hábito dos povos. Nesses locais, eternizados pelo bronze, eles permanecem imóveis, silentes, desafiando intempéries e sujeitos ao desrespeito dos pombos, que teimam em cagar em suas cabeças.

Mas não pensem que isso é coisa de cidade grande, coisa dos tempos modernos. Esse comportamento de se esculpir pessoas deve ter sido inspirado na fábula bíblica da criação do homem. Segundo aprendi nas aulas de catecismo, Deus, primeiramente, teria feito o homem de barro, até aí ele, o homem, era uma simples escultura. Depois o Criador teria soprado em suas narinas e dado vida àquele corpo de barro. Pronto, a partir daí teria se criado o homem. E como Deus criou o homem à sua imagem e semelhança, o homem passou a se comportar como um verdadeiro Deus, criando também bonecos de barro, mármore, bronze e outros materiais menos nobres.

Pude comprovar o fetiche que as imagens exercem sobre nós, pobres mortais, quando viajei pelo nordeste brasileiro. Naquela oportunidade resolvi, juntamente com o meu amigo Armando Valente, conhecer Juazeiro do "Padim Ciço". Nos metemos num micro-ônibus, que parecia cair aos pedaços, e rumamos para o Ceará. Viajávamos madrugada adentro. O velho e desconfortável veículo transportava humildes famílias que, com suas crianças, iriam venerar o famoso taumaturgo ou pagar alguma promessa feita a ele num momento de desespero ou precisão. Muitos dormiam, outros aproveitavam a viagem para apreciar a queimada dos canaviais, era o meu caso.

O dia começava a clarear quando, de repente, ouviu-se um grito: "*Olha a estauta do Padim Ciço*". Foi um alvoroço dentro do veículo. Todos se dirigiram para as janelas da esquerda e, diante da visão do gigantesco monumento, se puseram a rezar. Ali passei a entender a força que a imagem tem para despertar sentimentos. Jamais esqueci aquela madrugada impressionante.

A curta história de Duque de Caxias e as disponibilidades do caixa da Prefeitura não permitiram às autoridades erigir muitos bustos e

estátuas. Mas se pecamos pela quantidade, não o fazemos na qualidade daqueles que desejamos incensar. De todos os nossos heróis, sem dúvida, o mais festejado é o que empresta o seu nome ao município. Nem poderia ser diferente. O busto, de nosso único duque, sobre um pesado bloco de granito, durante muito tempo permaneceu na Praça do Pacificador - mas contrariando uma regra básica das estátuas, ficar sempre no mesmo lugar - passou a perambular, de um lado para outro, na medida que as reformas daquele logradouro iam acontecendo. Hoje estava aqui, amanhã ali; assim os dias iam passando. Um dia aquele busto andarilho foi definitivamente remetido para o local do nascimento do velho soldado, o Museu da Taquara, antiga fazenda da família do herói.

Para substituir o robusto busto (perdão pela rima), foi colocada uma estátua equestre do Pacificador sobre vistosa base em granito rosa. Até ser despejada pelo Centro Cultural, perpetrado por Oscar Niemeyer, ela ficou, por bom tempo no local do antigo busto, parecendo dar boas vindas para aqueles que chegavam em Caxias. A intenção era boa, só que, o escultor encarregado da obra - não se sabe o porquê - parece ter errado nas proporções do monumento. Resultado: aquilo que deveria representar o nosso garboso soldado montado no seu fioso ginete, ficou parecendo um desnutrido cadete tentando se equilibrar num jumento alquebrado. Lamentável!

Mais adiante, na mesma praça, havia um belo conjunto escultórico evocando os padecimentos da população na sua luta para a obtenção do chamado "*precioso líquido*". Era - se não me falha a memória nem a vista - composto por uma mulher com a lata d'água na cabeça, no colo sua criança e tendo ao lado um garoto puxando o rola-rola, a quem dava a mão. Para dar mais autenticidade ao conjunto, foi instalado nele a primeira bica d'água que abasteceu Merity. Foi um negócio até inspirado.

Roberto diz (e assina) que não teremos outro 25 de Agosto sem água

Documento raro conseguido pela FOLHA DA CIDA DE do Governador do Estado — Não tem opinião sobre a fusão — Inaugurará em maio a "Usina Franca Amaral" — Reportagem na página 3

162

Preço deste exemplar: Cr\$ 3.00

IGNEZ DESISTIU



FATÁ (continuada a desistência de Ignês de Almeida, San-
ta (foi) do concurso para a
Primeira Rainha da
Primavera do Social Clube Me-
rill. Outras notícias na colu-
na de Nô Ião de Merrill, na
página 4.

*Declaro ao povo de
Caxias, por inter-
médio da Folha da Cidade
que este foi o último
dia de agosto sem água
na cidade.*

*Em fiz coisas mais di-
fíceis: por exemplo, vencer
as eleições em Nova Iguaçu
em 25.8.55*

Roberto Silveira

FAC-SMILE do documento firmado pelo Governador, onde se lê:
— "Declaro ao povo de Caxias, por intermédio da FO-
LHA DA CIDA DE, que este foi o último dia de agosto, sem água na
cidade. Em fiz coisas mais difíceis: por exemplo, vencer as elei-
ções em Nova Iguaçu... 25-8-1955 — Roberto Silveira"

22 horas

lanas detidas — Deputado e
prostitutas

...pelas
barras.
...da de
do dia.
...até as
probi-
"livre"
quando
depu-
... não
... nos ca

...omes, para soltar duas das mais
bonitinhas.
... Quanto ao vereador não é de
se estranhar, pela sua frequência
diária à delegacia, porém,
quanto ao deputado estranhamos
devido este usar sempre sua rubri-
ca "Gratias" o nome das famílias
caxienses.
... Assim, aconselhamos as famí-
lias a não saírem à rua após as
22 horas para não sofrerem ve-
xames.

FESTEJOU SEU PATRONO



Mario Pina Cabral para Presidente da Associação Comercial de Caxias

O sr. José Maia lançou e apoiará a candidatura do sr. Mario Pina Cabral a presidente da Associação Comercial de Du-que de Caxias, no pleito que será realizado no decorrer desta mês. Para vice-presidente será apontado o nome do sr. Eronides Baptista. Todavia, segundo cons-
ta há forte movimento contra a indicação do nome deste comer-
ciante.
Por outro lado cogita-se da in-
clusão do nome do sr. Jererson
Macedo, como companheiro de
chapa do sr. Mario Pina Cabral.

DAVID FOI CONVIDADO A VISITAR FRANÇA, PORTUGAL E JAPÃO

O prefeito Adolfo David rece-
beu vários convites para visitar
países europeus, entre eles, a

W. RUSSO É O FAVORITO NA LUTA DE HOJE



"Não teremos outro 25 de agosto sem água".

Esse monumento era, de fato, muito bonito e importante, tendo sido criado no governo de Hydekel de Freitas. Mas com o tempo foi sendo depredado por vagabundos e menores infratores que infestavam a Praça do Pacificador. Diante disso, a prefeitura, consciente de sua própria inoperância, removeu para a "garagem" o que havia sobrado daquilo que tão bem representava a epopéia da água. Hoje estes fragmentos se encontram nas dependências do Instituto Histórico. Quem não sabe a origem daqueles destroços: o garoto mutilado e o braço amputado da mulher, que parece flutuar no espaço, acredita estar vendo uma obra surrealista da Bienal de São Paulo.

No Cruzamento da Avenida Nilo Peçanha com a Rua José de Alvarenga está plantada a estátua de Zumbi dos Palmares, um herói recém-chegado, é verdade, mas nem por isso de menor valor. A presença de Zumbi entre nós é fruto do despertar da consciência negra em Duque de Caxias. Mas, acho que para completar esse "panteão" também deveria ser colocado ao lado de Zumbi o busto do "Almirante Negro". João Cândido, afinal, morou e morreu na Baixada Fluminense. Todos os anos, em novembro, ali se realiza uma solenidade que inclui a lavagem do busto daquele mártir palmarino.

Mas ainda não falamos de outra ilustre figura que "habita" nossa cidade. Esse homenageado não fez guerra como Zumbi, muito menos uma revolta como João Cândido. Era um homem pacífico, mas dotado de grande sensibilidade política. Roberto Silveira livrou-nos da falta d'água (ou pelo menos tentou), acabando, quase que definitivamente, com a "indústria" dos carros-pipa, inauguração de bicas *et cetera* e tal.

Sobre um pedestal, com quase dois metros de altura, em tamanho natural, se assenta a imagem do antigo governador do Estado do Rio de Janeiro. A estátua fica a poucos metros da sede da antiga prefeitura, numa praça homônima ao homenageado. Com um archote numa das mãos, Roberto Silveira parece caminhar apressadamente. Dizem alguns – com inadmissível malícia – que ele está fugindo, envergonhado, com aquilo que viu na terra do Pacificador.

Resta ainda um último herói, não é forjado em bronze, nem sei bem em qual material foi modelado. Trata-se de Xangô. Sua imagem fica localizada no Jardim Gramacho, à beira-mar. Comenta-se que Xangô foi ali colocado por Geraldo Lopes, que sempre sonhou transformar aquele lodaçal numa bela praia para os moradores de Caxias. Geraldo Lopes era um empresário progressista, simples, honesto e de bom trato. Foi uma pena não se eleger prefeito. Bem que merecia.



Roberto Silveira parece ter pressa em sair do município

Não posso me esquecer que na entrada da Câmara Municipal pontificou, durante a ditadura implantada em 1964, um busto exótico, de um dos presidentes do regime autoritário. Fora um militar brilhante, mas, obrigado pelas circunstâncias, atravessou o portal da História não por seus feitos meritórios durante a Segunda Guerra Mundial, mas pela ditadura que presidiu. Lamentavelmente, entrou para a História pela porta dos fundos. Coitado, passado o período de arbítrio, os mesmos arrivistas que haviam colocado a sua carantonha no saguão da Câmara dos Vereadores, conduziram os despojos para o porão da instituição. "Revertere ad locum tuum."

21 -O Dia da Criação

O Brasil, realmente, é um país que surpreende. Não dava para acreditar que – na administração do general Carlos Marciano de Medeiros, o primeiro interventor da Caxias de antigamente, e sob o governo de Emílio Garrastazu Médici, um desastre para a democracia - fosse permitido, aqui, um festival de rock com tudo aquilo que um festival do gênero tem para apresentar: cabeludos, barbudos, guitarras estridentes, contestação e drogas. Mas foi permitido. Como? Não sei!

E o Dia da Criação aconteceu num sábado, 14 de outubro de 1972, no Maracanãzinho. Veio gente de todas as partes do Brasil (mais de 2.000 pessoas) para esse concerto ao ar livre que apresentaria artistas como Fagner, Rui Mauriti, O Terço, Sá, Rodrix & Guarabira, Milton Nascimento & Som Imaginário (que não se apresentaram), Os Brazões, Karma, Sociedade Anônima, Módulo 1000, O Grão, Diana & Stul, Liverpool, Jards Macalé e muitos outros.

O Dia da Criação - organizado por Marivaldo Guimarães, empresário do grupo Módulo 1000 - colocou Duque de Caxias na mídia nacional e internacional. O Maracanãzinho foi tomado por uma gente jovem que, com suas guitarras, contrabaixos, sintetizadores, baterias, equipamentos de som e vozes, levou ao delírio o público que ali se reuniu por quase 20 horas.

O Dia da Criação foi, segundo a crítica, uma das primeiras tentativas de romper a resistência dos "milicos" para a futura criação de um grande festival como o de Woodstock.

Infelizmente, não pude assistir, nem me lembro bem o porquê, mas os amigos que foram, dizem que jamais esquecerão aquele encontro de gente que, de forma pacífica, desejava mudar o mundo careta no qual vivíamos. O festival foi, nas palavras do jornalista Ezequiel Neves: *"...uma festa de purificação onde as vibrações eram as melhores possíveis..."*

Este evento, apesar da sua importância, é pouco conhecido dos caxienses. Foi o jornalista Josué Cardoso quem levantou a lebre, com um artigo para a Revista Pilares da História. No referido artigo, Josué aponta para um outro fato importantíssimo para a história da cultura

brasileira, ou seja, a presença do grupo Massa Experiência, criado em Duque de Caxias, em 1971.

Eldemar de Souza, jornalista, musicólogo, compositor e um dos letristas do Massa Experiência, afirma que este grupo representa a primeira banda de pop-rock surgida em nossa cidade. O Massa, apesar de sua vida relativamente curta, fazia um grande sucesso nos lugares em que se apresentava, em especial na Zona Sul carioca.

Nem dá para acreditar que, naquele "Dia da Criação", Caxias tenha sido o local que abrigou um dos maiores eventos de todo o mundo dedicado ao rock. Era dia de rock...

22 – Começaria tudo outra vez

Tenho o perverso hábito de dizer que o magistério não é uma escolha, é acidente. Quase verdade, pelo menos para boa parte dos homens. Foi mais ou menos assim comigo e com muitos dos meus amigos.

Como fazia o CFPEN, resolvi pedir demissão da Sociedade Anônima Marvin e ingressar no magistério. Passei algum tempo desempregado, mas ao cabo de seis ou oito meses, convidado por um amigo, fui lecionar Geografia para um grupo de funcionários da Prefeitura de Duque de Caxias que se preparava para o concurso que os efetivaria nas funções já exercidas como celetistas. Geografia não era a minha praia, mas eu não tinha outra opção. Era o que tinha aparecido, ou pegava ou largava. Peguei e nunca mais larguei. "*Começaria tudo outra vez...*"

Pouco tempo depois seria convidado por Krilof para lecionar História numa escola da CENEC, na Vila São José. A escola funcionava nas dependências do Educandário Maria Tenório - no turno da noite - com o nome de Ginásio Álvaro Negromonte. Foi o momento mais feliz da minha vida profissional. Krilof era professor de matemática, mas dedicadíssimo à Pedagogia.

O Álvaro Negromonte era uma escola tanto para alunos, quanto para professores. Era uma verdadeira escola de aplicação. Aos sábados e feriados a gente se reunia para estudar a obra do professor Lauro de Oliveira Lima (A Escola Secundária Moderna). Apesar de ser uma escola paupérrima em recursos materiais, era riquíssima em recursos humanos. Alguns professores pertenciam à própria comunidade, outros vinham do centro de Duque de Caxias e até do município Rio de Janeiro. Ali realmente aprendi o que é ser professor. Estávamos sempre teorizando sobre tudo que envolvesse a atividade docente. Quando a gente saía da escola, vinha no ônibus discutindo acaloradamente tudo o que acontecera naquela noite. Finalmente, um cafezinho era a desculpa para esticar o papo sobre a escola até o início da madrugada.

Mas, o dinheiro era pouco e os atrasos de pagamento constantes. Tudo o que entrava no caixa da escola era primeiramente distribuído para aqueles professores mais necessitados. Caso sobrasse, aí sim, ia para os demais. Eu fazia parte dos demais. Muitas vezes fiquei sem receber e para poder trabalhar tinha que pedir dinheiro emprestado para minha mãe. Apesar disso, gostávamos muito de trabalhar no Álvaro Negromonte, uma escola de verdade; com a direção mais inteligente e dedicada que conheci.

Nesse momento (1968/1969) eu já estava quase me formando e, com autorização especial, passei a lecionar História em escolas particulares. Em 1970, mesmo formado em Pedagogia, não consegui lecionar no Curso Normal - as vagas eram poucas e eu era estigmatizado por minha atuação no Centro Acadêmico -, continuava dando aulas de História com autorização fornecida pela Inspetoria Seccional de Niterói.

Não teve jeito, resolvi fazer História. Assim, fui procurar a FEUDUC. Porém tive o meu requerimento de pedido de matrícula "delicadamente" indeferido pela direção do estabelecimento. Era o efeito "Edison Luís", ou melhor, aquela greve feita no Instituto Governador Roberto Silveira. "Eles" não tinham esquecido. Não me dando por vencido, fui para a Sociedade Universitária Augusto Mota (SUAM). Ali cursei História sob um clima horroroso, alguns professores eram militares ligados aos órgãos de segurança. Vivíamos um dos momentos mais infelizes de nossa história republicana, Emílio Garrastazu Médici, um militar que substituíra Golbery do Couto e Silva no Serviço Nacional de Informações (SNI) fora escolhido presidente da república. Seu governo foi o do "*Milagre Econômico*"; da promessa de redemocratização, nunca posta em prática; do "*Ame-o ou Deixe-o*" e da violenta repressão à guerrilha urbana e rural. Foi também o período das grandes obras públicas e da propaganda associada ao patriotismo, ou melhor, a patriotada.

O diretor da SUAM, apesar de também ser militar, procurava manter no estabelecimento um clima de relativa liberdade e entendimento. Mas o clima não era propício e nem sempre as coisas funcionavam como ele desejava. Nem mesmo os professores ele pudera escolher livremente. Era voz corrente que, durante a criação do Curso de História, o professor Arapuan escolhera Manuel Maurício de Albuquerque para chefiar o Departamento de História da SUAM. O Ministério da Educação recusara o nome de Manuel Maurício (por óbvios motivos) e dos professores por ele escolhidos. Substituindo a lista

original, enviaram outra com nomes confiáveis. Esta parecia ser a regra básica para que o curso recebesse autorização para funcionar.

Apesar da competência de alguns professores, o Curso de História era apenas sofrível. Safei-me por ser formado em Pedagogia e pela ajuda de alguns amigos, que me indicavam leituras e esclareciam pontos obscuros ou polêmicos. Newton de Almeida Menezes, Barboza Leite, Elpídio Gerônimo Paranhos e Krilof foram importantíssimos na minha formação profissional.

23 - Feijoada completa

"Mulher

Você vai gostar

Tô levando uns amigos pra conversar

Eles vão com uma fome que nem me contem

Eles vão com uma sede de anteontem

Salta a cerveja estupidamente gelada prum batalhão

E vamos botar água no feijão."

(Chico Buarque de Holanda)

Meu amigo Zé, um convicto militante comunista, saíra, naquela manhã ensolarada de domingo, para comprar os ingredientes da feijoada que pretendia oferecer aos amigos para comemorar não se sabe o que. Não chegou a se afastar muito do Edifício Rei, onde morava, e foi preso por um comissário de polícia que o conhecia de longa data.

Alguém que testemunhara a prisão do militante socialista, temendo por sua sorte, espalhou a notícia. E ela chegou aos meus ouvidos - não me lembro através de quem - na porta do Edifício Alvorada. Fiquei preocupado, pois sabia que a ditadura era cruel e seus agentes, sempre mais realistas que o rei, barbarizavam todo e qualquer cidadão que caísse nas suas garras. Meu amigo não pertencia a nenhum grupo ligado à guerrilha urbana, era apenas um militante do PCB, portanto não oferecendo aos ditadores um perigo imediato. Afinal, o "pecebão" era contra a ação inopinada desses grupos pequeno-burgueses que desejavam o enfrentamento armado. O partido, com sua experiência de luta e coerência ideológica, sabia que estes grupelhos não iriam muito longe e seus métodos apenas serviriam para justificar o endurecimento do regime. Aquela prisão era, portanto, incoerente, injustificável e aparentemente burra.

Burra, mas nem tanto. O agente policial sabia o que estava fazendo ao prender o Zé. Podia não estar prestando um grande serviço para a segurança das instituições burguesas, mas certamente estava garantindo a sua própria sobrevivência dentro da polícia do Estado do Rio de Janeiro. O cara andava fazendo coisas comprometedoras, "dera algumas mancadas sérias", "pisara na bola". Sua situação dentro da polícia era periclitante. Diante disso, resolveu prestar um "servicinho" extra aos generais de plantão. Talvez (quem sabe?) essa atuação "corajosa" do "cana", ao prender o "perigoso" comunista, lhe rendesse prestígio suficiente para apagar as nódoas do seu passado pouco recomendável. Se isso lhe rendeu a clemência necessária, nunca soubemos. O que sabíamos de fato era que o Zé fora preso e ninguém imaginava o que poderia estar acontecendo com ele. Até aquele momento não tínhamos conhecimento da sua condução para Nova Iguaçu. E se estivesse na Vila Militar? Poderia ser morto ou, no mínimo, torturado. Era assim que as coisas funcionavam nos "anos de chumbo". Nem é preciso dizer que a mulher e seus dois filhos estavam arrasados, não sabendo o que fazer.

Ao tomar conhecimento da "*operação feijoada completa*" fiquei perplexo, imediatamente lembrei de um conhecido que também era policial e, coincidentemente, lotado em Nova Iguaçu. Fui até a sua casa, mas ele não estava, fora almoçar com Antonio Carlos, um amigo comum que comemorava o seu noivado. Corri até a casa do nubente. Ele recebeu-me na porta, meio sem graça. Em rápidas palavras contei para o policial o que havia acontecido. Demonstrando preocupação, Rodolfo falou que iria apurar os fatos. Despedi-me e segui pela rua amargando muitas dúvidas.

O que, de fato, estaria acontecendo? Até então, não sabíamos que a prisão fora uma ação isolada do policial oportunista. Ficamos, todos, pensando tratar-se de uma nova operação de caça às bruxas. Não era bem assim.

Mas tudo terminaria bem para todos nós. Graças à habilidade do experiente militante, driblando aqueles que o interrogavam e à intervenção do nosso amigo policial, a situação do Zé não se complicou.

Um ou dois dias depois, ele estava livre, leve e solto distribuindo "*Voz Operária*" nos bares da rua Nunes Alves.

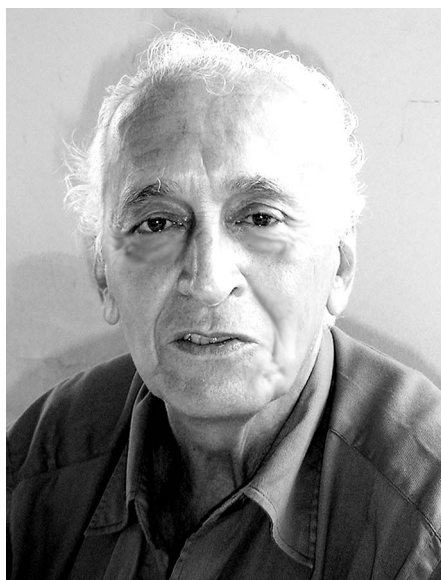
Só para matar a curiosidade: hoje o policial que prendeu o Zé é um contrito evangélico, que nem se lembra do que aconteceu. Deus esteja com ele.

*"Diz que tá dura, pendura a fatura no nosso irmão
E vamos botar água no feijão."*

24 - Zé

Zé é igual a palavra coisa, um nome que serve para tudo, ou melhor para todos. É como *Bom-Bril*, tem 1001 utilidades.

Zé é como nos tratávamos, "*nos anos de chumbo*", para que não fôssemos identificados pelos dedo-duros sempre presentes nos lugares públicos. O Zé sobre o qual agora vou escrever era um militante comunista que estudara em colégio de padres e participara intensamente dos movimentos estudantis. Bem apessoado, inteligente e falante, Zé era um líder nato. Não é de estranhar que o *Partidão* o tenha cooptado quando ainda era estudante secundarista. Ideologicamente firme, mas flexível e lúcido em suas posições políticas, em pouco tempo galgaria posições importantes dentro da organização sindical. Mas não apenas aí, atuou intensamente ao lado de Barboza Leite e outros companheiros na área cultural da nossa cidade. Foi um dos fundadores do jornal "*Grupo*".



Professor Menezes

Quando estourou o “*ovo da serpente*”, em 1964, Zé estava na União Soviética, fazendo um curso para a formação de quadros dirigentes. Coisa séria, com muita sociologia, política, história, mas, principalmente, com o estudo grave da obra de Marx.

Como o nosso Zé faria pra voltar para casa? Se tentasse legalmente, seria preso pelos milicos. O jeito era entrar ilegalmente, pela fronteira de algum país vizinho. Assim foi feito. E o Zé, não sem alguma dificuldade e apreensão, finalmente estava em casa. A partir daí uma nova vida começava. Não aquela que tivera até 64, mas outra, bem diferente, cheia de dificuldades de todos os tipos. Por trás de um óculos escuro, que passou a exibir no rosto magro, teve que enfrentar a rejeição de conhecidos pusilânimes. Agora, com poucos amigos, perseguido e sem o seu emprego na Petrobras, tudo se complicara. Embora assistido pelo *Partidão*, não deixou de passar muitas dificuldades. A maioria dos velhos conhecidos tudo fazia para evitá-lo, mas novos amigos, que simpatizavam com suas posições políticas, dele se aproximaram.

Em 1968, após aprovação no vestibular, foi estudar no Curso de Formação de Professores para o Ensino Normal. Sua experiência e leituras deram-lhe oportunidade de se destacar no curso do Roberto Silveira. Mas esse destaque tinha que ser temperado com uma atuação discreta no Diretório Acadêmico. Era admirado pelos professores e respeitado pelos colegas.

Mas não pensem que as dificuldades e as ameaças que cercavam o Zé fizeram dele um indivíduo circunspecto, ensimesmado ou azedo, pelo contrário, estava sempre de bem com a vida, saía com os colegas para chopinhos e papos no final das aulas. Era figura de destaque nas noitadas do famoso Garoto Fluminense.

Mesmo quando desempregado, jamais ouvimos ele se lamentar, nunca usou as dificuldades econômicas e familiares para sensibilizar os amigos. Trabalhou numa fábrica de móveis, depois na embaixada de um país socialista e, finalmente, como professor no Colégio São José. O casamento não conseguiu resistir a tantas dificuldades, desmoronou. Com a redemocratização e consequente anistia política, foi reintegrado à Petrobras. Hoje vive tranquilo, mas não acomodado, cercado pelo carinho de sua nova companheira.

Zé, apesar de tudo, soube dar a volta por cima. Olhado numa perspectiva histórica, a existência do Zé parece tirada das páginas dos romances do general Ferdinando de Carvalho, um homem de

sensibilidade e talento, mas cujas posições, extremadamente anticomunistas, acabaram por ofuscar o escritor promissor.

25 - Zés menos felizes

Quando recordamos o período autoritário, imposto aos brasileiros a partir de abril de 1964, lembramos apenas das cassações de direitos políticos, dos atos institucionais absurdos, das torturas dentro de quartéis, delegacias e até promovidas pela "*iniciativa privada*" (lembram do Sr. Henning Albert Boilesen, da Ultragás?). Mas não foi só isso que aconteceu. A ditadura implantou uma terror surdo, sibilino, paranóico, mesmo naqueles que não estavam envolvidos diretamente com questões políticas. Imagine-se então os seus efeitos sobre os que estavam, de fato, em rota de colisão com o "*sistema*" (era este o eufemismo). Nem todos tiveram a consciência e a paciência do Zé. Muitos de seus companheiros, depois da perda dos direitos políticos e dos empregos, se entregaram ao alcoolismo.

Um destes conheci bem de perto, acompanhei sua rotina durante anos. Chovesse ou fizesse sol, podia ser visto, bem cedo, sentado no banquinho de um bar de terceira categoria que ficava na rua Nunes Alves. Tendo ao lado um amarfanhado Jornal do Brasil e na frente um copo de Praianinha, que ele ingeria intercalando com goles de Coca-Cola, passava a metade do dia ali, naquele estado de semiconsciência que tanto incomodava aos amigos. Falava, é verdade, mas não dizia coisa com coisa; quando ainda não estava "calibrado", era monossilábico.

Após a perda do seu emprego na Petrobras, foi trabalhar como digitador no Jornal do Brasil. Era até um funcionário eficiente, mas o álcool não o deixava sossegado. Teve que se afastar da empresa. Um dia, como não podia deixar de ser, perdeu a última coisa que lhe sobrara, a mulher. Raras foram as esposas que suportaram por muito tempo aqueles maridos cassados, perseguidos, desempregados, rejeitados pelos falsos amigos e entregues ao vício do álcool. Este Zé infeliz vegetou durante muitos anos, continua vivendo à margem da existência, apesar de alguns poucos benefícios que a anistia lhe trouxe.

26 – O rapaz da bengala

Antes de escrever sobre ele, relutei muito. Em alguns momentos achava que deveria fazê-lo, em outros pensava que não. Finalmente, resolvi deixar aqui nestas folhas um esboço mal alinhavado de uma das mais curiosas figuras que pude encontrar na Caxias de antigamente.

Conheci-o na porta do "*Garoto Fluminense*". Sempre parava ali, para um dedo de conversa, quando ia comprar o pão.

Era franzino e não seria tarefa complicada comprovar-lhe a feiura. Além disso, claudicava e só com o auxílio de uma pesada bengala de madeira conseguia caminhar, mesmo assim com muita dificuldade. Isso era explicado pela paralisia infantil que o atacara quando criança. Era muito grato ao hospital que salvara a sua vida. Fora dos poucos que haviam sobrevivido àquele mal que a tantas crianças vitimara.

Seu caráter era de primeiríssima ordem. Me lembrava muito "*Jeremias, o Bom*", personagem criado por Ziraldo. Era católico praticante, moralista intransigente e idealista. Brizola, para ele, não tinha defeitos. Defendia o gaúcho com unhas e dentes. No auge de alguma discussão em que o governador fosse a bola da vez, ficava nervoso gaguejava e tremia mais do que o normal. Era um depressivo, o pessimismo parecia ser a sua bandeira. Fizera vestibular para medicina e fora reprovado. Isso parece ter-lhe agravado o ânimo já combalido. Seus amigos tentavam convencê-lo a procurar um outro curso, mas ele era intransigente: "medicina ou nada".

Trabalho também não conseguia. Quem iria dar emprego para ele?

Não foram poucas as vezes em que se meteu em confusão quando procurava defender alguém, presumidamente burlado em seus direitos de consumidor dentro das Casas da Banha ou mesmo em alguma pequena loja comercial da Caxias de antigamente. Nessas ocasiões se inflamava, mandava chamar o gerente e "arriava" a sua catilinária "cristã-socialista-morena", tentando mostrar que as pessoas mereciam respeito etc. e tal...

Mas não pensem que ele era um mau humorado, não era. As vezes saía com casos muito divertidos. Num bate papo animado na porta do Elite, disse que uma certa personalidade fora indicada para receber o "*Oscar*" da Paz. Queria dizer, na verdade, o Nobel da Paz. A

gargalhada foi geral, inclusive a dele próprio, quando descobriu a mancada que dera.

Sabedor da sua compulsividade por coleções, ensinei-lhe algumas coisas sobre numismática. Foi ótimo, passou a colecionar moedas e vendê-las também. Das moedas passou para os selos. Tinha sempre um selo comemorativo do milésimo gol do Pelé na carteira, para o que desse e viesse. Caso alguém desejasse adquirir o selinho do Pelé, ele prontamente vendia. Quando conseguia desencilhar a "raridade" era um dia de festa, estava salvo, já tinha dinheiro para as suas pequenas despesas, que incluía o cafezinho generosamente oferecido aos amigos. Vendo-o tão animado com o seu incipiente comércio de moedas e selos, propus-lhe montar uma barraquinha no Passeio Público, que aos domingos era tomado por vendedores e colecionadores de selos, moedas e cartões telefônicos. Não aceitou, colocou um montão de obstáculos, de dificuldades, coisa muito comum nele. Afinal, era pessimista.

E os anos iam passando: nada de emprego, nada de vestibular, nem mesmo uma namorada arranjava. Aquilo incomodava os amigos e, algumas vezes, alguém tocava em sua vida sexual. "Como é, tu ainda continua virgem?". Aí, como não podia deixar de ser, o papo caía na maior patifaria. E ele, de um moralismo irracional, reagia energicamente. Gostávamos de provocá-lo. Certo dia, alguns dos seus amigos resolveram acabar com a invencibilidade daquele personagem saído das páginas de Cervantes. Colocaram-no num carro e foram direto para a "zona". O que parecia difícil acabou acontecendo: o cara perdeu a virgindade. Os que participaram desse ato de caridade, afirmam que a coisa não foi tão fácil, como poderia passar pela cabeça do leitor. Nosso querido Dom Quixote era resistente ao sexo fora do casamento. Além disso, usava um aparelho ortopédico complicado, cheio de ferros e correias. Foi preciso que a turma gastasse muita "filosofia" e ainda desse uma mãozinha para que ele pudesse se instalar comodamente entre as pernas da sua bela Dulcineia. Se é verdade, eu não garanto. Mas ele nunca desmentiu o fato.

Certo dia morreu o parente que garantia o sustento da família. Não teve jeito, foi obrigado a mudar para a casa de um irmão que morava na "Zona da Leopoldina". Isso foi muito ruim para ele, pois longe dos amigos e da Caxias que tanto gostava, teve o seu estado depressivo agravado.

Tentou pela primeira vez o suicídio, mas, azarado como ele só, comprou chumbinho falsificado. Sobreviveu.

Insistiu no suicídio, dessa vez teve sucesso.

Foi uma grande consternação para todos aqueles que o conheciam. Gostávamos muito dele; justamente por não se adaptar ao

mundo careta, injusto e cruel em que vivemos. No fundo, com o seu idealismo, intransigência e espírito solidário, funcionava como uma espécie de alívio do grupo que o cercava.

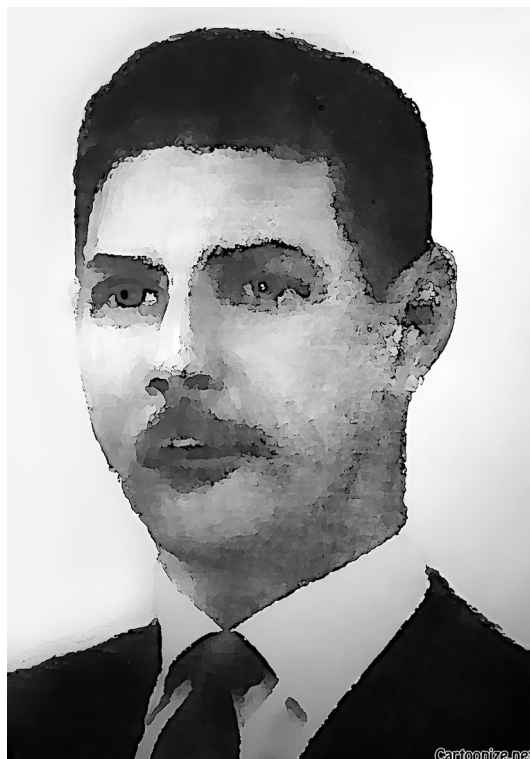
Ele não merecia uma existência tão ingrata, afinal era uma pessoa boa, boa de verdade, com um belo caráter emoldurado por um sorriso inocente.

Bem que eu gostaria de acreditar na existência de um céu, só assim teria a certeza que ele encontraria ali a paz que não encontrou aqui.

27 - A cidade revelada

A partir da década de 50, a sociedade caxiense começou a descobrir o próprio umbigo.

Já havíamos comemorado o 15º aniversário de nossa emancipação política quando a primeira obra historiográfica sobre o município foi publicada. Esse primeiro trabalho procurava revelar - dentro dos limites que a época lhe impusera - a história de uma região que, para muitos, não tinha história. Naquele momento o livro nos parecia algo visionário e o autor um *mitógrafo*. O tempo, entretanto, mostraria que estavam errados aqueles que assim pensavam.



José Lustosa, o pioneiro da historiografia caxiense

"*A Cidade de Duque de Caxias*" - publicado em 1958 na gráfica do IBGE, graças à intervenção de Barboza Leite - não fora escrito por um historiador, mas pelo dentista José Lustosa. Na época, José Lustosa

morava e tinha consultório no Edifício 25 de Agosto. Eu também ali residia e mantinha amizade com o seu filho, Avelino. Lembro que Avelino e eu saíamos com dezenas de volumes do livro de Lustosa para oferecer em casas e apartamentos do centro da cidade. Jamais conseguimos vender um, pelo menos. Quem poderia acreditar que Caxias tivesse uma história? Usávamos todos os recursos para "empurrar" o livro para o possível comprador: mostrávamos fotos, retratos de pessoas conhecidas, nomes de ruas e estabelecimentos comerciais citados na publicação. Nada adiantava.

Embora não sendo um sucesso de vendas "*A Cidade de Duque de Caxias*" era uma obra muito interessante, pois além do pioneirismo na abordagem da história do município, fornecia dados estatísticos, informações sobre repartições públicas, instituições culturais, empresas comerciais e industriais. Era uma edição impressa em papel de alta qualidade, fartamente ilustrada, bem diagramada, com ótimo acabamento e, principalmente, um livro muito bem escrito, um luxo para a época. Apesar de tudo isso, não teve a acolhida que merecia.

Porém o exemplo de José Lustosa iria frutificar. Em 1965, o jornalista Laís Costa Velho publicou "*Caxias Ponto a Ponto*". Apoiado em notícias de jornais, Laís apresenta uma resenha dos principais fatos acontecidos na cidade entre 1953 e 1957. A obra tem uma introdução na qual o autor inclui um resumo da história de Iguassú e um balanço das condições sociais de Duque de Caxias.

Dirigindo a Biblioteca Municipal José do Patrocínio, a professora Dalva Lazaroni era constantemente solicitada por alunos de nossas escolas que desejavam informações sobre a história do município. Para satisfazer às necessidades didáticas desses alunos, Dalva passou a pesquisar sobre o passado da região. Dessas pesquisas surgiria o "Esboço Histórico-Geográfico do Município de Duque de Caxias".

Publicado em 1978, o livro foi, e ainda é, uma importante fonte para se conhecer o passado da cidade que parecia não ter passado. Lamentavelmente, apenas duas ou três centenas de exemplares foram rodadas. Hoje esse livro é uma verdadeira raridade, disputadíssimo entre aqueles que desejam conhecer a história local. Mesmo nos sebos do Rio ou na Estante Virtual, os livros sobre Caxias, quando aparecem, alcançam preços acima dos clássicos da literatura brasileira ou mesmo estrangeira.

A partir de 1967, o jornalista e escritor Silbert Santos Lemos, já falecido, passou a publicar a série "Crimes que Abalaram Caxias". A coleção é uma trilogia composta pelos livros: "Sangue no 311", "Nego Sabará" e "Os Donos da Cidade". Esta série não pode ser classificada

como sendo de textos históricos, mas revelam importantes fatos da memória de uma cidade estigmatizada pelo crime e pela corrupção das oligarquias municipais.



A escritora Dalva Lazaroni, autora do livro "Esboço Histórico-Geográfico do Município de Duque de Caxias".

Novas formas de apresentar a história do município seriam tentadas. Em 1980, eu e o poeta Barboza Leite publicamos "Caxias foto/poética". Num livrinho com 60 páginas, em formato de caderno deitado, procuramos, através da poesia de cordel, textos e antigas fotografias, dar ao leitor uma visão dinâmica da história de nossa cidade. Para a época, desculpem a falta de modéstia, foi um livrinho avançado.

Para comemorar o 30º aniversário da Papelaria Itatiaia, Barboza Leite lançaria, em 1986, "Trilhas Roteiros e Legendas de uma Cidade Chamada Caxias". Através de um longo e belíssimo poema, o autor – com talento e intuição histórica – revela aspectos do passado deste município, que vão dos primórdios do povoamento até a formação da Caxias dinâmica e progressista de hoje.

Ainda em 1986, surgiram três biografias de Tenório Cavalcanti: "Capa Preta e Lurdinha" de Israel Beloch; "Tenório o Homem e o Mito" de Maria do Carmo Fortes e "Tenório Meu Pai" de Sandra Tenório Cavalcanti.

“Capa Preta e Lurdinha”, originalmente uma dissertação de mestrado em história, apresentada ao Instituto de Ciências Humanas e Filosofia da Universidade Federal Fluminense, refaz e analisa a trajetória de Tenório num ambiente de “coronelismo urbano”. Israel Beloch esmiúça a personalidade política desse migrante que procurava conciliar o elitismo da UDN (dos “Bacharéis” e das “senhoras enchapeladas”) às práticas populistas, tão ao gosto do PTB.

“Tenório o Homem e o Mito” e “Tenório, Meu Pai” são livros escritos pelas filhas do polêmico deputado. Nessas obras são revelados aspectos pouco conhecidos da vida política, mas principalmente da vida familiar de Tenório Cavalcanti.

Em 1987, veio a lume “Sonegação, Fome e Saque”, escrito pelo autor dessas linhas e Newton Menezes. Nesse livro é narrado e analisado o quebra-quebra acontecido em Duque de Caxias, em 1962. Ele é um testemunho de seus autores, que observaram “in loco” o desenrolar da ação dos saqueadores.

Hoje a história do município é exaustivamente estudada em nossas Universidades: FEUDUC, UNIGRANRIO e FEBF. Vão longe os tempos jurássicos da História da Baixada Fluminense. Tempos heróicos, sem mestres e sem doutores, “*sem lenço e sem documento*”, mas com pesquisadores dedicados que deixariam a base em que hoje se assenta o saber histórico da Caxias de antigamente. Hoje é chique estudar a história local, antes não era assim.

Lamentavelmente, alguns mestres, não se sabe o porquê, apelidaram os iniciadores dos estudos históricos fluminenses de “memorialistas”, forma preconceituosa e depreciativa que tenta diminuir o que foi feito e que, para as condições da época, foi bem feito. Um destes, em sua dissertação de mestrado, escreveu que uma das características dos “memorialistas” era abordar, primordialmente, o século 19. Acho que a afirmativa revela uma ignorância crassa em conceitos básicos como: memória, história etc. Haja paciência!

“Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o Reino dos Céus”.

28 - Meninos, eu vi...e de pertinho

Foi na década de 40 – segundo nos informou o pintor Messias Neiva – que se realizou em Duque de Caxias a primeira mostra coletiva de pintura. Mesmo com todo o pioneirismo e a louvável intenção dos seus realizadores, ele terminaria com um incontornável desentendimento entre os participantes; ninguém se conformava com a premiação, considerada injusta.

Dez anos depois dessa desafortunada exposição, Barboza Leite, junto com o pessoal do “Grupo”, organiza a “I Mostra Coletiva de Artistas Plásticos”. Essa exposição seria realizada no acanhado espaço de uma das lojas da Galeria 25 de Agosto. Dela participaram artistas famosos como Antônio Bandeira, Iberê Camargo, Inimá, Bruno Giorgi, Goeldi e Ana Letícia, dentre outros. Apesar de contar com tantos nomes consagrados, a famosa coletiva não teve a participação de artistas de Caxias, com exceção do próprio Barboza Leite.

Um novo “salão” aconteceria em 1968, promovido pelo jornalista Carlos Ramos. Essa exposição, realizada no salão nobre do Clube Recreativo Caxiense, diferentemente daquela realizada na Galeria 25 de Agosto, tinha a participação de pintores de Caxias. Embora tímido, esse “I Salão Duquecaxiense de Pintura” (sic) apresentava alguma qualidade e certos rudimentos de organização, fato pouco comum para a época. Embora não sendo um sucesso de público, devido ao local de difícil acesso, o “I Salão” teve enorme repercussão nos meios de comunicação, graças ao prestígio de um júri de premiação formado por pessoas do mais alto gabarito artístico. As presenças de Sílvia de Leon Chalréo, Orlando Teruz e Quirino Campofiorito fariam com que o evento repercutisse também na cidade do Rio de Janeiro. Prova disso seria dada pelo professor Campofiorito ao escrever sobre a exposição na sua coluna em “O Jornal”.

Aqui, Alcmeno Bastos, em sua coluna “Janelão”, no jornal “A Solução”, também analisava criticamente o evento.

Nesse “I Salão” sairiam premiados os pintores: Armando Romanelli (medalha de ouro), Walter Collares (medalha de prata) e Rogério Torres (medalha de bronze). A partir daí, esses pintores formariam um núcleo que durante um bom tempo representaria o município em diversas exposições no Estado do Rio de Janeiro e mesmo fora dele.

Fora dado o primeiro passo na direção de nossa maioria artística. Logo a seguir foi realizada a exposição individual do pintor Armando Santos (ARTOS) no "Salão Nobre do Clube dos Quinhentos". Novo sucesso.

Poucos meses depois, na sede social do Nova Iguaçu Country Club, sob o patrocínio da Revista Iguaçu News, inaugurava-se a coletiva intitulada: "Cinco Pintores Modernos". Participavam dessa mostra os quatro primeiros colocados do "I Salão" juntos com Barboza Leite.

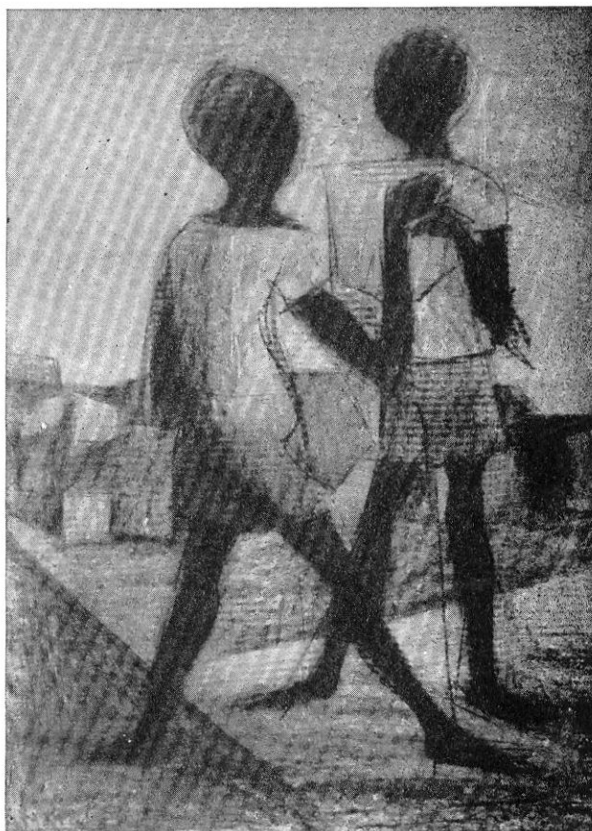
Em 1969, seria inaugurado o "II Salão Duquecaxiense de Pintura". No texto que abria o bonito catálogo, Antônio Carlos Menezes, o dinâmico secretário da Cultura Artística, fazia um balanço das atividades da instituição e agradecia ao prefeito o apoio que este, doravante, passava a dar aos "Salões".

Com o "II Salão" parecia firmar-se a nossa consciência em relação às artes plásticas. Agora, achávamos que outros salões viriam, numa sucessão infinita. Ao contrário do Salão de 1968 – em que as obras ficaram expostas inadequadamente –, o "II Salão" possuía espaço suficiente e atmosfera de uma verdadeira sala de exposições. Também a localização – Praça Roberto Silveira, 15 – contribuiu muito para a afluência de público. Durante os 30 dias em que esteve aberto à visitação, raro foi o momento que ficou vazio. O "Salão" funcionou como um ponto obrigatório de encontro dos expositores com o público, naturalmente curioso e crítico. Foram dias de "vinhos e rosas", uma festa que a todos contagiou, mesmo vivendo-se os tumultuados e obscuros anos de ditadura.

Mais uma vez, Carlos Ramos testava o seu prestígio ao convidar para o júri de premiação o professor Quirino Campofiorito, Walmir Ayala, Roberto Pontual, José Roberto Teixeira Leite e Jaime Maurício, figuras exponenciais de nossas artes plásticas.

II Salão Duquecaxiense de Pintura

CATÁLOGO - 1969



Em 1969 era inaugurado o II Salão Caxiense de Pintura.

Mas nem tudo era sucesso, brilho e aplausos. O "II Salão" marcaria o rompimento dos pintores Armando Romanelli e Rodolfo Arldt com Carlos Ramos, organizador do evento. O motivo da discórdia fora a não inclusão do pintor Amir Assad entre os expositores. Pouco depois seria a minha vez de romper com Carlos Ramos, isso devido ao tratamento pouco cortês deste para com alguns expositores. Resultou daí a minha recusa em participar da solenidade de entrega dos prêmios, na qual receberia a medalha de ouro. Isso iria me custar caro.

Apesar de tudo, os salões promovidos pela Cultura Artística, serviram para revelar muitos talentos que, a partir deles, passaram a viver profissionalmente da arte. Por outro lado, chamaram a atenção

das autoridades municipais para uma outra necessidade até então esquecida: o cultivo da arte. Contávamos, agora, com um elenco de artistas plásticos que passava a exigir do poder público uma abordagem mais séria para o fenômeno da cultura.

29 - A Roliúde da Baixada

Não chegaria ao exagero de dizer que Duque de Caxias é a "Roliúde" da Baixada Fluminense; tampouco cometeria a leviandade de afirmar que temos uma vocação inequívoca para o cinema. Mas uma coisa é certa: a sétima arte" sempre nos cortejou e sempre fomos enamorados dela.

Nos anos 60, Francisco Santos - ator, roteirista e diretor de cinema - inaugurava em nossa cidade a "Índio Filmes", posteriormente rebatizada com o modernoso nome de King Filmes. Foram estas duas empresas as nossas primeiras (e únicas) companhias cinematográficas.



Chico Santos conduzindo o "ceguinho" .

A Índio Filmes e a King Filmes surgiram numa época em que as "atualidades" e os "jornais da tela" tinham grande prestígio. Isso porque

a televisão ainda engatinhava e, em matéria de jornalismo, ficava limitada ao Repórter Esso. Como ele era oriundo do rádio, trazia deste uma linguagem imprópria para a nova mídia. A “telinha” lutava, mas não conseguira ainda vencer o “telão”.

A Índio Filmes e a King Filmes, apesar da curta existência, através de suas lentes, conseguiram registrar importantes fatos políticos e sociais acontecidos em Duque de Caxias. Infelizmente todo esse precioso material foi perdido.

Entre os anos 70 e 80, o Grupo ARCO – do qual, junto com Barboza Leite e Armando Valente, tive a oportunidade de participar – produziu alguns “curtas” em Super 8 sobre o município; parte desses filmes até bem pouco tempo ainda existia.

Recuando no tempo, temos a notícia da chegada de Vicente Celestino e Gilda de Abreu em São Bento para a realização do filme “Coração Materno”, dramalhão lacrimajante escrito e dirigido pela própria Gilda de Abreu. Com certeza, o Núcleo Colonial de São Bento fora escolhido por oferecer adequado ambiente rural, além de contar com um conjunto arquitetônico típico do Brasil-Colônia.

João do Caio, nosso cronista de São Bento, lembra que muitos moradores do Núcleo participaram como figurantes das filmagens de “Coração Materno”, inclusive ele mesmo, representando um jovem escravo.

“Carnaval em Caxias”, uma chanchada da Atlântida, realizada em 1954, tratava de maneira caricata a figura do deputado Tenório Cavalcanti, na época, no auge da fama. Mais uma vez a terra não pacificada do Pacificador era lembrada na tela dos cinemas.



Caxias, sempre levada na gozação.



O dramalhão lacrimajante, "Coração Materno", foi filmado em São Bento.

"Assalto ao Trem Pagador", filme lançado em 1962, tendo na direção Roberto Farias, colocaria nossa cidade na mira dos cinéfilos. O filme baseado em fatos reais acontecidos na Baixada Fluminense, teria seu desfecho em Duque de Caxias, com a morte de Tião Medonho na Casa de Saúde Santo Antônio, localizada na Rua Bittencourt (atual tenente José Dias), esquina com a avenida Nilo Peçanha. A película destacava ainda a atuação do delegado Amil Ney Rechaid, na ocasião lotado em nosso município.

No início dos anos 70, seria a vez de Nelson Pereira dos Santos. Vinha para filmar "O Amuleto de Ogum". Para isso, ficaria instalado, junto com a sua equipe, no Ginásio Aquino de Araújo". "O Amuleto de Ogum", com argumento de Chico Santos (aquele da Índio Filmes), narrava a saga de um pistoleiro de corpo fechado contada por um cego violeiro (Jards Macalé). Era uma visão fantasiosa da vida de Tenório Cavalcanti. Devemos lembrar que Chico Santos tinha sido motorista de Tenório, portanto conhecendo intimamente o deputado.

O filme, um dos mais bem-sucedidos do cineasta Nelson Pereira dos Santos, recebeu a "Coruja de Ouro" pela direção e o "Prêmio Air France de Cinema" como o de melhor direção e melhor filme do Festival de Gramado.

Ainda permanece bem viva em nossa memória a atuação de Jards Macalé, cantando e tocando a sua viola pelos becos e vielas próximas do Mercado Municipal.

"O Amuleto de Ogum" daria especial atenção ao cadinho cultural da Baixada Fluminense. Nele fica clara a efervescência social emanada da multiplicidade étnica de nossa população.

Em 1993, seria a vez de Cacá Diegues arribar na terra do "Pacificador". O diretor de "Xica da Silva" escolheria Xerém para a realização de "Quilombo", filme que abordava a epopéia de Palmares. O local era perfeito, pois tinha *"um trecho de floresta, sem sinais de devastação pelo homem, terreno largo o suficiente para caber nele a capital de Palmares, Macaco, e com uma área de sobra onde se desenrolasse a batalha com os bandeirantes paulistas"*.

A presença da equipe de "Quilombo" em Xerém, veio dar grande alento à região, àquela altura convivendo com o desemprego em virtude do fechamento da fábrica da FIAT.

Em "O Homem da Capa Preta", produção de 1986, dirigida por Sérgio Resende, mais uma vez a vida de Tenório Cavalcanti seria contada pelo cinema. Tenório, que já fora caricaturado em "Carnaval em Caxias" e mitificado em "O Amuleto de Ogum", agora era apresentado como paladino das causas populares.

"Sangue Quente em Tarde Fria", produção de 1970 tem o nosso querido e saudoso Chico Santos como autor do argumento.

Nos diversos filmes aqui realizados, ficou comprovada a nossa capacidade de oferecer locação, mão-de-obra, figurantes e, talvez, quem sabe, futuramente, um ator ou jovem diretor de cinema. Talentos temos o bastante, nem é preciso procurar muito.

30 - Um santo que fumou, bebeu e escreveu

Na verdade, de santo não tinha nada, felizmente; era tão torto e reto como qualquer um de nós. Diferia, entretanto, da maioria dos pobres mortais por seu invulgar talento e sensibilidade social. Mas não pensem que era um homem de esquerda, não era; muito menos de direita, Deus nos livre. Era, de fato, um exemplo encarnado da alma brasileira: inteligente, sincero, romântico e esporrento. Sabia entender as coisas simples e - em alguns casos - dramáticas do povo, transportando-as, com um colorido todo especial, para os seus escritos, fossem eles crônicas ou livros. Se me fosse permitida uma comparação, diria que ele me lembra o João do Rio.

Era ousado no que escrevia, desafiador, quase provocador. Em muitos momentos, acredito, escandalizou a pequena burguesia provinciana da Caxias de antigamente. Em sua literatura se escancaravam as portas de uma galeria que exibia tipos que a sociedade evita dar voz: prostitutas, bicheiros, malandros e marginais de todos os tipos.

Conheci Santos Lemos em 1967, no Curso de Formação de Professores para o Ensino Normal - mais tarde transformado em Curso



Santos Lemos

de Pedagogia – mantido pelo Instituto de Educação Governador Roberto Silveira. Naquela oportunidade não consegui entender muito bem a razão de sua presença num curso de Pedagogia. Afinal, Santos Lemos era policial e mais velho que a maioria dos alunos daquele estabelecimento. Pode parecer uma posição preconceituosa de minha parte, mas naquele momento ela se justificava. A presença de um “tira” num curso para a formação de professores, convenhamos, era algo um pouco estranho. Vivíamos instantes politicamente complicados. O país estava sob uma feroz ditadura que acabara de derrubar o governo constitucional de João Goulart. Através da truculência policialesca e de Atos Institucionais não menos truculentos, os novos donos do poder procuravam intimidar aqueles que lhes faziam oposição. Um bem montado serviço de “deduração” fora criado no país, visando garantir a continuidade do golpe de 1964. Tudo favorecia ao aparecimento de arrivistas dos mais variados matizes. Em todos os lugares, informantes, “oficiais” e “não-oficiais”, se esmeravam na apresentação de “serviço”. As paredes tinham ouvidos; o clima era pesado, todos desconfiavam de todos.

Diante de tudo isso, nada mais natural que eu colocasse as minhas barbas de molho diante da presença de Santos Lemos no Curso de Pedagogia. Mas com o tempo nossas relações de amizade foram se estreitando. Pude então perceber que todas as minhas desconfianças eram a típica reação daquele personagem criado pelo Henfil: “Ubaldo, o paranóico”.

Aquele homem de baixa estatura, gordinho, pele amorenada, cabelos crespos e “tatibitate” era, na verdade, um sonhador dotado de incomum talento literário. Acabei ficando seu amigo, ajudando a desfazer, junto aos demais colegas, aquela imagem negativa que fora criada em torno de si.

Santos Lemos, apesar de seus dramas pessoais, manteve serenidade suficiente para construir uma obra literária rica em informações, curiosa e de denuncia das mazelas sociais vividas na Baixada Fluminense. Sua posição em nossas letras é impar. Através dos livros que publicou, com os próprios recursos, desfilam tipos humanos que povoam as páginas policiais. São anti-heróis (tornados heróis na poesia “Santo Verdade”, de Newton Menezes) de carne e osso, com registro de batismo e - algumas vezes - endereço conhecido.

Até chegar aos seus romances-reportagens, Santos Lemos trilhou o áspero caminho da crônica policial. Durante mais de 15 anos foi correspondente de pelo menos oito jornais do antigo Distrito Federal

aqui, em Duque de Caxias. Isso teria sido a sua verdadeira escola. Foi a experiência como repórter de polícia que o levou, quase que naturalmente, para o campo da literatura. Das páginas de seus livros, saltam tipos humanos, fatos e aspectos que caracterizam um período dramático vivido por nossa cidade. Período que muitos gostariam que fosse varrido para baixo do tapete, mas que a pena desafiadora do escritor teima em immortalizar, revelando, em cada parágrafo, a face cruel de uma sociedade martirizada pelas desigualdades sociais.

O escritor não foi um mero diletante, frio cronista afastado dos fatos; ao contrário, o sub-mundo de Duque de Caxias foi visto e vivido por Santos Lemos, que dele não saiu incólume. Se a reportagem policial havia revelado o escritor, produziria, também, o próprio policial. Parece ter sido esta a grande contradição de sua vida: como conciliar a liberdade de expressão, tão necessária a realização do seu ofício de escritor e jornalista, com a função policial, normalmente autoritária e repressora?

Santos Lemos jamais abdicou das prerrogativas de jornalista. Tanto assim que, sua passagem pela polícia foi marcada por diversas punições, decorrentes de inconfidências, denúncias e críticas feitas contra a cúpula da Secretaria de Segurança. Aos poucos, como se vê, o escritor foi "matando" o policial, que acabou tendo a sua carreira arruinada.

Foi um predestinado. Sua existência, desde cedo, seria marcada pela tragédia; viu morrer, de maneira violenta, alguns de seus filhos, e, por isso mesmo, também não resistiu. Faltou-lhe força e vontade para vencer a insidiosa doença que o acometeu.

O desaparecimento de Santos Lemos deixou uma lacuna em nossas letras. Com sua morte calariam, também, as vozes daqueles que lotaram a carceragem do 311, na Plínio Casado.

31 - Um "pau-de-arara genial"

A primeira vez que ouvi falar dele, ou melhor, tomei conhecimento da sua existência, estava diante da vitrina da Papelaria Itatiaia. Num cartaz, artesanalmente produzido, podia se ler: "*Mutirão no Milharal* – peça escrita e dirigida por Barboza Leite". E eu ainda nem sabia o que era mutirão.

Passaram-se alguns anos e, em 1967, toparia novamente com este homem de pequena estatura física, mas um gigante no sentir, no pensar e no agir. Na oportunidade iniciávamos o curso do CFPEN e Barboza, junto com um grupo de intelectuais da cidade, ali estava para dar-nos as boas vindas. Foi um encontro muito bonito e para finalizá-lo Barboza declamou um poema de Solano Trindade: "*Tem Gente com Fome*". Foi efusivamente aplaudido por aqueles calouros que agora passavam a conhecer, através de Barboza Leite, o grande poeta, intelectual e militante político Solano Trindade.

Mas quem era esse Barboza Leite, discretamente desdenhado por nossos acadêmicos, mestres e doutores? Barboza Leite foi (e continua sendo) a figura mais expressiva da cultura caxiense. Sem panfletarismos, sectarismos ou atitudes demagógicas – coisas tão bem-vindas aos nossos intelectuais e militantes políticos – conseguiu dobrar habilmente os donos do poder e impor muitos dos seus projetos educacionais e culturais. Até instituições conservadoras, como o Colégio Santo Antônio, abriram as suas portas para o sertanejo cosmopolita.

Nascido em 1920, em Uruoca, Ceará, Francisco Barboza Leite, como tantos nordestinos, cedo deixou a casa dos pais em busca de novos horizontes. Dessa forma, segue, em 1936, para Fortaleza, na tentativa de conseguir um trabalho que lhe garantisse o sustento e a continuidade dos seus estudos. Era, então, um adolescente com ambições um pouco além daquelas comuns aos adolescentes. Gostava de ler, de escrever e já fazia as suas garatujas, reveladoras do excelente artista que um dia viria a ser.

Inicialmente, faz pequenos serviços, mas aos poucos foi se firmando no mundo do trabalho. Tudo parece melhorar quando se

emprega num ateliê fotográfico como retocador. Ali começava a se revelar o desenhista e, um pouco mais para a frente, o pintor. Aos vinte e poucos anos expõe no "I Salão Cearense de Pintura". Aos poucos aquele garoto franzino, que viera de Uruoca, vai se integrando á vida artística e intelectual da capital cearense. Participando ativamente do universo cultural de Fortaleza, ajudou a fundar o Centro Cultural de Belas Artes, que mais tarde se transformaria na Sociedade Cearense de Artes Plásticas (SCAP). A SCAP reunia um grupo de pintores voltados para as novas concepções estéticas, conseguindo sensibilizar até mesmo consagrados pintores como Gerson Faria e Raimundo Cela, este, pintor sobralense ex-aluno de Zeferino da Costa, Eliseu Visconti e Batista da Costa. Em 1922, Cela participa do Salão dos Artistas Franceses. Também Antônio Girão Barroso, Mario Barata e Jean-Pierre Chabloy emprestaram aos jovens pintores o seu prestígio. Foi nesse ambiente de efervescência cultural que o modernismo cearense produziu, nas artes visuais, os seus primeiros frutos: Inimá de Paula, Aldemir Martins e Antônio Bandeira.

Aos 22 anos de idade se casa e continua trabalhando intensamente no ateliê fotográfico. Isso não o impede de participar das rodas literárias incentivadas pelo poeta Antônio Girão Barroso. Barboza Leite escreveu na Revista Clã, uma das mais importantes do Brasil na década de 40. Sob os auspícios da Clã publicou, em 1949, "*Esquema da Pintura no Ceará*", hoje obra raríssima, disputada pelos bibliófilos de todo o país.

Um dia Barboza resolveu "*alçar um longo vôo para conhecer outras paragens*". Assim, com "*mala e cuia*", seguiu para a capital da República, a "Meca" para todos aqueles que procuravam melhores condições de vida. Conheceu o Rio em 1947, aqui radicando-se definitivamente. Embora morando no Distrito Federal, não conseguia desligar-se do Ceará. Correspondia-se com os amigos e continuava enviando os seus trabalhos para os Salões de Abril. Em 1948, foi premiado no "IV Salão de Abril", obtendo o segundo lugar (Prêmio Prefeitura Municipal) com o quadro "Praia do Caju". Em 1949, arrebatou a "Grande Medalha de Ouro com o quadro "Cabeça de Pescador".

Pouco a pouco, o cearense foi se integrando nos meios intelectuais do Rio de Janeiro. Para tanto, contribuiu Carmélio Cruz, que o introduziu na Associação Brasileira de Desenho (ABD), onde Barboza desenvolveu intensa atividade artística, ministrando aulas de desenho e pintura ao ar livre. Ajudou a fundar e dirigir a "Revista da ABD".

No Rio, na fase que poderíamos chamar de carioca, Barboza amadurece, reformula e reafirma conceitos. Este fato é testemunhado

através das palavras de Eliardo Farias: "*Barboza já agora nos parece sofrido, nervoso, vibrátil, como sua arte se apresenta atualmente*".

Em 1952, já bem estabelecido na Capital Federal, Barboza mandou buscar a família, que ficara no Ceará. Por influência de Solano Trindade, seu amigo e colega de trabalho no IBGE, escolheu Duque de Caxias para morar. Paralelamente às suas atividades no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Barboza Leite trabalhava como ilustrador em grandes jornais cariocas. Seus trabalhos ilustraram páginas de O Globo, da Revista Sésinho e Tico-Tico. Na Agir e na Civilização Brasileira produziu capas para livros de Thomas Merton, Chesterton, Hélio Pólvora, João Moana e Seleneh Medeiros.

Na qualidade de técnico em recursos audiovisuais, foi solicitado por vários Ministério, especialmente o da Educação e Cultura, para desenvolver técnicas de auxílio ao ensino, além da montagem de exposições em vários estados do Brasil. Ainda no MEC, colaborou na revista "Merenda Escolar" e fez parte de uma comissão de técnicos da UNICEF na elaboração de programas de educação alimentar.

No IBGE, Barboza recebeu a incumbência de correr estes "Brasis" ministrando cursos de aperfeiçoamento para professores de Geografia. Em "Tipos e Aspectos do Brasil" escreveu muitos artigos. Todas estas andanças pelo interior do Brasil lhe garantiram vivência e experiência para integrar equipes da FAO, para o desenvolvimento de programas no Exterior.

No Rio de Janeiro expôs pela primeira vez no Museu Nacional de Belas Artes, em 1951. A década de cinquenta marcou uma série de exposições de desenhos e óleos, realizados no Museu Nacional de Belas Artes e Biblioteca Nacional. A mais importante, porém, deu-se na Galeria Santa Rosa, em 1962, por intermédio de Gláucio Gil. Essa mostra recebeu da crítica grande acolhida e muitos elogios. Em 1965, sob os auspícios do Serviço de Educação Sanitária, publicou o livro "*Palavra e Imagem – a simbiose feliz*". O livro era uma abordagem didática do fenômeno da comunicação, assunto praticamente inédito no Brasil.

Em 1947, quando chegou em Duque de Caxias, a cidade era pouco mais que uma estação de trens maria-fumaça, cercada de casas humildes em ruas sem calçamento, esgoto e água encanada. Entretanto, tinha algo que encantava aquele cearense do sertão: uma população emigrada que criara um verdadeiro microcosmo cultural miscigenado. Em Caxias, Barboza se sentia em "casa", pois tinha o seu

"sertãozinho" a poucos quilômetros da Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro.



No IBGE, Barboza recebeu a incumbência de correr estes "Brasis" ministrando cursos de aperfeiçoamento para professores de Geografia.

Quando Solano Trindade resolveu partir para São Paulo, deixou Barboza com a responsabilidade de ir tocando as atividades culturais que até então desenvolvera. Barboza começou coordenando a Escolinha de Arte da Fundação Álvaro Alberto, convidado por um grupo de jovens

estudantes cuja atuação em Duque de Caxias era intensa. Essa "patota" era a mesma que fundaria o jornal "Grupo".

Junto com o maestro Clóvis Ferreira Lima, Barboza ajudou a desenvolver e manter a Orquestra Sinfônica de Duque de Caxias. Nessa ocasião compôs o hino "Exaltação à Cidade de Duque de Caxias". Este hino, obrigatoriamente, abria os concertos de nossa sinfônica. Hoje, "Exaltação à Cidade de Duque de Caxias" é o hino oficial do nosso município. É uma peça musical muito bonita, que exalta a tenacidade do povo na construção de uma cidade que teima em progredir apesar dos desmandos daqueles que se aproveitam do erário. Mas isso é uma outra história.

Entre o final da década de cinquenta e início dos anos sessenta, Barboza Leite atuou intensamente, tanto no campo da cultura como no da educação. Nessa época, integra-se com o pessoal do "Grupo/Tópico" coordenando um dos mais importantes jornais de Duque de Caxias. Na mesma ocasião, em parceria com "Grupo/Tópico", organizou uma significativa exposição de artes visuais, talvez a mais expressiva realizada no município. Dela participaram os mais representativos artistas plásticos do Brasil: Antônio Bandeira. Frank Schaeffer, Iberê Camargo, Luiz Guimarães, Benjamin Silva, Inimá, Bruno Giorgi, Goeldi, Barrica, Quaglia, Steiner, Ana Letícia (sua ex-aluna de desenho na ABD).

Ainda nos anos sessenta, colaborou com artigos para a Folha da Cidade. Nesse tradicional jornal manteve as colunas: "Arte e Cultura" e "Uma Coluna em Marcha". Com Laís Costa Velho lutou para a criação do primeiro teatro da cidade, num espaço da cobertura do Shopping Center: o Teatro Armando Melo.

Após a experiência bem sucedida da criação do "Armando Melo", Barboza tentou um movimento independente projetando o "Teatro Nosso", infelizmente sem sucesso, aliás, como também as iniciativas para a criação do "Centro de Arte e Cultura", em projeto apresentado à Prefeitura durante o governo do coronel Américo Gomes de Barros Filho. No Colégio Santo Antônio, ministrou aulas de "Iniciação à Estética".

A segunda metade dos anos 70 foi marcada por intensa atividade do artista. Nesse momento, Barboza passa a publicar literatura de cordel. Com o autor destas "mal traçadas linhas" e Armando Valente, funda o GRUPO ARCO (Arte e Comunicação). O Grupo Arco, em parceria com a Prefeitura, cria a "I Feira de Artes de Duque de Caxias". O "I Encontro Imagem e Som", tendo como grande incentivador o jornalista Wilson Reis. Esta foi outra promoção do GRUPO ARCO.

Na busca incansável de expressão artística, passa a produzir com a turma do GRUPO ARCO curtas em Super 8: "Mar, Amor Amargo" e "Janela Verde", dentre outros. Ainda em relação ao cine-documentário, escreveu o roteiro de um filme sobre Percy Lau, famoso desenhista (bico de pena) do IBGE.

No final dos anos 70, publicou "*Lírica de Lucas*", "*Desafiando o Novelo do Cordel*", "*Três Tempos de Poesia*". Em 1979, publicou um denso livro de poesias: "*O Chão dos Caminhos*". Um ano depois, lançou, em co-autoria com Rogério Torres, "*Caxias Foto/Poética*", o quarto livro abordando a história do município. Em "*Ânfora de Enigmas*" explora fragmentos de memória. Outros livros foram escritos por Barboza, todos fazendo do homem o centro de suas preocupações.

Foi no "Elite", onde entrara para tomar um cafezinho, que recebi a triste notícia da morte de Barboza Leite. Coincidentemente no "Elite", local de tantos encontros nossos e no qual o poeta compusera o hino "*Exaltação à Cidade de Duque de Caxias*". A dolorosa notícia fez brotar em mim um turbilhão de lembranças ligadas à extraordinária figura humana que foi Barboza Leite, sem dúvida a maior expressão intelectual de nossa cidade.

O convívio com Barboza Leite foi uma das experiências mais felizes da minha vida. Com ele muito aprendemos. Sendo um verdadeiro mestre, em todos os momentos fazia a gente rever o nosso modo de pensar, de sentir e agir. Barboza deixou uma grande saudade e um enorme exemplo...

32 - O Edifício Alvorada

Após a morte do meu pai, em 1966, eu e a “velha” Cleia, resolvemos mudar para o Edifício Alvorada, aquele da Nunes Alves, que fica em frente da igreja de Santo Antônio. Nosso apartamento era um quarto e sala que fora adquirido por meu pai - depois de muitas cantadas do “seu” Antônio, um persistente corretor de imóveis, nosso conhecido.

Nesse momento o pequeno imóvel satisfazia às necessidades da nossa família, agora reduzida para duas pessoas.

Como já trabalhava, troquei aqueles cacarecos, trazidos de Vaz Lobo, por móveis novos, comprados na Mesbla e, acompanhado de d. Cleia, mudei para o 11º andar do Alvorada.

Gostei da nova residência, ali tudo era novo, diferente, fazendo esquecer, momentaneamente, o apartamento do 25 de Agosto, indelevelmente ligado às lembranças dolorosas dos últimos instantes de vida do meu pai.

Confesso que, apesar de ser um prédio novo e aparentemente seguro, o Alvorada me deixava preocupado. Fora um dos primeiros arranha-céus do município e sobre ele corriam muitas histórias. Diziam, por exemplo, que suas fundações haviam cedido, que estava sobre um ameaçador lençol d’água. Além de tudo, havia sido construído num período de inflação galopante. Sendo assim, a construtora, para não perder dinheiro, fizera um acabamento de péssima qualidade. Se as demais histórias não eram verdadeiras, a questão do acabamento era uma realidade inquestionável. Mas o que fazer?

O edifício Alvorada passou a ser o nosso “balança-mas-não-cai”, aquele, celeberrimo, que fica na Avenida Presidente Vargas.

No Alvorada reencontrei Luizinho “Índio”, que morara também no 25 de Agosto. Luisinho era uma figura singular, única, fora de série. Aparentemente calmo, falando mansamente, guardava dentro de si uma extrema bondade e uma tristeza que não se sabia de onde vinha.

Camilo foi outro amigo que conheci no “balança” da Nunes Alves. Camilo era inteligente, insinuante e dono de um papo agradabilíssimo. Embora oriundo de tradicional família caxiense, não alardeava a origem, vivendo simples e discretamente. Fizemos logo amizade e conversávamos muito quando nos encontrávamos nos corredores ou na portaria. Gostava quando ele me contava as histórias da época em que

estudara na "Regional de Merity". Tempos depois, por necessidades profissionais, mudou-se para Conservatória.

O zelador era um "coroa" baixinho, moreno e de poucas palavras. Os porteiros viviam gozando o velho "Pará", este era o apelido do "comandante" do Alvorada. Aliás, o pessoal da portaria e da faxina era divertidíssimo, riam até de fratura exposta.

Apesar de modesto, o apartamento ficou bonitinho depois da guaribada que eu dei. Minha mãe se adaptou bem ao novo lar e tudo corria quase normalmente. Quase porque, lá, também, a água era racionada. Tirante isso, não tínhamos o que reclamar. No meu andar a vizinhança era discreta, tranquila.



O Edifício Alvorada me deixava preocupado.

Até os estudantes universitários que ali formaram uma “república”, não perturbavam a nossa paz. Aliás, tornei-me amigo de todos: Jairzinho, Waldenberg “Baiano” e Emir. Vez por outra eu “invadia” o apartamento deles para discutir “altas filosofias” ou cair de pau no governo dos milicos. Os papos eram geniais, afinal os “republicanos” cursavam a área tecnológica, mas estavam perfeitamente conscientes e identificados com as questões políticas e sociais. Eram inteligentíssimos e divertidos. Tinham uma postura progressista, isso me agradava muito.

Emir, por exemplo, fazia medicina no Uruguai, através dele eu ficava sabendo o que os Tupamaros, nossos heróis, andavam fazendo. Naqueles idos, grassava a desinformação e a censura. Para saber o que de fato estava acontecendo no Brasil ou no mundo, só ligando o Transglobe da Philips (ou da Philco?) e sintonizando na Radio Havana ou, ainda, esperar que o Zé trouxesse o “Voz Operária”, que depois de lido

era devidamente picado em pedacinhos bem pequenos e jogado dentro do vaso sanitário.

Em a 2

Manifesto da Comissão Executiva do P.C.B.

Contra a Agressão Ianque Aos Povos do Continente

VOZ OPERÁRIA

Orgão Central do PCB
1965 - Outubro - No. 10

Voz Operária

VOZ OPERÁRIA sai, afinal, impressa. Isso constitui um êxito e estamos certos de que é motivo de satisfação para os comunistas, bem como para os trabalhadores em geral. Mas, reconhecemos também nosso atraso na realização de tão importante tarefa. Em sua reunião de maio, o CC, assumindo a responsabilidade por este

Ao povo brasileiro!
Aos trabalhadores!
Aos soldados, marinheiros e aviadores do Brasil!

Companheiros e amigos:
Grave ameaça pesa sobre nosso povo, sobre a vida e o futuro de nossa juventude, sobre a honra e a dignidade de cada brasileiro. O governo do senhor Castelo Branco já não se satisfaz com a venda do País aos monopólios ianques, com a política que vem realizando de completa subserviência ao governo de Washington. Ameaça vender o sangue e a vida de nossa juventude e transformar as Forças Armadas da Nação num corpo de mercenários a serviço do imperialismo dos Estados Unidos.

Dos grandes países da América Latina, foi o Brasil, sob o governo do sr. Castelo Branco, o único que se prestou a enviar um contingente militar para colaborar com o dos Estados Unidos na criminoso invasão do território dominicano, na agressão ao heróico povo dominicano, que luta com bravura pela liberdade e a independência contra "uma oligarquia

da OEA sob a proteção da ditadura de Castelo Branco. Mas o povo brasileiro — os trabalhadores, os estudantes, todos os democratas e patriotas — saberá levantar bem alto a bandeira do respeito à soberania nacional e à autodeterminação dos povos.

Os militaristas ianques e seus associados da América Latina sabem, entretanto, que não lhes será fácil vencer a resistência, que já se levanta em todo o Continente, à organização dessa Força Permanente. E é para vencer a dificuldade e colocar os povos diante de um fato consumado, que se reúnem e conspiram os gorilas da Argentina e do Brasil — Onganía e Costa e Silva —, coordenando medidas de apoio mútuo para ações militares contra nossos próprios povos e tendo também em mira a agressão a povos vizinhos.

Diante de tão grave ameaça é que nos dirigimos a todos os patriotas e democratas, aos trabalhadores, à juventude e às mulheres brasileiras, alertando-os e chamando-os à luta em defesa da soberania nacional, contra a intervenção estrangeira nos negócios internos de

Depois de lido era devidamente picado em pedacinhos bem pequenos e jogado dentro do vaso sanitário.

Foi no Alvorada que aprendi a tomar banho com balde e canequinha. Desenvolvi uma técnica tal que, depois de perfeitamente enxaguado, ainda sobravam uns três dedos de água dentro do balde. Aí, num verdadeiro ato de desperdício, como São João Batista, jogava a água restante do balde sobre a cabeça.

Certa vez, acredito que entre 67 ou 68, tivemos um racionamento de luz. Juntara-se a fome com a vontade de comer: agora faltava água e luz. Quando chegava do curso de Pedagogia, subia pela escada os onze andares, no escuro, pegava o tal baldinho, descia tudo de novo, encarava a fila da água e subia carregando o precioso líquido para o necessário asseio corporal.

Na verdade, apesar da promessa do governador Roberto Silveira, Caxias continuava convivendo com a escassez de água. Aliás, não era só Caxias que sofria com a seca e o apagão, o Rio também. Em qualquer chanchada da Atlântida havia sempre alguma musica criticando as constantes faltas de água e luz.

"Vagalume", de Vitor Simon e Fernando Martins, marchinha cantada pelos "Anjos do Inferno" dizia o seguinte:

“Rio de Janeiro
Cidade que nos seduz
De dia falta água
De noite falta luz.

Abro o chuveiro
Não cai nem um pingo
Desde segunda
Até domingo.

Eu vou pro mato
Ai! pro mato eu vou
Vou buscar um vagalume
Pra dar luz ao meu chatô.”

Certa noite escutei a sirene de um carro da polícia. Olhei da janela e vi quando os “canas” saltaram e se dirigiram para a portaria. Achei que iam prender alguém. Parecia até aquela música do Chico (Acorda Amor). Pouco depois a janela de um dos apartamentos do quarto andar foi aberta, imediatamente subiu um cheiro de coisa podre, algo muito ruim mesmo. Cheiro de cadáver é sinistro. Soube, mais tarde, que um morador tinha falecido dentro do seu apartamento e já estava lá havia alguns dias.

De outra feita, chegara do trabalho cansado; depois de comer qualquer coisa, deitei e caí em sono profundo. Fui acordado por minha mãe aos berros: “Tá pegando fogo...tá pegando fogo!” Cambaleando fui conduzido por ela até a janela; nesse momento um enorme clarão iluminou tudo, parecia dia. A Petrobrás estava pegando fogo. Imediatamente lembrei dos boatos quanto à segurança do edifício Alvorada. Lembrei, também, das palavras do Menezes, afirmando que se um dia a Petrobrás explodisse, Caxias iria pelos ares, igual a Hiroshima. Diante disso, achei que o prédio não resistiria a uma explosão mais forte. Mandei minha mãe se vestir, apanhei os documentos mais importantes e nos mandamos no meu surrado DKW. Enquanto rodávamos, sintonizei a Tupi; as notícias eram alarmantes. Parei o carro na casa da minha namorada, na Bela Vista. Ali permaneci durante algum tempo, acreditando estar em segurança. O Alvorada não caiu, mas ficamos sabendo que o saldo do trágico acidente fora de 38 óbitos - incluindo homens da brigada de combate a incêndios - além de meia centena de feridos.

Justiça seja feita, o visual observado do Alvorada era lindo. Da janela do meu apartamento eu podia ver o enorme terreno da casa do

dr. Romeiro, cheio de frondosas árvores, um verdadeiro mini parque ecológico, ainda hoje resistindo à especulação imobiliária. Descortinava toda a igreja de Santo Antônio, ainda em construção, e a “casa paroquial”, devidamente acabada e muito bem cuidada. O pôr-do-sol também era muito bonito, em algumas épocas do ano o astro-rei parecia uma bola de fogo vermelho-alaranjada, dourando a cidade agitada e poluída. À noite, os faróis dos aviões, que se dirigiam para o Galeão, iluminavam a minha sala. Eu achava aquilo um barato, apesar do barulho assustador que esses monstros alados faziam.

Saí do Alvorada para morar na rua José de Alvarenga, mas isso eu conto depois.

33- Rua José de Alvarenga

Cansado de tanta falta d'água, achei que já era tempo de morar num lugar que oferecesse um pouco mais de conforto. Ajudado por um amigo que trabalhava com imóveis, acabei encontrando o que parecia atender às minhas necessidades. E lá fui com d. Cléia para o feio mas confortável apartamento da esquina da rua José de Alvarenga com Nilo Peçanha.



Rua José de Alvarenga, muito antigamente.

O imóvel tinha sala razoável, possuía dois bons quartos, além de cozinha e banheiro estupidamente maiores que os do apartamento do Alvorada. O ponto alto era a área de serviço, um verdadeiro latifúndio.

As janelas dos quartos davam para a rua, mas o panorama não era tão espetacular como o visto do edifício da Nunes Alves. Dali não veria mais a bela casa paroquial nem a "reserva ecológica" do dr. Romeiro, tampouco aquele pôr de sol que dourava a cidade; mas nada me impedia de acompanhar o dia-a-dia da fortaleza do jogo do bicho e o caótico trânsito da Nilo Peçanha. Livrara-me também do exasperante elevador e tudo de ruim que faz parte do cotidiano dessas máquinas: demora, enguiço e, principalmente, a presença de gente mal educada.

O único problema era o aluguel, que estava sempre subindo. Mas isso faz parte do jogo entre locador e locatário.

Foi na José de Alvarenga que comecei a me dedicar, de forma mais consciente, ao audiovisual. Enquanto no apartamento do edifício Alvorada a pintura fora o meu passatempo. Agora, a fotografia e o super 8 iriam substituir os pincéis e as telas. Foi justamente nesse momento que Barboza Leite se aproximou de mim e do Valente, ao perceber a qualidade de nossas fotografias. Resultaria disso a criação do "GRUPO

ARCO" com sua proposta de abordar, através da fotografia e do cinema, aspectos sociais e culturais do município, coisa que Barboza sempre perseguiu.

Dentro do Garoto Fluminense e do "ap." da José de Alvarenga, foram gestados alguns filmes e muitos audiovisuais: "Mar, amor amargo", "Os Grilos do Capitão América", "Precisa-se de serventes" e "Bandeiras do Divino", para citar alguns.

Eu passava horas montando na moviola os filmes que produzíamos. Hoje, com o computador, as filmadoras boas e baratas, além de programas de edição baixados pela internet, tudo ficou mais fácil. Mas nos anos 70 a coisa era complicada. As filmadoras eram raras, os filmes eram caros e a qualidade do material produzido não era lá essa "brastemp".

Para se montar um filme era necessária a indispensável moviola, material para colar a película e muita paciência.

Mas paciência de verdade a gente precisava ter na hora de revelar e copiar fotografias. Foi justamente isso que eu e o Valente resolvemos fazer. Compramos o material indispensável, que incluía um velho mas eficiente ampliador, e caímos dentro. Como todo amador que se preza, fizemos do banheiro do apartamento da José de Alvarenga o nosso laboratório. A tarefa era facilitada pela presença de uma grande banheira – daquelas antigas, de ferro –, na qual a gente mergulhava os papéis para lavagem. Passávamos a madrugada nessa faina. Quando amanhecia, estávamos com uma azia dos diabos. Trancados naquele banheiro sem ventilação e respirando as emanções dos produtos químicos, não podia ser diferente. Mas aquilo dava prazer. Era com grande satisfação que víamos aparecer no papel, lentamente, aquelas imagens que havíamos registrado com nossas máquinas pelas ruas da Caxias de antigamente. O laboratório de revelação, com sua luz vermelha, tem algo de mágico.



Rua Jose de Alvarenga, anos 50.

A rua José de Alvarenga atraía gente muito interessante, que se reunia na esquina, próximo do jornaleiro para discutir política e futebol. Silva, um sessentão que fora da polícia militar, tendo participado intensamente dos movimentos sociais, era um dos mais politizados. Gostávamos de ouvir as histórias que ele contava sobre a sua prisão e da luta dos antigos militantes do Partido Comunista em favor dos ideais igualitários. Dava verdadeiras aulas de marxismo. Não me esqueço de uma frase que certa vez me disse:

"Professor, não existe ditadura que possa sobreviver com imprensa livre".

Figura famosa, quase mítica, era Zé Gambá. Pois é, o Zé Gambá tinha uma leiteria situada pouco antes da antiga igreja de Santo Antônio. Ali se reuniam políticos, jogadores de sueca, fanáticos por futebol e inveterados bebedores de cerveja, além de mentirosos, claro. A Leiteria Mimosa era uma contradição, vendia mais cerveja que leite. Aliás nunca presenciei ninguém bebendo um único copo de leite naquela casa. O ponto alto do estabelecimento, além da "sueca" era a famosa sopa de entulhos que o Zé fazia, meio na encolha. Era muita gente para comer e pouca sopa para satisfazer aos frequentadores daquele oásis cercado pela aridez dos "anos de chumbo".



Rua José de Alvarenga, 2004.

O leitor deve estar curioso para saber a razão do apelido do dono da Leiteria Mimosa. Também não sei. Mas todos sabem que o Zé Gambá nada tinha a ver com o fedorento bichinho. Zé sempre foi uma pessoa com ótima aparência e dizem que durante a mocidade se vestia na moda, dentro do maior rigor.

Nos anos 70, o Zé ficou devoto do "Seu Sete da Lira". Um dia, eu e o José Márcio, fomos com ele para Santíssimo, queríamos conhecer o famoso Exu que nos anos 70 estava na crista da onda. Valeu o esforço para chegar ao local, tão distante. Era um espetáculo monumental, teatral, quase assustador. Quando chegou a "Grande Hora", dona Cacilda de Assis - que incorporava o Exu Seu Sete - apareceu, carregada num andor, devidamente paramentada, foi uma loucura. A multidão delirava, muitos entravam em transe; nesse momento, Zé Gambá puxou com força a gente pelo braço para junto do andor. Zé queria que recebêssemos uma "benção" de cachaça aspergida pela "entidade". Eu e

o José Márcio tentamos escapar, mas não teve jeito, levamos aquela cusparada de nº 3, bem no meio dos cornos, dada pelo Exu.

Uma ou duas lojas antes da "mimosa leiteria" ficava a vidraçaria do "seu" Amilcar, um coroa muito bacana, gordinho e levemente estrábico, mas um excelente profissional. Era habilidosíssimo manuseando o cortador de vidros.

Depois da loja do Zé ficava a barbearia do Gilson. Nela trabalhava um barbeiro magrinho, muito simpático, com jeitão de crente, mas um tremendo sacana. A gente nunca sabia quando ele estava falando sério ou contando uma das suas lorotas. Certo dia, enquanto aparava o meu cabelo, saiu-se com esta: *"...pois é, eu gosto muito de ajudar as pessoas. Coisa que me dá grande satisfação é emprestar dinheiro, mas estou parando com isso. Não quero mais prejudicar ninguém. Todos que me pediram dinheiro emprestado tiveram uma "urucubaca" desgraçada: um descobriu que era corno, o outro caiu do trem e passou três meses no hospital, o pior foi o meu vizinho...foi só eu emprestar "quinhentos mil réis" para ele e...puf! Teve um infarto fulminante. Acho que é por isso que o pessoal está evitando me pedir dinheiro emprestado"*.

Não devemos esquecer que a José de Alvarenga (antiga Ingá) foi o endereço de gente importante: da família Arltdt, Reis, do dr. Moacyr do Carmo, e de Elyseu de Alvarenga Freire.

A Igreja de Santo Antônio ficava ali também, numa edificação modesta, que depois seria utilizada pelo educandário São Francisco, recentemente, tudo foi demolido.

A José de Alvarenga era uma rua tranquila, com casas ajardinadas e trânsito miúdo. A única coisa que destoava naquela ruazinha calma e suburbana, era a serraria da Casa Baltazar. A rua terminava (ou começava, como queiram) num enorme terreno baldio que dava início ao "mangue", com sua favela miserável, cujas pessoas seriam removidas para a Vila São José, após uma violenta enchente. Nesse terreno, hoje, está localizado o Shopping Center.

O rio Merity era o limite natural entre o "mangue" de Duque de Caxias e o Distrito Federal. Depois das obras de retificação levadas a efeito pelo engenheiro Hildebrando de Góis, nos anos 30, esse rio ficou descaracterizado. Mesmo assim, durante algum tempo, continuou servindo para o transporte de mercadorias que entravam ou saíam do município. A figura emblemática do Merity era o Juca da Lancha, um barqueiro famoso que transportava mercadorias e pessoas pelas águas escuras do histórico canal. Juca da Lancha, profundo conhecedor daquele curso d'água, era também o encarregado (não oficial) de resgatar os corpos que ali eram "desovados".

O "mangue", com seus barracões improvisadíssimos, piores que os piores do Distrito Federal, era, entretanto, um local tranquilo. Muitas vezes atravessei-o a pé; hoje, nem pensar.

Tudo começou com a criação do "Calçadão", ou melhor, com a transformação das ruas Joaquim Lopes de Macedo e Manoel Correa em ruas de pedestres. O local, que antes era tumultuado, com duas ruas estreitas sendo disputadas por veículos e pessoas, agora, com a inauguração do "Calçadão", passava a ser um verdadeiro "oásis" no meio daquele caos urbano.

Foi aí que o "Grupo Arco" (Arte e Comunicação) resolveu propor ao diretor do Departamento de Educação e Cultura, professor Stélio Lacerda, a criação de uma "feira de artes" naquele local. Imediatamente o professor Stélio encaminhou o projeto ao prefeito que, depois de consultar os responsáveis pelos departamentos de Fazenda e Serviços Públicos – que não viram impedimento para a realização da "feira" -, autorizou o seu funcionamento na Praça 23 de Outubro. Assim, no dia 21 de março de 1976, era oficialmente criada a "Feira de Artes", que passaria a funcionar no "Calçadão" recém inaugurado.



Num domingo ensolarado, o prefeito Renato Moreira da Fonseca inaugurava a feira.

Num domingo ensolarado, próximo das 10 horas, o Prefeito Renato Moreira da Fonseca, acompanhado de sua esposa, inaugurava a "feira". Ciceroneado pelo Diretor do Departamento de Educação e

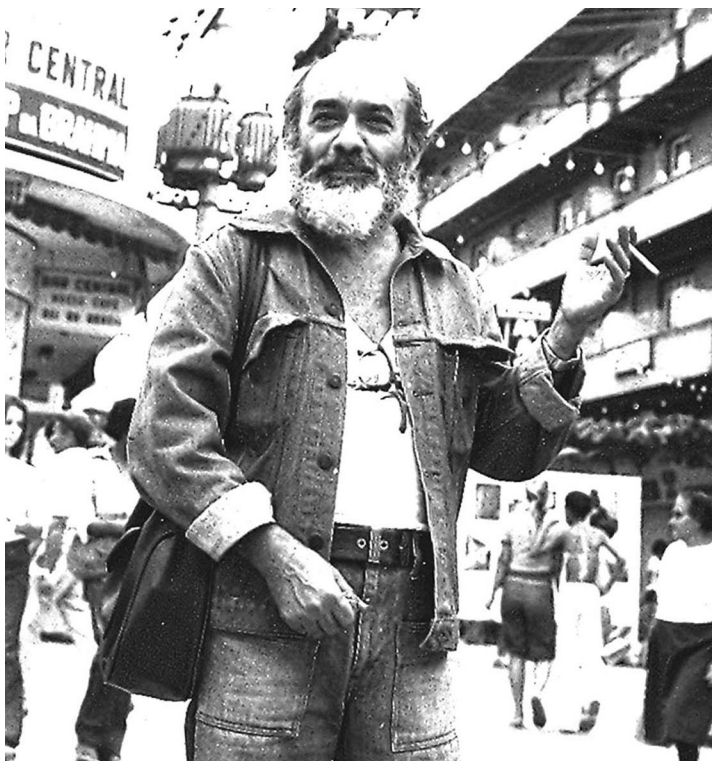
Cultura e seus auxiliares, o Prefeito Renato percorreu a feira, cumprimentando os expositores, indagando sobre o trabalho de cada um, suas técnicas e opiniões sobre o evento.

A "feira" funcionou experimentalmente por 11 domingos consecutivos. Durante esse período, o "Calçadão" foi um ponto de atração para aqueles que saíam das missas da Igreja de Santo Antônio; para os que se dirigiam para a outra feira, a que se realizava também no domingo, próxima da Praça Roberto Silveira ou para aqueles que simplesmente passavam pelo local.

Foi uma verdadeira festa. A praça, que aos domingos ficava praticamente "morta", de repente se encheu de gente, de vida, com painéis sustentando pinturas, desenhos, fotografias e artesanato. Pelo ineditismo do evento dentro do município, a curiosidade tomou conta dos visitantes. Muitas vezes os expositores funcionavam mais como cicerones do que vendedores de suas peças.



O amanhecer da "feira".



Tudo era sol, cor e movimento.

A cada domingo a frequência aumentava e, com ela, o número de expositores. Tudo era sol, cor e movimento. O comércio instalado no "Calçadão" - em especial os bares - via aumentar o seu movimento, razão pela qual passou a apoiar incondicionalmente o evento. Independentemente do comércio de objetos de arte, a praça passou a ser o local de celebração da criatividade, da troca de experiências e de liberdade. Chico Fernandes, professor de artes do Colégio São José, ensaiou com seus alunos a peça *"Morte e Vida Severina"*, tendo como proscênio a "boca da Galeria 25 de Agosto. Isso numa época em que Caxias era "Área de Segurança Nacional" e qualquer ajuntamento de pessoas poderia ser confundido com contestação à "Redentora". Além disso, a peça de João Cabral de Melo Neto, musicada por Chico Buarque de Holanda, apresentava de forma nua e crua as dramáticas condições de vida dos retirantes nordestinos. *"Morte e Vida Severina"* era um prato de sabor amargo para aqueles que, de Brasília, diziam ser *"este um país que ia para a frente...ô, ô, ô..."*

Contrariando as preocupações dos organizadores, ninguém patrulhou o evento. Ninguém foi acusado de comunista ou de hippie. Os excessos, raramente acontecidos, foram contornados pelos próprios expositores.

Depois de uma breve interrupção, a "feira" voltaria a funcionar, enchendo, novamente, o "Calçadão" de alegria, gente e obras de arte.

O evento fora um sucesso quanto à qualidade do material exposto, a afluência de público e à própria organização, mas sem a mesma correspondência na comercialização das obras de arte: talvez pelo preço, talvez pela falta de hábito de nossa população em adquirir quadros, esculturas, fotografias e artesanato fino.

Diante disso, os artistas solicitaram aos organizadores permissão para a realização da "feira" nos dias úteis, mas isso não seria possível, devido à falta de uma estrutura que garantisse o bom funcionamento da mesma e do comércio local.

A "feira" não teve mais condição de prosseguir, mas deixou um saldo positivo. Dezenas de artesãos e artistas seriam, catalogados para futuras exposições, muitos eventos paralelos foram realizados, diversos artistas seriam revelados e passariam a exercer profissionalmente os seus ofícios. Reafirmou-se, também, a consciência da necessidade de se criar uma "casa da cultura".

Se os "Salões de Artes Plásticas", promovidos pela "Cultura Artística", revelaram uma elite de artistas da cidade (Romanelli, Collares, Rodolfo, Messias, Rogério), a "feira" abriu espaços maiores e mais democráticos para os artistas e para o público.

Aqueles dias foram de rara beleza... "a praça foi do povo".

35 - Flávio Poeta

Foi no meado da década de 70 que conheci Flávio Fernandes Moreira, o Flávio Poeta. Nosso encontro se deu na "I Feira de Artes de Duque de Caxias", que acontecia aos domingos no "Calçadão do Relógio". A "feira", que reunia obrigatoriamente artistas e intelectuais da nossa cidade, era uma verdadeira festa onde toda manifestação cultural seria bem acolhida. A peça "*Morte e Vida Severina*" de João Cabral de Melo Neto, por exemplo, foi encenada em meio à natural curiosidade do público e sob muitos aplausos numa das entradas da Galeria 25 de Agosto.

Foi lá que vi a metamorfose de Flávio Fernandes Moreira para Flávio Poeta; morria a lagarta e surgia a borboleta.

Obrigatoriamente aos domingos, em meio ao alarido da "feira", ali podíamos encontrar Flávio Poeta sobraçando algumas dezenas de folhetos de cordel. Para vender sua "mercadoria", lia, pacientemente, seus versos, de fio a pavio, ao primeiro passante que lhe aparecesse. Nem sempre alcançava êxito na sua empreitada, mas não desistia nem perdia o seu habitual bom humor. Imediatamente passava para outro circunstante, repetindo toda a cantoria contida no livreto.

"Oh! Deus, abre a minha lira/Para boa memória e vista/Ilumina meu repente/Já que sou repentista/Desejo narrar em versos/O drama do motorista." "O drama do motorista", talvez um dos seus melhores folhetos, nada mais era que o drama da sua própria profissão. Flávio era motorista de ônibus e trabalhava na Viação Santo Antônio.

"Estas duas desvantagens/Existem no coletivo/Digo isto baseado/Vou dizer já o motivo/Sou motorista de ônibus/Não passo de um cativo."

Um dia a "feira" acabou, mas Flávio continuou fazendo versos. Em seu ônibus, entre uma viagem e outra, achava sempre um tempinho para "poetar".

"Leitores os meus folhetos/estão em circulação/este que saiu agora/tem grande admiração/é o futebol dos peixes/uma grande sensação."

Flávio não parava de escrever seus versos: "Duelo e Morte do Valentão"; "Oração e Remédio do Cachaceiro"; "Futebol dos Peixes"; "Alegria do Natal"; "Carnaval 84 em Caxias" e tantos outros que encantavam seus colegas de trabalho e a gente simples das ruas.

Muito tempo fiquei sem ter notícias do Poeta, até que um dia encontrei-o casualmente. Cumprimentou-me, mas não ofereceu nenhum folheto. Perguntei como ia a poesia. Foi reticente, enigmático,

monossilábico. Nosso diálogo, mal começado, foi interrompido pela chegada de sua condução. Despediu-se e partiu.

Fiquei intrigado. Flávio estava diferente, ensimesmado, parecia preocupado. O que fora feito da sua alegria, do seu otimismo, dos seus versos?

"É até muito bacana/Esta grande evolução/Estudando e trabalhando/É a grande solução/Estudo, paz e trabalho/É o progresso da Nação."

Flávio desapareceu. Dizem que se converteu ao evangelho.

Apareça, Flávio, estamos aguardando os teus versos...

36 – Era uma casa brasileira, com certeza

Alusões, clichês e metáforas

Ao contrário da casa portuguesa, tornada famosa pela voz da "vascainíssima" Olivinha Carvalho, a que vou evocar não tinha pão nem vinho sobre a mesa, mas sobrava arroz, feijão com jabá, farofa, bife e batatas fritas. A semelhança com a lusitana estava na alegria de dar e ficar contente, pois quando à porta humildemente batia alguém, sentava à mesa com a família, que era bem brasileira.

Também não era tão rústica quanto a congênere transmontana: não tinha quatro paredes caiadas e o cheirinho que a envolvia, perfumando seus aposentos, saía dos frutos de um garboso cajueiro plantado no jardim. Ali, muitos braços sempre estavam à espera do seu Waldemar, que, intrépido, mas com o peito carregadinho de saudades dos filhos e da mulher, viajava em seu barco pelos sete mares desse mundo de nosso Senhor.

A vivenda ficava em Duque de Caxias, no Periquito, um bairro simpático, com ruas largas e cercado por colinas verdejantes. Não era uma construção luxuosa, mas tinha graça, era sólida, confortável e acolhedora; uma das melhores do bairro. Ali vivia uma família pequena, formada por um casal de filhos, a mãe destes e o pai, um embarcadiço que, por força da sua labuta, estava sempre ausente. Ausente, é bom que se diga, apenas fisicamente, pois sua presença se fazia representar plenamente na pessoa de dona Elza.

Ah! dona Elza era uma figura extraordinária. Pernambucana da antiga, conduzia o lar com extrema dedicação, mas era uma verdadeira "dama de ferro", não dava mole para o peralta Eldemar e a dócil Lindomar. A menina quase não dava trabalho, sempre dedicada aos estudos no colégio Santo Antônio e ao seu queridíssimo piano. Já Eldemar...moleque indigesto; aluno brilhante nas aulas de português, mas uma nulidade nas matemáticas. Além disso, só para contrariar, gostava de freqüentar o terreiro de macumba que ficava próximo da residência e, pasmem senhores: abandonava os estudos para se meter no templo da luxúria, o bloco carnavalesco "Rolo Compressor". Sabia os sambas do bloco de fio a pavio. Quando dona Elza dava uma cochilada, o moleque, safado como ele só, fugia e se metia no "Rolo" para sambar com as curvilíneas crioulas e mulatas que lá apareciam. E como era bom

para o jovem sátiro inalar aquele discreto cheirinho de sexo misturado com suor, cerveja e o ritmo alucinante dos surdos, repiques, caixas, pandeiros, tamborins e ganzás.



D. Elza, o "Sátiro" e o "marinheiro" Waldemar

O "Rolo" era o doce refúgio da perdição. O resultado desses lascivos estímulos eram banhos demoradíssimos que deixavam dona Elza com a pulga atrás da orelha. Quando voltava da esbórnia, pé sujo, suado, cansado e "quase" arrependido, já sabia qual seria o seu cruel destino: umas boas vassouradas. Mas isso não era o pior para aquela zeladora inflexível da moral e dos bons costumes familiares. Os pontos de macumba cantados pelo adolescente é que deixavam a matriarca apoplética, colérica, furibunda. Na casa de dona Elza não se cantavam essas músicas do demônio, essas coisas horrorosas, sem uma severa reprimenda. Então, o moleque e a irmã, para driblarem a censura materna, não cantavam o "*pisei na pedra a pedra balanceou, o meu mundo estava torto Santo Antônio endireitou...*", mas faziam a mímica daquela música satânica aprendida no abominável terreiro. A "coroa",

sem entender bem o que estava acontecendo, ficava olhando, apalermada, aquele gesticular maluco dos adolescentes.

O tempo foi passando, como passam todos os tempos, em qualquer tempo, o tempo todo; e os filhos cresceram. Lindomar se tornou uma bela e talentosa pianista e Eldemar um compositor que prometia. Nesse momento surgia a "Bossa Nova" e o lar de Waldemar e Elza se transforma, de repente, numa espécie de quartel-general, em Duque de Caxias, do novo movimento musical. Na casa da Raimundo Correia, em qualquer hora do dia (ou da noite) ancoravam apreciadores, músicos, cantores e compositores do gênero que tinha em João Gilberto o seu maior cultor. As sessões de "bossa" varavam a madrugada sob o olhar vigilante e sonolento de dona Elza. A pobre criatura era obrigada a ficar acordada escutando aquela música esquisita, aquele violão gago do filho e o som da improvisada bateria do Carlos Alberto, mas isso lhe dava uma certeza tranqüilizadora: os filhos estavam em casa, sob seu controle, devidamente vigiados e fiscalizados. Lindomar, sentadinha, beliscava delicadamente o seu piano e Eldemar arranhando no violão dissonâncias hiperbólicas que faziam o "Lobo Bobo", do Carlinhos Lyra, bem mais bobo do que lobo; melhor assim, para dona Elza, pior para o Carlinhos Lyra.

Participei de algumas noitadas de "bossa" na casa da Raimundo Correia, era muito bom. Agora eu sei como era bom...realmente o fino da bossa. Mas o tempo que desfaz e refaz o que se fez, resolveu mudar a rota da casa do marinheiro Waldemar. Muda o norte, o canto e a sorte. Como num filme de "roliúde", Lindomar se casou com Armênio - advogado competente, um intelectual de boa cepa -, tiveram filhos (legítimos herdeiros dos talentos dos progenitores) e foram felizes. Um dia Eldemar também saiu de casa, não atrás do bloco "Rolo Compressor", mas perseguindo o trio elétrico da vida e, nele, dançou muito, sambou, sambou, não descansou. Viveu amores complicados e deles resultaram filhos turunas e com a musicalidade do pai, comungou a "experiência da massa" na "Massa Experiência", comeu o pão que o diabo amassou e o fruto proibido do jardim das delícias, dormiu e sonhou...sonhou, sonhou. Andou pra frente, pro lado, subiu e desceu, desbundou. *"No sonho em que se perdeu, banhou-se todo em luar...Queria subir ao céu, queria descer ao mar"*. Virou jornalista, jornalista bom, texto bonito, seguro: TV-Guia, Manchete, Pasquim e outros de igual ou maior importância.

E a simpática e acolhedora casa da Raimundo Correia? Silenciou, parecia envelhecer como o casal que nela ficara; quem por ela passasse não mais ouviria os acordes de Lindomar nem o violão gago do "maninho", acompanhados pelo simulacro de bateria do Carlos Alberto. Tudo havia mudado, se aquietara. Dona Elza encanecera, mas

continuava bonita, magrinha, elegante e austera. O velho marinheiro Waldemar lançara ferros, definitivamente, naquele conhecido e seguro porto, estava de volta para o seu aconchego. Agora, sentado na cadeira de ferro da varanda, olhar perdido, viaja por mares nunca d'antes navegados, mares silenciosos, recobertos por denso nevoeiro, povoado por seres fantásticos, indescritíveis.

O filho pródigo, depois de muitas andanças, voltara para a casa paterna, enchendo novamente a vetusta residência de vida e sons, sons que vinham de seus discos e de suas composições, agora maturadas pelas "sofrências" do existir. Ficara esquecida em algum lugar do passado aquela "musiquinha" que ele fazia para as namoradas, sempre com os mesmos versos, trocando apenas o nome da nova eleita.

Não faz muito, dona Elza despediu-se das canseiras deste mundo. A casa mudou um pouco a sua rotina, mas a presença indelével da matriarca se faz notar em todas as dependências daquele lar: na disposição dos móveis, nas cortinas da janela, nas desbotadas pinturas das paredes e até nos azulejos do banheiro, meticulosamente escolhidos por ela.

Mas, nem só de saudades vive a casa da rua Raimundo Correia. Hoje, como diria o professor Newton Menezes, "*a la recherche d'un pasé perdu*", Eldemar e Lindomar, vez por outra, costumam reunir os filhos e amigos, antigos e novos, para sessões de MPB. A música corre solta na voz grave e aveludada da Íris, devidamente acompanhada por Lindomar - agora tocando um pandeiro esperto - e por uma pá de ritmistas de fim-de-semana. Eldemar, exímio contador de histórias e profundo conhecedor de nossa música popular, fica como mestre-de-cerimônias. Quando a animação vai perdendo fôlego ou alguém esquece a letra dum samba, rapidinho ele entra em cena puxando um Ismael Silva, um Noel, um Assis Valente ou mesmo lembrando a sofrida "Moda da Mula Preta", que fazia toda criança chorar de tristeza. "Tristeza, por favor vá embora".

Os bons tempos voltaram, enchendo o ambiente com inspiradas melodias que se misturam ao perfume emanado dos frutos do antigo cajueiro. Como bem disseram Baden e Vinícius: "*Feliz o tempo que passou, passou. Tempo tão cheio de recordações, tantas canções ele deixou, deixou, trazendo paz a tantos corações...*"

Em tempo: o marinheiro Waldemar pediu desculpas mas também teve que se ausentar.



Iris e Rogério no samba da casa da Raimundo Correia.

37-Lauriano Cardoso

Era pernambucano, moreno, estatura mediana, magro, inteligente e simpático. Escolhera o jornalismo e a promoção de eventos como ganha-pão. Chovesse ou fizesse sol, estava sempre metido num surrado terno cinza-esverdeado. Para completar a indumentária, trazia, pendurada no pescoço, uma velha máquina Beirette que jamais tirou uma fotografia sequer. Quem desejasse encontrá-lo teria, obrigatoriamente, que se deslocar até o Bar Elite. Ali - cercado por amigos, entre cafezinhos e copos d'água - fazia suas perorações diárias.

Quando a gente se encontrava o papo era longo, variado e carregado de expressões e vocábulo que faziam inveja até em Guimarães Rosa. Escrevendo ou falando, Lauriano era divertidíssimo. "Don-Juan de casaca rasgada" era o homem mulherengo; "xaropada" era aquela conversa maçante; "matar o mal de Biafra" era comer, almoçar ou jantar; "bivacar" era vacilar; "vuco-vuco" era o bar de terceira categoria; "faixa de Gaza" era parte da coxa ou peito femininos deixada à mostra por vestimenta ousada; "estar armado" era possuir algum dinheiro na carteira; "Barbeiros de Midas" eram aqueles que traziam notícias para os colunistas da cidade.



Lauriano vivia modestamente, mas nem por isso deixava de ser generoso com seus colegas e amigos.

Mas apesar do vocabulário divertido e do sorriso fácil, Lauriano não era um homem feliz. Não se conformara com a morte de uma de suas filhas. Certa vez me confessou que acordara chorando ao sonhar com ela.



O Barbeiro de Midas

Lauriano vivia modestamente, mas nem por isso deixava de ser generoso com seus colegas e amigos. Muitas vezes abandonou seus eventos e promoções para se lançar em empreitadas que visavam aprimorar a cultura da cidade. Lembro de um simpósio sobre a história do município que ele promoveu na Câmara dos Vereadores. Foi um evento pioneiro que reuniu, dentre outros, jornalistas e professores. Dele participei ao lado de Barboza Leite e Armando Valente.

Em novembro de 1990, Lauriano deixava este mundo e seguia em direção a outras dimensões. Foi uma pena perdermos o nosso querido "Barbeiro de Midas".

38-O Velho Adriano

Na metade dos anos 80, já devidamente “despejados” do Garoto Fluminense, passamos a pontificar no Elite. Entretanto, agora, na condição de lanchonete, o Elite não oferecia o conforto necessário para aqueles que gostavam de beber calmamente uma cervejinha e bater longos papos. Além de não possuir mesas e ser muito movimentado, o clima não era propício para boêmios, noctívagos e afins. Para os seus proprietários, o bar não era foro para debates, era um negócio, nada mais do que isso. O lema do bar parecia ser: “comeu, bebeu, pagou, saiu”.

A solução para o nosso despejo do Garoto Fluminense foi, mais uma vez, dada por Barboza Leite. Veterano em bares e boêmio honorário, Barboza logo descobriu o simpático, amplo e democrático Bar dos Correios. Democrático até certo ponto. Ali, ao contrário do Garoto Fluminense, não era permitido se encerrar a noite com batucadas nas mesas devidamente acompanhadas pelo som das caixas-de-fósforos e tilintar de talheres nas garrafas de cerveja. Paciência!



Bar dos Correios. Da esquerda para a direita: Ribeiro, eu (meio escondido), Luca, Barboza Leite e Valente. No primeiro plano: Jacques e Menezes.

Com o que sobrara da nossa turma mais os atuais “combatentes”, passamos a formar um eclético grupo ou, como se dizia na época, uma “ratatuia”. Isso, graças a acolhida dada por Bernardino, o dono do estabelecimento. Novas amizades seriam feitas, novos projetos desenvolvidos, os tempos eram outros. A turma se renovara mesmo, agora era Chico Fernandes, Luiz Sebastião, Renato Gonçalves, Araken Álvaro, Elaine, Cantídio, Jorge Cão, Noel Francisco, Eldemar de Souza, Chiquinho Maciel, Luca... O ambiente pesado da ditadura desaparecera, a democracia se consolidara. Nada de falar baixinho e olhando para os lados. O novo freguês, agora, era recebido sem a paranóia de antes, certamente ele não seria um agente do SNI, o monstro criado por Golbery. E se fosse? Afinal, não estávamos numa democracia? Temer o que?

Agora tudo era propício ao encontro, ao entendimento. Foi nesse ambiente de esperança e euforia política que conheci o professor Miguel Gustavo. Miguel ficava no Bar dos Correios “fazendo hora”, enquanto esperava a mulher que estudava na AFE. Era dos mais novos do grupo, tinha uns vinte e tantos anos, lecionava química e primava pelo apriorismo, teimosia, irreverência e espírito polêmico; adorava contrarias. Em pouco tempo nossa amizade já estava consolidada. Passamos, inclusive, a trabalhar no mesmo colégio, o Barão de Mauá. Certo dia nos levou até a praias de Mauá, para que conhecessemos o seu pai, o “velho” Adriano.

“Seu” Adriano era um português de pequena estatura, magrinho, temperamento calmo, olhar maroto e devia contar uns sessenta e tantos anos, embora aparentasse ter bem mais. Fora fundidor em uma fábrica de sinos. Agora, aposentado e viúvo, recolhera-se num sítio em Mauá, zelando por uma propriedade que, embora não fosse sua, era tratada como tal. O sítio, apesar de modesto, tinha uma ótima aparência. Situava-se ao pé de uma colina na qual se edificara uma igreja. O terreno da propriedade não era grande, mas possuía muitas árvores frutíferas e ficava na beira da praia de São Francisco. Pássaros, caxinguelês e calangos conviviam tranquilamente com os habitantes da casa: Zé do Capim, o ajudante do “seu” Adriano e Tição, um vira-lata pretinho, muito vivo e que não largava o “velho” um só instante.

A casa habitada por “seu” Adriano era simples, confortável e muito limpa. Os móveis, bem antigos e bastante surrados, tinham sobre si alguns porta-retratos com fotografias - já amareladas - da família que se fora. Ali também repousavam muitas esculturas feitas pelo próprio Adriano. Tudo era simpático, calmo, frugal e revelador de uma discreta nostalgia.

Na primeira vez que lá estivemos, Adriano recebeu-nos com a fidalguia e generosidade que sempre caracterizaram o povo lusitano. Inicialmente, ofereceu-nos um cafezinho feito no fogão a lenha que ficava próximo do alpendre da casa. Fez questão de apresentar-nos aos

seus muitos amigos e vizinhos. Para o almoço, como se faz em toda boa casa portuguesa, preparou um delicioso caldo verde.

Ficamos fregueses e, vez por outra, levados por Miguel, íamos “filar” o almoço do “velho” Adriano. Nessas ocasiões, Miguel aproveitava a carona dada por mim ou por Valente e levava alguns pequenos luxos de consumo para o pai, coisas que não eram encontradas no rústico comércio de Mauá. Seu Adriano os recebia com grande satisfação. Após examiná-los meticulosamente, guardava tudo com o máximo cuidado. Aí, era o momento de mostrar as suas novas, bem talhadas e curiosas esculturas, algumas chegando bem próximo do surrealismo. De longe, Zé do Capim, na sua ignorância e simplicidade, assistia a tudo com ar de reprovação. Para ele, o que não existia jamais deveria ser esculpido; afinal, não existia, mas seu Adriano teimava em esculpir aquelas coisas estranhas. Mas o artista não ficava apenas nas esculturas. Trabalhava muito bem com madeira, era um marceneiro nato. Assim, resolveu ir para projetos mais ambiciosos. Munido de sua natural paciência e extrema habilidade, pôs-se a fazer um barquinho. Com muito capricho construiu o “Corisco”. A embarcação tinha um pequeno e barulhento motor à gasolina, era pintada com as cores do Brasil e de Portugal e na proa ostentava uma curiosa carranca cuja utilidade era quebrar mau-olhado. Naquele valente barquinho percorremos o Suruí, vasculhando manguesais e explorando suas márgens sinuosas.

Enquanto esperávamos o almoço o papo ia navegando por generosas doses de uísque ou Antártica - estupidamente gelada - tendo como fundo musical a Tupi FM. Após o ágape - vocábulo do jornalista Lauriano Cardoso -, descansávamos. Cada um, da melhor maneira possível, se acomodava debaixo de alguma árvore e esquecia o mundo. Eta ferro! Finda a sesta, era o momento de explorarmos as cercanias. E lá iam os “quatro mosqueteiros” em busca de novas e comportadas aventuras. Caminhávamos pelas ruas empoeiradas e sem calçamento de São Francisco sem um objetivo determinado; na frente seguia intrépido o Miguel Gustavo, apontando o caminho, um pouco mais atrás eu Valente e o “velho” Adriano, na retaguarda o cachorrinho Tição, nosso fiel escudeiro. Mal comparando parecia a versão “*patropi*” do “incrível exército de Brancaléone”. Adriano, boné enterrado na cabeça, bermuda larga, camiseta sem mangas e ostentando no canto da boca um toco de cigarro de palha que jamais largava, ia contando as novidades: quem morreu, quem comprou um barco novo, quem casou, quem se mudou...Eu e Valente, munidos de nossas câmeras, íamos fotografando tudo, igualzinho a turista japonês. Vez por outra, eu parava e recolhia na beira da praia objetos - devolvidos pelo mar - que julgava importantes para a confecção de futuras esculturas “contemporâneas”. Assim, ia colocando dentro de um saco, cabeças de bonecas, sapatos, óculos quebrados, peças de automóvel e até pedaços de isopor. Que loucura! No restaurante do Caseca a gente parava e tomava uma Coca-

Cola para aliviar a sede e tirar a "lombeira" do almoço. Depois continuávamos a caminhada até o semidestruído cais de concreto, não muito longe do Caseca. Ali, sentados, ficávamos admirando a bela paisagem da Baía de Guanabara com suas ilhas, suas histórias e emoldurada pelo azul das montanhas. Era uma espécie de interlúdio. A brisa da tarde, o sol já morrendo e o silêncio apenas quebrado pelo marulhar das águas, serviam para anunciar a noite que chegava. Na orla da baía as primeiras luzes se acendiam formando um verdadeiro colar de pedrinhas brilhantes. Tudo indicava que era o momento de partir. A doce aventura terminara.

Um dia desses lembrei-me de Mauá, com as sua praias lodosas, suas velhas igrejas, seus pescadores que teimam em arrancar do mar empobrecido o sustento para suas famílias. Lembrei também da casa em que Barboza Leite passava os fins de semana, local em que "perpetramos" o curta "*Mar, amor amargo*". Lembrei do legendário Tamandaré e dos passeios de barco pelo Suruí. Com muita saudade recordei-me do "velho Adriano fundidor de sinos, escultor, construtor de barcos, sempre fidalgo e solitário contumaz. Tempos idos, mas vividos.

39 – O Encontro macabro

José, embora cansado e faminto, se dirigia para casa com passos firmes e rápidos. Saltara do ônibus na Praça do Pacificador e, como fazia todos os dias, seguiu em direção à Plínio Casado. Mesmo atordoado pelo cochilo tirado durante a viagem, pode notar a movimentação desusada no 311, a velha e temida Delegacia de Polícia da cidade-dormitório. Também chamou-lhe a atenção as luzes acesas na casa do deputado Tenório Cavalcanti, coisa pouco comum naquele horário. Seria uma nova escaramuça entre o “Homem da Capa Preta” e os homens do delegado Imparado?

O fato levou José a projetar seus pensamentos para a política nacional, para a crise que se avizinhava. Se dependesse dele e de seus companheiros, Getúlio daria continuidade ao seu programa de governo trabalhista e nacionalista. Os reacionários da UDN seriam derrotados. Mas o importante naquele momento era chegar em casa, tomar um banho, devorar aquela comidinha que dona Aurora deixava separada para ele sobre o fogão, e, finalmente, dormir.

Todos os dias, José saía de casa bem cedinho para trabalhar num escritório no centro da cidade. Do trabalho seguia direto para o colégio e, de lá, retornava para Caxias. Era uma jornada estafante, mesmo assim lhe sobrava tempo suficiente para a militância política. Graças à participação nos movimentos estudantis, José lera Marx, se politizara e dizia para todos que era ateu; menos para d. Aurora, ela não entenderia, coitada.

José continuava caminhando pela rua mal iluminada, agora estava na Rio-Petrópolis, próximo da fábrica de tecidos. Faltavam dois minutos para a meia-noite quando o jovem começou a atravessar a cancela ferroviária que existia defronte ao cemitério do Corte Oito. Mal acabara de chegar ao outro extremo da cancela quando notou um enorme despacho arriado na porta da necrópole. Ao se aproximar da oferenda a luz se apagou por alguns segundos. Quando voltou, um gato negro de olhos brilhantes e ameaçadores se colocara na frente do alguidar. O bicho parecia encarnar a figura do demônio, defendendo o ebó contra possíveis profanadores. Era assustador, Nesse instante uma sombra cruzou com José e, de dentro do cemitério, se ouviu um gemido medonho. Um arrepio percorreu o corpo de José. Sem olhar para trás acelerou o passo. Tentava se controlar, manter a cabeça fria mas...

Afinal, não podendo mais se controlar corra desesperadamente, procurando fugir daquela cena diabólica. Chegou em casa com o coração aos pulos, procurando disfarçar o pânico.

No dia seguinte, enquanto apressadamente tomava o café da manhã, lembrou-se envergonhado do fato acontecido na noite anterior. Não queria acreditar que a visão daquela coisa fosse produto de um delírio, tampouco que o sobrenatural existisse, afinal era marxista e ateu. Resolveu então passar novamente pelo local quando fosse para o trabalho. Queria observar meticulosamente tudo, provar, para si mesmo, que o fenômeno visto durante a noite anterior não passava de mera ilusão dos sentidos.

Naquela manhã ensolarada, José se via, outra vez, na encruzilhada do cemitério. Mas agora tudo lhe parecia diferente. O despacho ainda estava ali, só que todo revirado. Admitiu que o gato assustador não passava de um bichano esfomeado à procura de comida, que nada tinha de sobrenatural. Para a luz que se apagara, tinha uma explicação lógica. Na verdade, nada se apagara, apenas os galhos de uma árvore, com o vento, cobriram, momentaneamente a lâmpada do poste, causando aquela inexplicável escuridão. O gemido medonho fora também resultado do vento sobre as folhas de um canavial próximo do cemitério, concluiu.

Tudo parecia explicado, estava quase em paz com as suas convicções marxistas, podia seguir para o "batente". Quando olhou o relógio para ver se ainda dava tempo de pegar o "mata-sapo", que vinha de Raiz da Serra, reparou que o "cebola" estava atrasado pelo menos 30 minutos, O trem já havia passado há muito tempo. Então a coisa não tinha acontecido à meia-noite. De fato, nada de sobrenatural fora visto. Deu um sorriso e, convicto de suas teorias materialistas, caminhou em direção à Praça do Pacificador. Mas a visão assustadora da noite anterior ficou martelando na sua cabeça.

Trabalhar e estudar...o dia, como sempre, prometia ser estafante.

40- A Cremogema

Ninguém, na manhã que rompia, conseguiu entender, de imediato, o porquê da intensa movimentação de pessoas pelas ruas daquele bairro pobre de Caxias. Era um ir e vir desusado.

Só mais tarde os moradores ficaram sabendo o que de fato estava acontecendo, Uns souberam pela boca de algum vizinho, que cedo saíra para trabalhar e não conseguira chegar ao emprego. Outros ficaram sabendo através de notícias alarmantes divulgadas pelas estações de rádio, que agora informavam estar acontecendo um violento quebra-quebra em Caxias.

Tudo começara com a deflagração de uma greve geral que deixara a população sem transportes. Concentradas na Praça do Pacificador, sem condições de chegar nos seus locais de trabalho, as pessoas se rebelaram, passando a depredar e saquear os estabelecimentos comerciais próximos.

O tumulto começou no centro do município, daí passando para a periferia.

No bairro pobre, sentado na soleira da porta da modesta casa em que residia, o garotinho – mirrado, magrinho, e sustentando pesados óculos – observava, sem entender, a estranha movimentação, aquele vai-e-vem ilógico e perturbador.

Foi quando, de repente, sua atenção se voltou para um grupo de pessoas que começava a forçar as portas de aço do armazém do “seu”. Manoel.

Forcejadas, as portas não resistiram por muito tempo, permitindo que a turba furiosa invadisse o pequeno estabelecimento comercial.

Curioso, o garotinho se levantou de onde estava e correu para ver, de perto, o que estava acontecendo dentro da loja.

Seus olhinhos míopes, protegidos pelas grossas lentes, passaram a acompanhar com excitação o tumulto reinante no armazém.

Gritos, empurrões e impropérios compunham a cena do saque. Homens e mulheres, como que tomados por súbita loucura, avançavam sobre o que podiam e o que não podiam pegar.

Era uma cena chocante, assustadora, mas em alguns casos até grotesca.

Garrafas quebradas e sacos de farinha de trigo arrebatados se espalhavam pelo chão, formando tudo uma mistura fétida, perigosamente escorregadia e cortante.

O garotinho a tudo assistia excitado, assustado, paralisado.

Agora, os mais audaciosos subiam nos balcões para derrubar os produtos estocados nos locais mais altos. Uma estranha cachoeira de latas, garrafas e pacotes diversos, descia das prateleiras sobre a multidão ensandecida. Mãos nervosas recolhiam velozmente as mercadorias que se esborrachavam no chão. Não havia tempo a perder, era recolher o que podia, antes que a "festa" acabasse.

O garotinho, que a tudo assistira do lado de fora, de repente – parecendo também contaminado pela loucura geral –, entrou na loja, se misturando com os saqueadores. Mas, apesar dos esforços que fazia para chegar ao fundo da loja, não conseguia. Era impedido pelo bloqueio daquela massa enfurecida.

Magrinho, mirrado e míope, contrastava com todos aqueles adultos, nesse salve-se quem puder. Foi empurrado, escorregou na gosma resultante da mistura da farinha de trigo com as bebidas espalhada pelo chão e quase perdeu os pesados óculos, presenteados por sua professora. Mas não desistiu de chegar ao fundo do armazém; afinal, era lá que estava o seu sonho de consumo, um esquecido pacote de Cremogema.

Desde que ouvira no rádio o anúncio da Cremogema, um desejo incontido se apossara do menino. Um dia também comeria aquela delícia, igualzinho as crianças da propaganda. A musiquinha não lhe saía dos ouvidos: Cremo...Cremo...Cremo...Cremogema. Insistira com sua mãe para que lhe comprasse a tal Cremogema. A humilde senhora, alegando falta de dinheiro, negou-lhe esse luxo. O menino não voltaria a tocar no assunto...mas agora a Cremogema estava ali, pertinho dele, de graça. Era pegar ou largar.

Num esforço supremo, driblando os histéricos saqueadores, finalmente, conseguiu chegar ao fundo da loja. Com o coração aos pulos, subiu no balcão, ficou na ponta dos pés, mas não alcançou o cobiçado pacotinho de Cremogema.

-Moço, moço! Pega aquela Cremogema pra mim.

Um mulato alto e forte, que sobraçava uma garrafa de Praianinha, olhou displicentemente para o menino e perguntou:

-O que, moleque?

-Pega aquela caixinha de Cremogema, ali...ali, moço.

O mulato não titubeou, sempre com a garrafa de cachaça debaixo do braço, com um salto de felino, subiu no balcão pegou o cobiçado pacotinho e entregou para o garoto. Nesse momento um largo sorriso iluminou o rostinho do menino que tratou de se escafer com a sua Cremogema. Segurando firme o cobiçado troféu, tentou, mais uma vez, passar pelos protagonistas daquele festival de insanidades.

De novo, empurrões, escorregões, palavrões. Um tranco mais forte fez a Cremogema saltar das mãos do guri. Foi um desastre; o pacote caiu no chão, na confusão foi pisoteado, se rasgou, espalhando o seu conteúdo naquele piso gosmento.

Duas lágrimas brotaram daqueles olhinhos míopes. Cabisbaixo, o garotinho voltou para a casa humilde em que morava. Sentou novamente na soleira da porta e deixou seu olhar se perder no horizonte. Os pensamentos davam voltas na sua cabeça. Por que razão não conseguira a tão desejada Cremogema? Afinal, desejara tão pouco.

41-Porque hoje é sábado

Para quem trabalha freneticamente durante a semana, o sábado é uma espécie de oásis. Mesmo para os que pouco ou nada fazem, ele também é aguardado com impaciência. Afinal, o sábado é um dia para os prazeres mundanos. Isso foi bem colocado por Vinícius em "*O dia da criação*".

Mas como eram os sábados dos jovens da minha patotinha na Caxias de antigamente? Uma coisa parecia ser igual para quase todos nós: acordar mais tarde. Depois, como não poderia deixar de ser, tomar café, sair de casa para comprar o jornal e fazer aquelas coisas que não puderam ser feitas no decorrer da semana; e eram tantas: cortar o cabelo, reforçar o guarda-roupa com uma camisa comprada na Ducal, Impecável, no Forte Tupinambá ou em qualquer loja de artigos masculinos espalhadas pelas movimentadas ruas do município.

Mas a noite é que parecia dar ao sábado a verdadeira cara de sábado. Os que estavam namorando iam, obrigatoriamente, para a casa das namoradas, para curtirem um cinema, um baile num dos clubes da cidade ou simplesmente um passeio pelos arredores da casa da eleita.

Mas o que acontecia com aquela rapaziada que estava no "desvio", sem lenço e sem documentos", que não queria ir para os bailes nem para os cinemas? Bem, essa confraria se reunia na porta do Garoto Fluminense ou do Elite para bater papo e, em casos extremos disputar o cafezinho na porrinha. Isso poderia ir até a madrugada ou terminar em poucos minutos; era só alguém ter uma idéia de jerico e sugerir para o grupo uma visita à Boate da Laura, à Pampanini, à Tropicana ou mesmo uma incursão até a distante Rua Alice, no Rio.

Aditivados com algumas cervejas, partíamos eufóricos para aqueles ambientes de poucas virtudes, mas carregados de fantasias e lascividade. Neles, tudo conspirava para a fuga da mesmice e palidez do dia-a-dia, tudo exalava uma atmosfera transgressora e pecaminosa; por isso mesmo se travestiam de uma realidade fora da realidade. Ali, sexo, álcool, perfume barato e "música de corno manso" se misturavam às nuvens azuladas da fumaça dos cigarros, formando uma atmosfera quase irrespirável, iluminada por lâmpadas multicoloridas. Irrespirável, mas excitante.

Outra opção, também muito interessante, era a sinuca do Aracajú, que ficava no segundo ou terceiro andar de um edifício situado na Rio-Petrópolis, ao lado da Galeria Baltazar. A casa tinha um salão grande com várias mesas "profissionais" Tujague.

Era Adalberto, "o primo" - incentivador e líder da rapaziada -, quem nos levava para esses ambientes pervertidos. Exercia o papel de *mestre* daquela turma inexperiente nas coisas mundanas. Ele não abria mão de iniciar os jovens amigos nos mistérios do sexo. Conhecia todas as "pensões", bordéis e cabarés barra-pesada da Caxias de antigamente. Tratava as prostitutas com uma intimidade comprometedora.

Adorava jogar e apostar, claro, devidamente acompanhado de uma loura gelada. A sinuca do Aracajú fazia parte daquele roteiro pouco virtuoso do "primo".

Aracajú, o dono do salão, era um sergipano, com trinta e poucos anos, magro, simpático e exímio jogador de sinuca. Era um verdadeiro profissional do taco. Ficaram famosos os seus "duelos" com Carne-Frita, certamente um dos maiores jogadores brasileiros. Quando os dois "monstros" se encontravam o salão se enchia com gente que ia para apostar ou, simplesmente, admirar aquela contenda incomum.

Mas quando o Clube Recreativo apresentava uma programação interessante, a gente esquecia a porrinha no Garoto Fluminense, o Aracajú e os cabarés. Eu não pensava duas vezes: dava uma graxa caprichada no pisante, tirava aquele terninho comprado na Ducal de dentro do guarda-roupa e colocava em cima da cama para tirar o cheiro de naftalina.

Depois de um banho com direito a muita espuma de sabonete Eucalol, passava Gumex no cabelo, para fazer um topete igual ao do Elvis. Mas esse "rito de passagem" era longo e tinha que ser finalizado com um batismo de English Lavander ou Lancaster. Aí vestia minha "armadura" de Tergal, cujo ponto crítico era dar o laço numa gravatinha, bem fininha; finalmente o guerreiro estava preparado para o combate.

Houve uma época na Caxias de antigamente que os clubes sociais e esportivos dominavam os sábados e domingos das famílias que aqui viviam. Cada bairro tinha um, com esportes, bailes aos sábados - com conjuntos e orquestras - e, aos domingos, a indefectível HI Fi (high fidelity), ou melhor, música reproduzida com recursos de aparelhos eletrônicos.

O clube era um ótimo lugar para se arranjar uma namorada. A gente tirava a garota para dançar e, ao som de um bolero esperto, entrava com aquele papo furado...as vezes o palavrório colava e dali podia surgir um belo romance. Caxias teve muitos clubes: Mocidade, Oriental, Recreativo, Quinhentos, Itapemirim, Mangual, São Bento, Aliança, Rosário e outros que o tempo apagou de minha memória.

Eu era sócio do Recreativo - ainda sou - um clube que começou modestamente na avenida Duque de Caxias e depois foi transferido para a bela e romântica casa que pertenceu a família Vieira, na rua Manuel Vieira.

Era raro eu perder algum baile do Recreativo. Quando a mesada que o velho me dava ainda estava íntegra, embolsava a dita e partia para o meu querido Clube Recreativo, em busca de uma ilusão qualquer. Enquanto o baile não começava, rapazes e moças se dispersavam por entre os canteiros dos jardins da bela residência dos Vieira. O ponto alto era a entrada dos carrões dos membros da diretoria do clube, geralmente comerciantes, pequenos industriais e gerentes de bancos. Não havia quem não ficasse encantado com os Impala, exuberantes, que serenamente deslizavam pelos jardins do Recreativo, trazendo em seu interior belas mulheres.

Aí o baile começava. Os que tinham mesa se acomodavam nela, e nós, da "plebe rude e ignara", ficávamos nos espremendo onde havia espaço para tal, tomando coragem para escolher uma "dama". Para reforçar a coragem e melhorar a *performance*, a gente juntava os "caraminguás" e, no bar, que ficava ao lado do salão, pedia um "Cuba Libre" ou um "Hi Fi"; uisque era para gente de altos cabedais e paladar apurado.

Eram excelentes os bailes do Recreativo, me lembro de dois que mexeram comigo: Ed Lincoln e seu conjunto e o Sete de Ouro, do maestro Cipó. Quando Ed Lincoln começou a tocar não houve quem ficasse parado, todos correram para o salão querendo dançar aquele som suingado, foi um verdadeiro arrastão.

E os carnavais? "Os outros clubes que me perdoem, mas os carnavais do Recreativo eram os melhores". Teria muito para contar sobre os carnavais do CRC, mas acho que não vai ser aqui nem agora.

Quando não eram as "boates" ou os bailes nos clubes, eram os bailaricos na casa de amigos que comemoravam o aniversário de algum familiar próximo. Muitas vezes íamos como autênticos penetras, na maior cara de pau. Penetrávamos como convidados do convidado. Mas sempre fomos muito bem recebidos; e tome bolo com guaraná ou cerveja quente em copinhos de plástico.

Naquele tempo, as diversões de sábado na Caxias de antigamente eram poucas, mas satisfaziam quase que plenamente.

42 – A fotografia nossa de cada dia

A fotografia, como todo e qualquer invento, não é obra de um único gênio louco. Ela é fruto de longo processo e tem muitos “pais”. Mas isso não vem ao caso. O que importa mesmo, para nós, caxienses, é saber como a fotografia, aqui, saltou do 3X4 para as exposições artísticas. Na Caxias de antigamente, ela era utilizada apenas em documentos, ilustrava publicações ou reportava acontecimentos sociais. Basicamente, era isso. E nesse mister tivemos, e ainda temos, fotógrafos competentes e famosos: Rollemberg, Raimundo Gillet, Nilton Almeida Maurício, João Batista, Teixeira, Sebastião Sabino da Silva, Marçal Carvalho de Andrada Silva, Sebastião Carvalho, Everaldo Carvalho, Alexandre Verdeiche de Miranda, José de Oliveira Luiz, Humberto, Gilmar, Aloísio Lins, França, Quincas e Tião, Josafá, Andrade, Agéu Andrade, Rubens (Rubinho) Andrade, Vianna, Aloísio Lins, Nélio Menezes, Adecil Paula Velasco, Péricles de Oliveira Mota, Paulo Martins, Wiltonauar Moura, George Fant, Armando Valente, Ana S. Melo, Lincoln Leite, Marcílio Leite, Francisco Barboza Leite, José Roberto, Rogério Torres, Ismar Santos Vieira, Arias Romera, Raul do Vale, Edmilson Muniz, Josias Muniz, Eraldo Santana, Noel Francisco, Arnóbio, Severino Silva, Raimundo Vieira...

Com raras e honrosas exceções, aqui poucos se preocuparam em usar a fotografia como forma de expressão artística, pelo menos até os anos 70.

Parece ter sido na Feira de Artes do “calçadão” que a fotografia artística fez o seu debute. Na oportunidade, dois expositores, Armando Valente e Wantuil (acho que era este o nome do fotógrafo) levaram suas imagens para que elas fossem comercializadas ao lado de quadros, esculturas e artesanato. Os dois fotógrafos apresentavam estilos bem diferentes. Valente, com imagens no estilo de um Cartier Bresson e, em alguns momentos, lembrando Pierre Verger. Wantuil exibindo, em grandes posterres, efeitos luminosos abstratos. Neles, a máquina fotográfica parecia desnecessária; era algo curioso e revolucionário para aquela Caxias de antigamente.

O segundo evento marcante para a fotografia caxiense foi uma exposição realizada no Bar dos Correios. Intitulada "Exposiquatro", a mostra reunia trabalhos de Barboza Leite, Armando Valente, Rogério Torres e José Roberto. Acredito que, em nossa cidade, essa foi a primeira exposição feita com objetivos artísticos.



Foi no Bar dos Correios (Bar do Bernardino) que se realizou a primeira exposição fotográfica em Duque de Caxias.

Mas não ficou aí. Tempos depois, os fotógrafos Paulo Martins e Wiltonauar lançaram uma publicação, muito bonita, com imagens coloridas que abordavam aspectos arquitetônicos, antropológicos e históricos do município. Essa publicação era, evidentemente, a primeira dedicada exclusivamente à arte fotográfica. Além de tudo, tinha o mérito de ser assinada por Paulo Martins, um dos melhores fotógrafos fluminenses.

Outra publicação – também dedicada exclusivamente à fotografia – viria a lume, agora tendo como autor o professor Armando Valente. Intitulada "Contrastes e Confrontos", o album reunia os melhores trabalhos do professor Valente, recolhidos em suas andanças pela Baixada Fluminense, demais cidades do Estado do Rio de Janeiro e Minas Gerais.

O "I Encontro Imagem e Som" inauguraria uma segunda e importante fase para a nossa arte fotográfica. Naquele evento, a imagem fotográfica, casada com a música, ensejava uma simbiose de grande efeito expressivo. Lembro de um momento em que Chico Fernandes executou, com seu conjunto, o poema musicado "Canto

Norte”, de Newton Menezes, enquanto no fundo do palco, era exibido o curta “Pecisa-se de servente”. A apresentação criou uma atmosfera eletrizante, sendo muito aplaudida por aqueles que lotavam o Teatro Procópio Ferreira. Ali estavam mais de 1.000 pessoas. O “I Encontro Imagem e Som” foi o amalgamento das mais variadas experiências audiovisuais do Grupo Arco (Arte e Comunicação).

O Grupo Arco surgiu quando Barboza Leite propôs, a mim e ao professor Valente, unir o nosso trabalho fotográfico aos seus roteiros. Assim foi feito. A partir daí, passamos a produzir audiovisuais que foram exibidos aqui e na FUNARTE. “Bandeiras do Divino”, um audiovisual fotografado e gravado nas festividades do Divino, em Paraty, foi um dos mais elaborados e bonitos. Mas também apresentamos, no mesmo espaço da FUNARTE, “Caxias, uma cidade”.

Da fotografia saltamos para a cinegrafia de curtas em Super 8. Nessa fase produzimos: “Mar, Amor Amargo”; “Os Grilos do Capitão América” (uma animação que utilizava figuras recortadas de histórias em quadrinhos); “Janela Verde” e outros mais.

Até o advento da fotografia digital, tudo foi muito difícil e caro. As máquinas fotográficas profissionais vinham de fora e entravam no Brasil ilegalmente. Poucos podiam se dar ao luxo de adquirir uma Roleyflex, uma Leica ou mesmo uma modesta Yashica-Matic. Depois, as 6X6 foram sendo substituídas pelas máquinas de 35 mm, mais práticas e com filmes que chegavam a 36 exposições. Uma quantidade absurda para a época. A fase do 135, ou 35, como queiram, foi o reinado das Pentax, Fuji, Yashica, Minolta, Canon e da famosíssima Nikon, mas também da queda da qualidade das fotografias.

Nossos negativos e slides eram revelados e copiados no Laboratório Real, praticamente o único da cidade, cujo proprietário era Leonídio Vieira, empresário que também fora um dos donos da Rádio Difusora. O Real - que ficava na Rio-Petrópolis, próximo da Matriz de Santo Antônio - era um laboratório que apresentava serviços com alta qualidade e preços módicos. Mas quando se tratava de preto e branco, eu e Valente preferíamos o Feitosa, que ocupava uma salinha no edifício que abrigou o Aliança, na rua Dr. Manoel Correa. Também revelávamos nossos preto & branco no Laboratório Wanda, ao lado da Igreja do Rosário, na praça Monte Castelo, no centro do Rio.

Apesar da fotografia ter dado um enorme salto - com o advento das maquininhas digitais -, a arte fotográfica ainda engatinha e continua sendo vista como arte menor. Pagamos caro por um quadro, algumas vezes de qualidade duvidosa, mas comprar uma fotografia, nem pensar.

43 – Ainda a fotografia

Não resisto, volto ao tema. No capítulo anterior esbocei, mal e porcamente, o que me pareceu ser a origem da fotografia, como

forma de expressão artística, na Caxias de antigamente. Agora vou explicar como comecei nessa arte, pouco reconhecida como tal.

Acho que o meu gostinho pela fotografia surgiu ainda na infância, observando o velho Etienne mexer e remexer no seu equipamento barato, precário, mas que apresentava resultados satisfatórios. Quando não estava consertando ou montando um rádio, estava, fatalmente, revelando, copiando ou "aperfeiçoando" o seu material fotográfico.

Em Vaz Lobo, muitas noites saí em sua companhia para fotografar letreiros de neon, o do Colégio Republicano era o favorito. Casamentos, batizados, aniversários e férias da família eram por ele fotografados com dedicação "profissional". Mas não ficava só nisso, como o seu salário era curto, tinha que ser criativo, inventivo. Não esqueço o primeiro *flash*, fabricado por ele mesmo, utilizando como refletor uma concha de feijão. O "sucesso" do *flash* fez com que se lançassem projetos mais ambiciosos, dentre os quais a produção de um ampliador todo feito em madeira compensada, incluindo as roldanas que elevavam a lente do aparelho. Era uma engenhoca rústica mas bem-feita e eficiente.

Foi nessa atmosfera carregada de velhos rádios e equipamentos fotográficos curiosos que vivi os dez primeiros anos da minha infância. E como gostava das excentricidades do velho.

Um dia, não sei por qual motivo, resolveu abandonar a fotografia. Fui por ele escolhido como legítimo herdeiro daquele espólio fotográfico mequetrefe: um telêmetro descascado e impreciso e a sua queridíssima Drey de fole. Andei tentando fotografar com a Drey, mas sem sucesso, as imagens saíam desfocadas. Acabei desistindo.

Só voltaria a me reconciliar com a fotografia nos anos 60, quando comprei uma "vagabundérrima" Kodak-Rio 400. Essa pequena, ordinária e simpática máquina era a primeira a ser fabricada pela Kodak no Brasil, sendo uma homenagem ao quarto centenário da fundação da Cidade do Rio de Janeiro. Depois passei a maquininha para minha mãe, que jamais bateu uma fotografia sequer.

Certa vez, num desses feriadões, nossa turma, de jovens professores, resolveu ir para Saquarema. Aí, resolvi adquirir uma câmera decente. Comprei uma Olympus Pen. A Pen era japonesa, compacta, que dobrava o filme, toda automática e que apresentava resultados excepcionais. Com ela obtive fotografias maravilhosas dos manguesais de Saquarema. A partir daí, eu e Valente, passamos a dar à fotografia uma atenção toda especial. Para qualquer lugar que fôssemos, não dispensávamos nossas câmeras. E foi assim, sem que percebêssemos, nos tornamos fotógrafos amadores verdadeiramente obsessivos.

Procurando melhorar o "equipamento", troquei, no "Jan", a Olympus Pen por uma Zenit semiprofissional. A Zenit era uma câmera, barata, fabricada na União Soviética. Sua principal vantagem era vir

equipada com uma lente Helios 44 que fotografava até pensamento; mas a mecânica era apenas sofrível. A cortina, vez por outra, engasgava. Uma pena. Mais uma vez troquei a câmera, agora por uma Miranda. Embora quase desconhecida, era uma verdadeira Ferrari. Com ela fiz lindas fotos em Petrópolis.

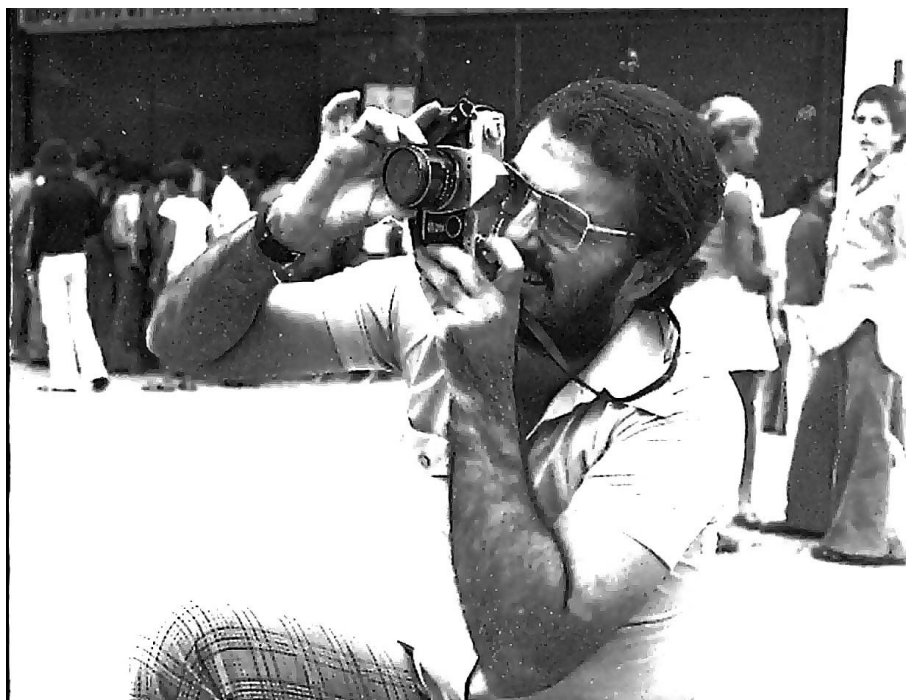
Agora, eu e Valente, vivíamos numa roda viva. Toda semana íamos para o centro do Rio de Janeiro tomar um verdadeiro banho de cultura fotográfica. Além disso, comprávamos, compulsivamente, livros e revistas. Quando sobrava tempo e disposição, a gente ia para o "Aeroporto do Galeão" "tirar casquinha" nas revistas de fotografias importadas. Trocávamos com relativa frequência - no "Jan", "Dino", "Amiel" ou "Carvalho" - câmeras, filtros, lentes, flashes, fotômetros e kelvinômetros.

Valente era o mais sectário e perfeccionista. Lia tudo, fazia cursos de fotografia e formou uma biblioteca verdadeiramente espetacular. Suas fotos eram muito bem cuidadas. Quando feitas em papel, procurava evitar que elas fossem tocadas por pessoas descuidadas. O cara era um chato de galochas, mas com talento invulgar.

Curiosamente, foi a fotografia que nos abriu as portas para a História da Baixada Fluminense. Aos sábados, domingos e feriados, a gente saía para fotografar e, nessa faina, nos metíamos em ermos caminhos. Aqui ou ali, uma velha fazenda, uma antiga igreja, um porto em ruínas. O que tudo aquilo representava? A resposta para tantas perguntas levou-nos, fatalmente, a leitura de textos dos viajantes que por ali haviam passado. A fotografia passou a ser um meio e não um fim em si mesma. Agora, o importante era saber o que havia acontecido naqueles lugares exaustivamente fotografados.

Através das lentes de nossas câmeras, fomos descobrindo a História da Baixada: Estrela, São Bernardino, Fazenda do Pantanal, Vila de Iguaçú. Guia de Pacobaíba, Fazenda da Mandioca, Fazenda São Paulo...

Um dia "seu" Valente colocou as trochas num caminhão e se mudou com a família para Volta Redonda. Chico Santos e Barboza Leite também se foram para "*distâncias infinitas*". O Grupo Arco acabou, mas a produção audiovisual continua, agora conduzida pelas mãos de gente competente e cheia de gás. Paulo Martins, Rezinho (Waldemar Lapoente) e Rodrigo Dutra não me deixam mentir.



Armando Valente 'pilotando' a sua Pentax na Feira de Artes.

44 - Miscelânea

Existem coisas que são importantes demais para serem esquecidas, mas muito pequenas para serem esticadas em várias laudas. Pensando assim, resolvi fazer rápidas referências para tudo aquilo que não pude ou não soube desenvolver. Mil perdões. Vamos lá...

Vou lembrar uma figura extraordinária; era meu vizinho: Paulinho do violão. Paulinho era filho do velho Joaquim sapateiro. Tocava um violão esperto e sabia cantar, cantar e contar histórias. Para sobreviver formou um conjunto que se apresentava neste e noutros municípios da Baixada Fluminense. Seu talento musical permitiu-lhe acompanhar cantores e cantoras que faziam sucesso, Emilinha Borba foi uma delas. Quando o baile não era aquela "brastemp" eu ficava enganando na bateria. Toquei em muito "risca-a-faca" da Caxias de antigamente.

Paulinho tinha um humor fora do comum. Um dia, enquanto dedilhava o violão, comentou comigo: *"...pois é, este ano fiz três coisas boas, deixei de fumar, larguei o emprego e briguei com a noiva."*

De outra feita, saiu-se com esta: *"...estou apaixonado por uma coroa muito legal, só tem um problema, ela não tem os dentes. Quando ri a boca parece uma goiaba...toda rosa"*.

Empolgado com o conjunto do Paulinho, gostando de Glenn Miller e curtindo um jazzinho de Nova Orleans, resolvi ser músico também. Foi um dia de finados na minha casa, o velho disse que músico era profissão de vagabundo, coisa e tal. Mas eu queria. Assim determinado, fiz minha matrícula na "Lira de Ouro". Comprei um trompete todo quebrado - num ferro velho que ficava na avenida Nilo Peçanha com Maurisa - e fui aprender solfejo; que chatice. Deixei o solfejo e passei a ter aulas, na própria Lira, com o professor Venâncio. Um excelente músico, mas geneticamente um casca grossa. Ensinava música dando porradas com a batuta nos dedos dos alunos. Por essas e outras, um dia, um colega já adulto, plantou-lhe o trompete no meio dos cornos. O instrumento virou um L. Dei muitas risadas. Desisti da música, não dava para mim. Hoje, o que os meus desnutridos neurônios permitem executar é um pandeiro

chinfrim, cujas primeiras aulas me foram dadas pelo João "Ferrão", lá em São Bento.

Ainda falando de música...lembro do Luiz Keller, autor do sucesso cantado por Wanderléia: "Pare o Casamento". O garoto era uma personalidade interessante. Magrinho, elegante, olhar sonhador, cantando bem e dono de um repertório abarrotado de Frank Sinatra, fazia o maior sucesso com as "girls".

Um dia, Luiz Keller sumiu de Caxias. Foi alçar novos vôos. Entre 1976 e 1979, junto com a cineasta Tânia Quaresma, produziu e dirigiu o projeto Trindade, que reuniu grandes instrumentistas brasileiros em 12 documentários de curta-metragem.



Saudades de Luiz Keller

Bill Haley, quem diria, tocou em Duque de Caxias. E foi no Carlinhos Auto-Peças, aquele clube que ficava próximo do Cine River. Quando o show estava para acontecer, Eldemar, que iria entrevistar Bill

Haley e precisava de um forógrafo, me convidou para bater alguns retratos. Não recusei, peguei a minha Ricoh "caidinha" e fui para o CAP. O clima era de festa, mas tenso. Enquanto Bill Haley não chegava os Fevers davam, direitinho, o seu recado. Enfim, o líder dos Cometas chegou. Eu e Eldemar seguimos para o camarim e lá aconteceu a entrevista, acompanhada das devidas fotografias. Chegava a hora de Bill Haley entrar no palco. Fui para o meio do salão, junto com o fotógrafo de O Dia e ali ficamos esperando o astro aparecer. Puta que pariu, só dizendo assim... quando o conjunto entrou, a multidão desembestou, saiu atropelando tudo, levei uma banda e só não me estabaquei no chão graças à mão providencial do fotógrafo de O Dia, que me segurou. Mas que foi emocionante, isso foi.

Menos emocionante que a presença de Haley foi a chegada da baleia Moby Dick na terra de Lima e Silva. Claro que não era a Moby Dick do romance do americano Herman Melville. O cachalote aqui aportado era um animal comum, que algum espertalhão, com o espírito de *Bye Bye Brasil*, resolveu explorar. Claro que a bicha estava morta e para que se mantivesse conservada, recebia injeções de formol. Mesmo assim, fedia bem. Durante um bom tempo ficou na avenida Presidente Vargas, quase diante do Bar dos Correios. Aliás, naquele mesmo espaço eram armados os circos que chegavam na Caxias de antigamente, ali ou próximo do River.

Lembro de um circo que se instalou na Presidente Vargas e que me impressionou muito. Pela primeira vez na vida eu via um engolidor de fogo. O dito engolidor de fogo era um mulato atlético, metido numa roupa parecida com a do Aladim, aquele da lâmpada maravilhosa. Na hora que ele ia se apresentar, as luzes do circo eram apagadas, o cara enchia a boca de querosene e, levantando os braços na altura da cabeça, aspergia o líquido sobre as pequenas tochas que trazia nas mãos. Era um clarão impressionante. A gente podia até sentir o calor do fogo e o cheiro do querosene. O nome artístico do engolidor de fogo era Príncipe Nabor.

E a simpática eguinha tordilha que atendia pelo nome de Primavera? Obedecia fielmente ao comando do seu domador, um homem alto, metido numa roupa que lhe dava a aparência de um caçador inglês, daquele que vemos em antigas folhinhas.

Porém, meus arroubos machistas faziam com que eu me identificasse mais com o Capitão Ângelo Zito, que desafiava as leis da física, com sua motocicleta no globo da morte. No picadeiro um globo metálico era armado e dentro dele o Capitão Ângelo Zito ficava dando voltas em altíssima velocidade em todos os sentidos daquela esfera diabólica. O ronco do motor do veículo e o cheiro de combustível queimado davam ao espetáculo um clima excitante. Eta ferro!

Mais emocionantes e assustadoras que a pasmeira da baleia assassina foram as apresentações da Monga a "mulher macaco" um estranho "fenômeno científico", como diziam os apresentadores do espetáculo. O negócio até que era interessante. Os donos do espetáculo montavam uma tenda. No fundo, dentro de uma jaula, ficava uma "linda" mulher, as luzes iam se apagando e aquela mulher se transformando num feroz gorila. O animal enfurecido começava a forçar a porta da jaula. Num determinado momento, não suportando a força descomunal do símio a porta se escancarava e a mulher-macaco se lança sobre o público. Era um corre-corre desenfreado. Passado o susto, a gargalhada era geral.



Monga dava medo...

Coisa séria - que deixou em suspense o povo que se aglomerou na Presidente Vargas - foi a exibição de um grupo de "aramistas", se não me engano, da Alemanha. Do edifício mais alto daquela movimentada avenida, foi esticado um cabo de aço que era atado no Edifício Alpi. O grupo atravessava o delgado fio de um lado para o outro e ainda fazia acrobacias. Eram, verdadeiramente, corajosos...

45- Eleição, jaqueira e caixa de sabão

Começava a fechar os últimos capítulos desse “Caxias de Antigamente” quando a ficha caiu e me lembrei que no domingo, 7 de outubro de 2012, deveria votar. Iria até Caxias para exercer o direito (na verdade obrigação) do voto. Isso me fez refletir sobre a trajetória de um eleitor que, hoje com 70 anos, acreditou que pelo voto poderia mudar o Brasil. Não resta dúvida que tivemos mudanças, mas foram bem poucas aquelas trazidas pelo voto. Verdadeiramente, as grandes transformações vieram através das pressões exercidas pelo povo organizado em memoráveis manifestações nas ruas, ou por força de algum referendo. Lamentavelmente, o voto serviu apenas para reproduzir um sistema de representação ineficiente e corrupto. É triste reconhecer que o voto pouco adiantou para se erigir uma sociedade verdadeiramente democrática e igualitária.

A primeira vez que depusitei o meu voto numa urna, tinha 18 anos e, por incrível que pareça, nessa mesma eleição fora nomeado mesário. Eu nem sabia votar, imaginem trabalhar numa eleição. Todos aqueles que iriam participar das eleições de 1960 tiveram uma sumaríssima orientação por parte das autoridades eleitorais, aliás como sempre aconteceu. Naquele tempo tudo era bem mais complicado: não havia a urna eletrônica; não recebíamos refeição o policiamento era precário e a ineficiência do sistema ensejava a formação de filas gigantescas. Os tumultos eram freqüente, quase sempre provocados por cabos eleitorais que faziam boca-de-urna e em alguns casos invadiam as seções eleitorais e roubavam as próprias urnas. Na Caxias de “*muito antigamente*” o eleitor chegou a depositar o seu voto em caixote de sabão. Estes eram depois substituídos pelas verdadeiras urnas devidamente recheadas com votos colocados por desonestos, mas poderosos candidatos.

Assim, dentro desse clima de tumultos e insegurança, depusitei numa urna, pela primeira vez, o meu voto para eleger o presidente da República. Votei no marechal Lott, mas ele foi derrotado por Jânio Quadros. Votei com toda credulidade, deu no que deu.

Saíamos de um governo de esperanças e progresso e caímos nas mãos de um presidente demagogo e sem um projeto claro para o Brasil. Jânio Quadros, como diria Afonso Arinos, era a "UDN de porre". A renúncia de Jânio provocou uma crise política incontornável, que desaguardaria no golpe de 1964.

Pela segunda vez desconfiei do valor do meu voto quando, como milhares de caxienses, ajudei a eleger o dr. Moacyr Rodrigues do Carmo para a prefeitura. Moacyr elegera-se pelo MDB, partido de oposição, mas, tempos depois, pressionado pelo governo militar, filiou-se na ARENA. Votei no MDB, acabei elegendo um prefeito para a ARENA. Coisas da "política".

Mas se os políticos fraudavam e transgrediam a legislação eleitoral, não eram os únicos. Lembro que na minha "brilhante trajetória" de mesário, presidente de seção, escrutinador e presidente de mesa apuradora, pude observar a leniência de membros do judiciário em relação à voracidade dos candidatos de sua preferência. No formulário onde estava escrito que deveríamos preencher com caneta, ordenavam que o dito formulário fosse escrito com lápis. Não entendia o porquê.

Mas a vingança dos eleitores desvalidos se "*assentava sob a sombra sonora*" de uma velha e folclórica jaqueira que ficava nas proximidades do Fórum. Ali, os candidatos, sob a proteção da velha e frondosa árvore, ficavam aguardando o resultado das eleições. Como a maioria seria excluída do processo, perguntar por algum deles tinha como resposta: "está na jaqueira". Ir para a jaqueira, estar na jaqueira era dizer que o postulante ao exercício de um mandato fora derrotado. Mas isso passou, a jaqueira, como o Muro de Berlim, foi derrubada, os tempos são outros.

E a tal urna eletrônica, merece mesmo confiança? Sei lá! Fico pensando: qual a razão dos Estados Unidos da América do Norte não ter ainda modificado o seu sistema de votação e apuração? E a Europa? Só o Brasil e a Índia ainda usam máquinas de 1ª geração, a Argentina já usa máquinas de 3ª geração, que permitem ao eleitor conferir o próprio voto. Mas se as urnas eletrônicas não oferecem 100% de confiabilidade, tem o mérito de facilitar a vida do eleitor. As filas, praticamente, acabaram e podemos saber no mesmo dia quem foi para a jaqueira.

Deixa para lá, o certo é que, ainda, teimosamente, nutro uma pequena esperança de mudar alguma coisa através do voto secreto e universal. Poderia ser diferente?

46 - Uma Caxias que passa, outra Caxias que surge

Nada permanece imóvel. Lembrando o pai da Química moderna, diria que "tudo se transforma". Caxias não poderia fugir a esta regra. Vivi numa Caxias que pouco se assemelha com a Caxias de hoje. Aquela cidade provinciana, cheia de carências - de todos os tipos - mas onde todos se conheciam deu lugar a um município, dinâmico e economicamente desenvolvido. Mas, com tudo isso, alguns problemas continuam a desafiar as autoridades. Sabemos que eles não são gerados unicamente aqui, são frutos das práticas perversas do corrompido sistema de poder exercido no Brasil, que teima em resistir à modernidade. É lamentável ver um município que arrecada valores fabulosos, continuar amargando a falta de hospitais, de segurança pública, de saneamento e de uma educação com qualidade. Não se pode admitir que nosso IDH seja um dos piores do Estado do Rio de Janeiro.

Reconheço estar longe o tempo em que Caxias parecia ser terra de ninguém, onde a corrupção eleitoral era flagrante, o crime impune e que a população, de tão envergonhada, evitava dizer onde morava. Mas isso não pode nos obrigar a admitir que parte significativa da classe política se mantenha indiferente - seja por incompetência ou falta de sensibilidade social - aos desafios oferecidos pela nova Caxias que surge.

Afinal, exigimos respeito.

Índice

Prefácio 6

- 1- Caxias de antigamente, primeira impressões 8**
- 2-Lalú e Benedicta 13**
- 3-De Vaz Lobo para São Bento 17**
- 4 A Rio-Petrópolis 31**
- 5 -Mudando para o Edifício 25 de Agosto 37**
- 6 -O Edifício 25 de Agosto 41**
- 7 -Uma cidade explosiva 45**
- 8 -Patrulha da Cidade 48**
- 9 -A Praça do Pacificador 49**
- 10-Os sons da cidade 55**
- 11-Sarapuí, ouvindo o mundo
e falando para as estrelas 57**
- 12 -A feira 65**
- 13 -A cidade partida 68**
- 14 -A Nilo Peçanha 72**

- 15-O comércio era a cara da cidade 87**
- 16-Novos Tempos 90**
- 17-Pegando firme no "basquete" 99**
- 18 -No CFPEN 102**
- 19 -A Moça do "Mate com Angu" 108**
- 20 -Heróis em Bronze 113**
- 21 -O Dia da Criação 118**
- 22 - Começaria tudo outra vez 120**
- 23 - Feijoada completa 123**
- 24 - Zé 125**
- 25 - Zés menos felizes 127**
- 26 - O rapaz da bengala 129**
- 27 - A cidade revelada 131**
- 28 - Meninos, eu vi...e de pertinho 135**
- 29 - A Roliúde da Baixada 139**
- 30 - Um santo que fumou,
bebeu e escreveu 143**

- 31-Um "pau-de-arara" genial 149**
- 32-O Edifício Alvorada 152**
- 33-Rua José de Alvarenga 157**
- 34-A Feira de Artes 163**
- 35-Flávio Poeta 167**
- 36- Era uma casa brasileira, com certeza 169**
- 37-Lauriano Cardoso 174**
- 38-O Velho Adriano 176**
- 39-O encontro macabro 180**
- 40-A Cremogema 182**
- 41- Porque hoje é sábado 185**
- 42-A fotografia 188**
- 43-Ainda a fotografia 192**
- 44-Miscelânea 195**
- 45-Eleição, jaqueira e caixa de sabão 199**
- 46-Uma Caxias que passa, outra Caxias que surge 201**